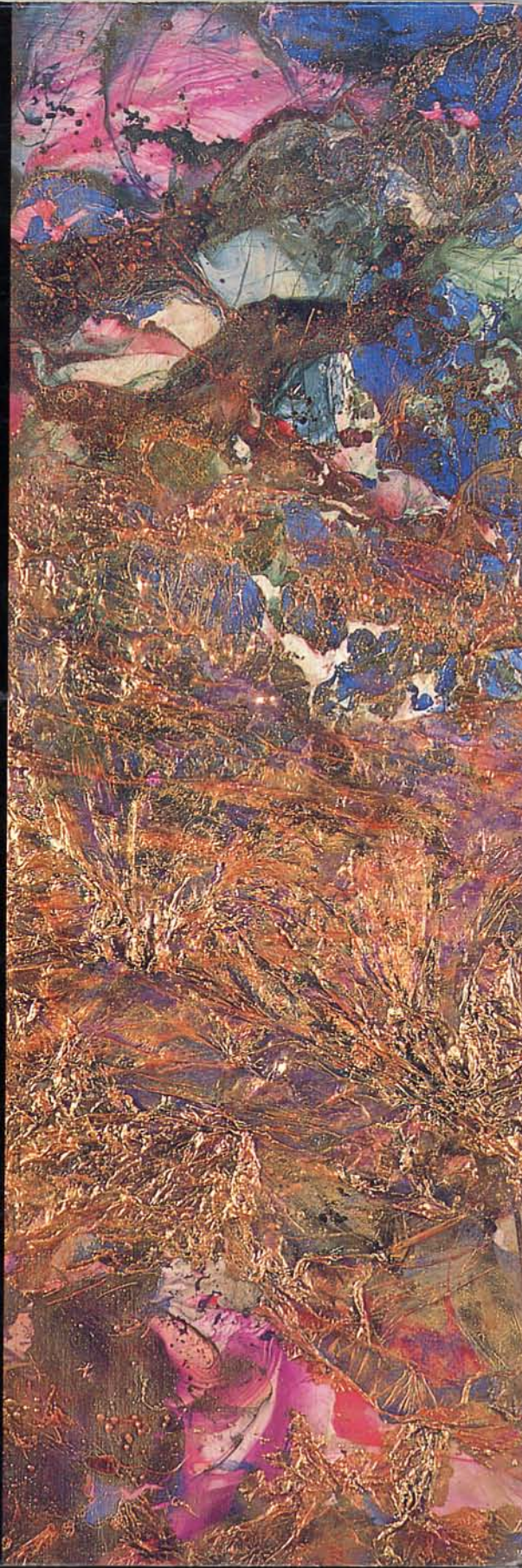




Mario de Sa - Carneiro - 1920 - 1921



MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

1890-1916



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO  
1890-1916

BIBLIOTECA NACIONAL  
LISBOA  
1990

## FICHA TÉCNICA

*Coordenação*  
ANTÓNIO BRAZ DE OLIVEIRA

*Realização*  
DIVISÃO DE SERVIÇOS DE INVESTIGAÇÃO  
António Braz de Oliveira

DIVISÃO DE SERVIÇOS DE ACTIVIDADES CULTURAIS  
Rosa Maria Vasconcelos Mota

*Pesquisa Bibliográfica*  
MANUEL ALVES, LÚCIA LIBA MUCZNIK, MANUELA RÊGO

*Direcção Gráfica*  
CARLOS ABREU

*Revisão*  
JÚLIA ORDORICA

*Catálogo*  
FÁTIMA LOPES  
– manuscritos –  
MANUEL ALVES  
– impressos e índices –

*Revisão da Catalogação*  
JOSÉ CARLOS SOTTOMAYOR

*Exposição*  
JOSÉ MARIA SALDANHA DA GAMA  
– coordenação –  
MARIA JOÃO ARAÚJO, MIGUEL AVELAR  
– colaboração –

*Fotografia*  
JOSÉ FABIÃO, MANUELA RÊGO, JOÃO BERNARDO SANTOS

*Catálogo Recomendada*  
PORTUGAL. Biblioteca Nacional  
Mário de Sá-Carneiro, 1890-1916 /  
Biblioteca Nacional. — Lisboa :  
BN, 1990

012 Carneiro, Mário de Sá  
869.0 "18/19" (01)  
929 Carneiro, Mário de Sá (01)  
061.4 (469) "1990"

PATROCÍNIO

**GALP**

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO . . . . .	9
ESTUDOS	
Itinerário humano de Mário de Sá-Carneiro por <i>Maria Aliete Galhoz</i> . . . . .	13
Algumas marcas simbolistas na poesia de Sá-Carneiro por <i>Paula Morão</i> . . . . .	23
Sá-Carneiro, Aquilino Ribeiro e o futurismo por <i>Dieter Woll</i> . . . . .	31
Os olhos futuristas por <i>Fernando Cabral Martins</i> . . . . .	47
Mário de Sá-Carneiro ou a reposição permanente dos enigmas por <i>Ana Nascimento Piedade</i> . . . . .	53
CRONOLOGIA	
Cronologia da vida e obra de Mário de Sá-Carneiro por <i>Marina Tavares Dias</i> . . . . .	63
BIBLIOGRAFIA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO	
Nota explicativa . . . . .	71
I. Manuscritos . . . . .	73
II. Impressos . . . . .	89
Bibliografia activa . . . . .	91
Bibliografia passiva . . . . .	113
ÍNDICES . . . . .	157

## AGRADECIMENTOS

A Biblioteca Nacional agradece a especial colaboração de:

Ana Nascimento Piedade, Cruzeiro Seixas, Dieter Woll, Fernando Cabral Martins, Gracinda Sousa, Jeanne Pinto de Figueiredo, João Abel Manta, Joaquim Carvalho, José Narciso, Luís Félix Marques, Manuel Vilhena de Carvalho, Maria Aliete Galhoz, Maria da Paz, Marina Tavares Dias, Mário Botas, Miguel Mira, Paula Morão, Paulo Cardoso.

Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, Café Martinho da Arcada, Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses – Camarate, Centro de Arte Moderna, Companhia de Seguros Bonança – EP, Petrolgal – SA, RN Trans.

## APRESENTAÇÃO

Ao passar o primeiro centenário do nascimento de Mário de Sá-Carneiro, a Biblioteca Nacional não podia alhear-se de uma evocação que é dever da cultura literária portuguesa e das instituições a ela ligadas. Figura grande e singular das nossas letras, tem sido geralmente prejudicada pelo excepcional relevo dado ao seu contemporâneo, amigo e companheiro de aventuras literárias Fernando Pessoa. Mas a verdade é que esse companheirismo intelectual e o próprio reconhecimento frequentes vezes expresso por Sá-Carneiro de que via em Pessoa o seu mestre não impediu uma afirmação bem própria numa produção que não se confunde nunca com a de Pessoa (ou de qualquer outro), mesmo quando Sá-Carneiro queria seguir as suas teorias modernistas, paúlistas ou sensacionistas.

Sá-Carneiro foi o poeta da distância, do vago, da cor, do impossível, que se revela sobretudo em poemas como «Sugestão», «Quase», «Inter-sonho», «Vislumbre» e que, ao transpor para a prosa os seus anseios e tormentos, prolongou numa forma mais maleável o tratamento das suas obsessões, sem perder jamais a sua qualidade poética.

«Emigrado astral após fantasiada guerra», pode dizer-se que Sá-Carneiro nunca se sentiu bem no mundo em que era forçado a viver. Dos pontos de vista artístico e de sensibilidade, Sá-Carneiro foi um romântico fora do tempo próprio, cujos ecos e caminhos procurou encontrar nas formas decadentistas mais próximas de si, como o simbolismo e o saudosismo, que utilizou torturadamente em volta da angústia que nunca conseguiu superar. A sua inadaptação levou-o ao suicídio, que, aos 26 anos, impediu o seu completo desenvolvimento como homem e como escritor. Sem permitir imaginar o que uma vida mais longa teria produzido, a obra de Sá-Carneiro, embora relativamente curta, justifica plenamente que se lhe dê atenção no panorama



do seu tempo, mas sobretudo como obra independente e bem específica, que não encontra paralelo na nossa literatura.

Segundo uma concepção que pretende ajudar a ver e compreender o homem e o artista, a exposição e o seu catálogo — que, no Outono, serão apresentados ao público do Porto — são a homenagem da Biblioteca Nacional ao grande poeta português que foi Mário de Sá-Carneiro. Em nome de todos os que nela colaboraram, quero registar aqui o agradecimento ao patrocínio Galp que a tornou possível.

MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA  
Directora da Biblioteca Nacional

---

# ESTUDOS

---



## ITINERÁRIO HUMANO DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

MARIA ALIETE GALHOZ

*Eu nunca pude fundir o corpo e a alma numa proporção normal. O meu corpo andou sempre separado, independente da alma... e como materialmente corpo e alma formam um todo – daí a minha inquietação incessante.*

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO, *Carta a Ricardo Teixeira Duarte*, Paris, 2 Dez. 1912<sup>1</sup>

O itinerário humano de Mário de Sá-Carneiro está-lhe inscrito, a bem dizer, no fulgor fascinado do brilho, da glória, do amor e da morte que induzem o percurso meteórico, por um lado, e de *tenaz aplicação*, por outro, da sua Obra. Sumptuária obra, com sua inclinação de dandismo, de irrealizável apetência amorosa, de luxo, de prodigalidade imparável<sup>2</sup>, que *mata* seus personagens masculinos em «auges» insustentáveis, – queda de Ícaro, vitória de Thanatos sobre Eros –, e o *queima* a si próprio em hipótese de viabilidade de «ir na vida como os outros» ou, sequer, por último, em aguentar por mais tempo, (mais algum tempo!), o rastro «áureo» e «estertorado» do seu final de Paris.

---

<sup>1</sup> Ricardo Teixeira Duarte, amigo íntimo de Mário de Sá-Carneiro desde os tempos de estudante do Liceu. Esta carta foi publicada por Fernanda TORIELLO, *La Ricerca Infinita: Omaggio a Mário de Sá-Carneiro*, Bari: Ed. Lusitania/Libri, 1987; p. 130.

<sup>2</sup> François CASTEX é quem mais tem estudado esse aspecto da escrita e do desejo de Mário de Sá-Carneiro. Ver, por exemplo, o que diz na comunicação «Sá-Carneiro: lettres à l'inconnue», na *Nova Renascença*, Porto, 8, Primavera/Verão de 1988, p. 279-294, nomeadamente p. 279: «[...] qui connaît tant soit peu Sá-Carneiro sait son goût pour le luxe et les beaux décors, il y a chez lui quelque chose du 'dandy', [...]»

- Aquelle outro -

o dubio mascarado o mentiroso  
Afinal, que passou na vida incógnita  
o Rei-lua postigo, o falso atômico  
sem no fundo o estorço rijo.

Um rei de Pa'gem bôls ~~perseguido~~  
sua Alma de neve arco dum nome  
sem animo cantado como maldade  
Um lacais invertido e presunso.

o seu verme nem auria - o fãpa-aforda,  
(Seu coração talvez unido a corda...)  
Aparar de seus heros ao Teoaf

o corrio, o raivoso, o derred  
o ~~balão~~ anotando Ympis astral  
o majo sem endão o esfinge gorda

Poni ferreiro 1916 5

Dessa diferença, ao mesmo tempo inadaptada e com qualquer coisa de superior, deram-se conta os seus amigos da tertúlia intelectual dos tempos do Liceu, dois deles, bem próximos, também prematuramente arrebatados pela morte, exactamente os dois com quem escrevera, em colaboração, as duas peças de teatro que de Mário de Sá-Carneiro se conhecem<sup>3</sup>. Os testemunhos que esses companheiros de camaradagem estudantil liceal (os tempos talvez mais despreocupados da vida de Mário de Sá-Carneiro) prestaram sobre ele após a sua morte são unânimes em salientar uma personalidade singular, rica, mas já de humor instável e esquivando-se ao trato, embora acabasse por se abrir aos amigos em quem confiava<sup>4</sup>.

A primeira grande fonte, posteriormente dada a conhecer, confirmando a obra de Mário de Sá-Carneiro e, mais ainda, acutilantemente reveladora do homem e do artista que foi, consistiu sem dúvida na correspondência de amigos que manteve, de alma a alma, com Fernando Pessoa<sup>5</sup>. Correspondência não inocente da consciência do diálogo literário ímpar que também significava e que faz dizer a Mário de Sá-Carneiro em uma das cartas, talvez respondendo a igual alusão de Fernando Pessoa:

Você tem razão, que novidade literária sensacional o aparecimento em 1970 da *Correspondência Inédita* de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro – publicada e anotada por... (perturbador mistério!)<sup>6</sup>.

Mas correspondência, mesmo assim, de uma veracidade inequívoca, que conta o itinerário da sua vida exterior passo a passo, no discorrer do seu quotidiano e, igualmente, mostra em todos os seus recônditos a agitação do seu mundo interior, o desconforto do seu físico mal aceite («o Esfinge gorda» que dirá no poema «Aquele outro» de Fevereiro de 1916), sonhos de glória, a inquietação da alma por um ideal de Beleza que o cumulasse e, ensombrando-o sempre, a certeza de se «não ver nunca no futuro», como que já sentindo-se votado, fatalmente, ao fulgor e à brevidade. A perda de parte da

<sup>3</sup> Em 1910 escreve com Tomás CABREIRA JÚNIOR a peça intitulada *Amizade*. Tomás Cabreira Júnior, com 19 anos, suicida-se no átrio do Liceu Camões, com um tiro de pistola, a 9 de Janeiro de 1911. Sá-Carneiro escreverá, nesse ano, dedicado à memória do amigo, o poema «A um Suicida», confessionalmente verídico e já vesanicamente ensombrado. No verão de 1913, escreve com António Ponce de LEÃO a peça *Alma* que só viria a ser publicada em 1982. António Cardoso Ponce de Leão viria a falecer em 1918, vítima da pneumónica.

<sup>4</sup> Cf. Rogério PEREZ, «Biografia Esquecida. Mário de Sá-Carneiro: o poeta na rua e na intimidade. *Diário de Lisboa*, 13 Out. 1938.

<sup>5</sup> *Cartas a Fernando Pessoa*, Lisboa: Ática, 1958-1959, 2 v. E *Correspondência inédita de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, 1980.

<sup>6</sup> «Carta de 20 de Julho de 1914»; *op. cit.*

fortuna do pai e o esboçar-se o segundo casamento deste e a partida para África já rondando a meia idade e o desfazer-se, por isso, da casa que mesmo sem mãe lhe fora um lar, abalaram Mário de Sá-Carneiro e são marcas que passam discretamente e totais nessas confidências cada vez mais desoladas e lúcidas que vai fazendo ao amigo dilecto. O tempo final de Paris, já em 1916, perturba-se ainda mais por um episódio de que Mário de Sá-Carneiro dá notícia a Fernando Pessoa mantendo um certo mistério dizendo-lhe que se havia realizado a parte sexual da sua obra. Uma aventura amorosa com uma atrizita ou *petite femme* parisiense que parece ter-se-lhe dedicado sinceramente pois não o abandonou na crise final suicida; e talvez se chamasse de facto Hélène. Mas aventura de ocasião, perturbante pelos sentidos<sup>7</sup>, perdulária e insustentável. Último embriagar-se no fascínio do *décor* de Paris, das suas luzes de um paraíso ocioso de luxo. A falta de dinheiro entenebreceu o encantamento e precipitou o fim que ao mesmo tempo alucinado e lucidamente Mário de Sá-Carneiro como que esquivava e via irremediável<sup>8</sup>.

Foi irremediável. A «Zoina», como chamava à percepção que tinha de um seu pressago destino, soprou pela última vez. Foi ainda Fernando Pessoa quem recebeu a confiança do fim, em todas as suas terríveis circunstâncias, por carta de um amigo de Mário de Sá-Carneiro em Paris, José Araújo a quem aquele pediu que comparecesse naquele dia, 26 de Abril de 1916, sem falta, às 8 horas da noite em ponto, no seu quarto no hotel Nice. José Araújo assim fez e encontrou-o deitado sobre a cama, vestido de cerimónia, e que lhe disse:

Acabei agora de tomar cinco frascos de arseniato de estriçnina, peço-lhe que fique.

José Araújo saiu a buscar um copo de leite e a procurar socorro mas quando voltou para o levarem ao hospital apenas pôde assistir-lhe à agonia de pavoroso sofrimento: às 8 horas e 20 minutos expirava<sup>9</sup>. Como dizia fre-

---

<sup>7</sup> Talvez lance alguma luz nessa totalidade inesperada da ligação de Mário de Sá-Carneiro com Hélène, chamemos-lhe assim, a exaltada sensualidade sensorial e de desejo expressa nas duas «lettres à l'inconnue» que François Castex revelou e onde na segunda, talvez não enviada, escrevia em Janeiro de 1913: «J'ai dit: 'Les morsures sont les seules caresses dignes de votre chair'. Donc, dans un baiser d'âme, j'ose – oui, follement, j'ose! – vous mordre aux lèvres!...

.....  
Aurai-je encore votre pardon?...

Artigo citado na nota 2, p. 300.

<sup>8</sup> «Carta a Fernando Pessoa de 17 de Abril de 1916», *op. cit.*

<sup>9</sup> Carta de José Araújo, escrita em Paris a 10 de Maio de 1916 e dirigida a Fernando Pessoa. Publicada pela primeira vez por nós própria, *Mário de Sá-Carneiro: vida, pensamento, obra*, Lisboa: Presença, 1963, p. 187-192. Documento pungente sobre o fim de Mário de Sá-Carneiro, dele transcrevemos não as palavras que descrevem o horror da forma do seu suicídio mas a reve-

quentemente nas cartas a Fernando Pessoa «*Eu sou dos que vou até ao fim*», inexoravelmente o foi – a sua taça, dourada à partida, foi ele que a encheu do fel vivo que bebeu.

A correspondência de Mário de Sá-Carneiro é assim toda ela «retrato» do que percorreu e foi na vida, marcada da sua idiossincrasia pessoal, sempre pródiga, mas não despudoradamente, no desvendar-se e querer partilhar com o pai, o avô, os amigos, a ama, a sua ânsia de afectividade carinhosa de que se mostrava tão carecente como uma criança mal segura de si. É constante a sua súplica e avidéz de resposta que o acompanhe e sossegue um pouco. Isto de mistura com a revelação de um sólido juízo estético e de um espírito maduramente culto e que transparecem nas suas cartas que não foram apenas trocadas com Fernando Pessoa, embora estas constituam o mais volumoso número até hoje dado a público. Cartas a companheiros do Liceu<sup>10</sup>, a amigos do tempo de *Orpheu*<sup>11</sup>, a seu pai e avô<sup>12</sup>, têm ultimamente vindo a lume e outras se sabe que estão na posse de bibliófilos ou herdeiros dos destinatários<sup>13</sup>. Todas testemunham da sua fidelidade e apego às suas afeições firmadas na confiança. Uma, porém, merece destaque pois se revela axial de um auge crítico para Mário de Sá-Carneiro; não tem ainda uma perspectivização de tragédia, é antes uma confissão cruciante na sua inábil tentativa de se procurar na vida normal que não sabia viver. É a que escreveu a 19 de Novembro de 1911 de Coimbra, 11 páginas ansiosas em que suplica a seu pai que o tire de Coimbra, que não suporta, e do Curso de Direito, que considerava, dada a

---

lação de uma faceta de Mário de Sá-Carneiro: a sua capacidade de ser fielmente amigo de quem obtinha a sua confiança. Citamos: «Vou pois contar-lhe minuciosamente o triste fim do nosso pobre Sá-Carneiro, mas antes vou dizer-lhe em duas palavras como o conheci e como em tão pouco tempo, eu tive um dos meus melhores amigos, e com certeza o mais íntimo. Conheci-o há uns seis meses apresentado por Carlos Ferreira num dos restaurantes do Faubourg e desde esse dia, eu tive um bom amigo e vice-versa, não sei explicar-lhe como se deu este caso bem extraordinário de mais que eu não sendo um escritor nem poeta, mas pertencendo ao comércio, cousa bem material; não sei; um mês depois não se passava um dia sem que nós estivessemos conversando em qualquer café, horas e horas, por aqui já o meu amigo deve calcular quanto desgosto tive com a sua morte, e como ele e mais ninguém me compreendia».

<sup>10</sup> Cf. o livro de Fernanda TORIELLO indicado na nota 1.

<sup>11</sup> Ver *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Pedro Guisado, José Pacheco*, Porto: Limiar, 1977.

<sup>12</sup> Ainda Fernanda TORIELLO, livro indicado na nota 1 e Marina Tavares DIAS, *Fotobiografia [de] Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa: Quimera, 1988.

<sup>13</sup> Levantamento quanto possível exaustivo por Fernanda TORIELLO, livro indicado na nota 1; e João Pinto de FIGUEIREDO, *A Morte de Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa: D. Quixote, 1983.



forma do seu espírito, impossível tirar. Esta carta revela-a pela primeira vez, em reprodução autógrafa, Marina Tavares Dias na sua *Fotobiografia* de Mário de Sá-Carneiro<sup>14</sup>.

A sua obra, o seu legado intelectual, torna-se «coisa grave» também devido à coerência do sofrimento que o «desceu» a voz muito humana, tão visível nos «Últimos Poemas» em que em «O Fantasma» anuncia quase em voz baixa e humilhada:

*O que farei na vida – o Emigrado  
Astral após que fantasiada guerra –  
Quando este Oiro por fim cair por terra,  
Que ainda é oiro, embora esverdeado?*<sup>15</sup>

Essa interrogativa, a suspensão com que ele próprio lhe respondeu pela morte, é hoje fundura na sua obra, o património que dele nos ficou.

Têm-no frequentado muitos, atraídos pelo brilho estético com que fulgura mas também, creio, pelo espelho de uma sondagem de alma que na poesia se vai volvendo exemplo. De todos esses, que somos nós, cito apenas a frequência, exemplar, de dois, ambos de alta e nobre leitura compreensiva e que, tendo ainda se cruzado, mutuamente em Mário de Sá-Carneiro se falaram: Fernando Pessoa e José Régio.

Fernando Pessoa, na altura que os jornais noticiaram a morte de Mário de Sá-Carneiro, ou se ocuparam dele posteriormente, guardou silêncio público. Escreve contudo a outro amigo de alma, Armando Côrtes-Rodrigues, já regressado definitivamente aos Açores, a 4 de Maio de 1916:

Meu querido Côrtes-Rodrigues:  
Não lhe tenho escrito. Tenho atravessado uma enorme crise intelectual. E agora estou muito pior, com a enorme tragédia que nos aconteceu a todos.  
O Sá-Carneiro suicidou-se em Paris no dia 26 de Abril.  
Não tenho cabeça para lhe escrever, mas não quero deixar de lhe comunicar isto.  
Claro está que a causa do suicídio foi o temperamento dele, que fatalmente o levaria àquilo. Houve, é claro, uma série de perturbações que foram as causas ocasionais da tragédia.  
[...] Uma grande desgraça!<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Marina Tavares DIAS, obra citada na nota 12, p. 105-107.

<sup>15</sup> *Obra Poética* de Mário de Sá CARNEIRO, org. de António Quadros, Mem Martins: Europa-América, [1985], p. 154.

<sup>16</sup> *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, org. de Joel Serrão, Lisboa: Confluência, 1945, p. 76-77.



O encontro de fala, sobre Mário de Sá-Carneiro, entre Fernando Pessoa e José Régio deu-se através do volume de sonetos *Biografia* que José Régio enviara ao Poeta mais velho e admirado. Respondendo, diz Fernando Pessoa a José Régio em carta de 17 de Janeiro de 1930:

«Acabo de ler, por inteiro, e num só hausto feliz, o seu livro *Biografia*, há meia hora recebido. É um livro admirável, porém a sua leitura, para em seu efeito ser mais admirável, faz-me saudades. Faz-me saudades do maior amigo meu, do único grande amigo que tive – o Mário de Sá-Carneiro, a quem a leitura dos seus sonetos entusiasmaria como uma boa nova.»<sup>21</sup>

José Régio, ele próprio senhor de uma sensibilidade estésica, privilegiava o estatuto de criação genial em Mário de Sá-Carneiro sobre o que ele achava a excessiva cerebralização intelectualizada do génio poético de Fernando Pessoa. Princípio que defendeu na sua tese de licenciatura, em Coimbra, em 1925<sup>22</sup>, e até certo ponto manteve como preferência de poesia. A compreensão do fantástico e do feérico e do muito sensível, além do sensorial, da obra de Mário de Sá-Carneiro, da sua imagética riquíssima, fez José Régio debruçar-se sobre «o caso» de Mário de Sá-Carneiro na sua vivência da cisão do 'eu', dos meandros contraditórios da psique. Isso levou-o a transpô-lo para a dinâmica do palco, o teatro e certo excesso de teatro sendo tão caros ao próprio Mário de Sá-Carneiro. Escreve a peça «Mário ou Eu Próprio – o Outro: episódio tragicómico em um acto», incluído no volume, saído em 1957, *Três peças em um acto*<sup>23</sup>. Esta sondagem procura expressar em dialéctica regiana (sempre, ao fundo, o seu tema da luta de Jacob e o Anjo), o debate, mais metapsíquico de Mário de Sá-Carneiro, nomeadamente a novela «Eu próprio o outro», de *Céu em Fogo*<sup>24</sup>. Uma frase desta novela ('Eu Próprio o outro') é um relance sobre o fundo do 'caso':

O mais doloroso é que ele não sabe que me absorveu porque não me admirava.  
Se ele admirasse, seria eu quem o absorveria<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> Citámos pelo magnífico ensaio de Fernando J. B. MARTINHO «Mário de Sá-Carneiro e José Régio», *A Cidade: revista cultural de Portalegre*, Nova Série (4/5) Jul./Dez. 1989 – Jan./Jun. 1990, p. 20-24; p. 22 especialmente.

<sup>22</sup> Publicada pelo autor sob seu nome de baptismo, José Maria Reis Pereira, *As correntes e as individualidades na moderna poesia portuguesa*, [Vila do Conde, 1925].

<sup>23</sup> Lisboa: Portugália, 1957. Reeditados, com algumas emendas do autor, pela mesma editora, em 1969.

<sup>24</sup> Mário de Sá CARNEIRO, *Céu em Fogo: novelas*, 2.<sup>a</sup> ed., org. por Maria Aliete Galhoz, Lisboa: Ática, [1966].

<sup>25</sup> Edição citada em nota 24, p. 221.

José Régio não poderia conciliar, senão por tragicómico, o final diferenciado a que aponta o «Além» de Mário de Sá-Carneiro e o seu próprio (de José Régio) combate com Deus num desafio que o procura e que não acontece na busca *astral* de Mário de Sá-Carneiro. Para ambos, contudo, o eu final privilegia sobre o Outro. O Anjo da Morte passa em ambos e não se sabe se há a conciliação para que tendemos todos.

O OUTRO:

Estás mais calmo? Quanto mais gritas, menos te eu oiço.

MÁRIO (*mais sereno. Vai decaindo a um tom elegíaco*):

Já não falo para ser ouvido. Não grito para que me oiçam. Quem me ouviria, quem?! Tu já me sabes de cor. E não há ninguém, em parte nenhuma, senão tu e eu. Só eu e tu, que nem precisas de ouvir-me. Só tu e eu, que não posso suportar-te: demasiado grande para mim, demasiado belo! Tu que me não poupas, eu que te não poupo... Deus éramos tu e eu, por que fomos separados? Por que atiraram ao chão o Esfinge Gorda, como um trapo que se deita fora, e ao mesmo tempo me deixaram lá em Cima...?

O OUTRO:

Perdão: me deixaram a mim.

MÁRIO:

A ti ou a mim, que importa! (*Breve silêncio. Levanta a cara.*) Ficou alguém lá em Cima?...<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Edição citada em nota 23, 1969; p. 138-139.

## ALGUMAS MARCAS SIMBOLISTAS NA POESIA DE SÁ-CARNEIRO

PAULA MORÃO

Mário de Sá-Carneiro nasceu num ano assinalado por vários sintomas de crise, quer a nível social e político (veja-se o Ultimatum inglês e a movimentação em seu redor), quer a nível literário (Camilo Castelo Branco suicida-se, e com ele declina um certo filão narrativo; Eugénio de Castro publica *Oaristos*, afirmação decisiva do Simbolismo português). Nascido e criado no ambiente de crise generalizada do fim-de-século, adolescente e adulto em tempos não menos conturbados, dir-se-ia que as circunstâncias e o destino pessoal de Sá-Carneiro se modulam e acordam com esse contexto, em que aos aspectos de desagregação e decadência múltimoda se juntam os factores de aceleração e alargamento de horizontes próprios de um tempo em que novas vias se configuram. No que diz respeito ao seu percurso literário, torna-se claro que se inscreve nas obras a relação dinâmica com uma tradição simbolista, portuguesa e não só; é sobre alguns dos rastos dessa tradição na obra lírica de Sá-Carneiro que aqui me quero deter<sup>1</sup>.

Do simbolismo assimila o poeta o vocabulário das sensações e o seu tratamento sinestésico (cumprindo, aliás, o programa do sensacionismo, gizado por Pessoa), ou o de um exotismo feito de 'Oriente', 'princesas' e outros 'raros vocábulos', em torno de campos semânticos como o dos materiais preciosos (jóias e pedras, ouro e bronze, perfumes e flora orientalista). No entanto, Sá-Carneiro não se fica apenas por uma ganga vocabular, antes usa esses elementos na constituição de um universo poético de extrema densidade e unidade – é o que se lê nos seus livros *Dispersão* e *Indícios de ouro*. Vejamos algumas linhas de leitura que o possam comprovar.

Começemos pela referência explícita a António Nobre em «Anto», personagem nobreana que corporiza aqui a temática do tédio, esparsa em muitos

---

<sup>1</sup> Utiliza-se a edição das *Poesias*, Lisboa: Ática, 1973.

# ANTO

---

CAPRICHOS de lilaz, febres esguias,  
Enlevos de Ópio — Iris-abandono . . .  
Saudades de luar, timbre de Outono,  
Cristal de essencias langues, fugidías . . .

O págem débil das ternuras de setim,  
O friorento das carícias magoadas;  
O principe das Ilhas transtornadas —  
Senhor feudal das Tôrres de marfim . . .

Lisboa, 1915 — Fevereiro 14.

∴ MARIO DE SÁ CARNEIRO ∴

outros textos de Mário de Sá-Carneiro; a paragem temporal, que se torna evidente na ausência de verbos conjugados, é no poema traço importante da des-realização que caracteriza 'Anto', 'o pajem débil', 'O príncipe das ilhas transformadas - | Senhor feudal das Torres de marfim'. 'Anto' é uma personagem de fábula, de mundo imaginado, longínquo, isolado e impossível, que a primeira quadra situa num ambiente de sensações esvaindo-se ('febres esguias', 'essências languens, fugidias') e de referências a uma natureza caminhando para o fim ('luar' - noite e disforia; 'Outono'). O hipocorístico, nome truncado a caminho do pseudónimo e da infantilização, que o poeta do *Só* escolheu para se nomear, torna-se aqui funcional e reforçado: 'Anto' é um rosto possível do sujeito que escreve em *Indícios de Ouro*, como ele príncipe de um reino que nunca foi, como ele isolado num reino de aparências; ou, citando José Régio a propósito de Nobre, Sá-Carneiro é, como este, «Narciso doente e por isso mesmo tanto mais apaixonado, com as suas próprias desgraças físicas se enfeita para se rever no espelho da sua arte»<sup>2</sup>.

A herança do tédio oitocentista lê-se em Mário de Sá-Carneiro no excesso, força e/ou fragilidade, que rodeia a caracterização de um sujeito que se não reconhece na unidade de si, antes se desmultiplica num outro, em outros; gera-se assim o paradoxo que reside na simultaneidade que há entre um 'eu' que se defronta com a sua própria face insustentável e fugidia, e um 'eu' que sente fluidas as fronteiras de si. Daí resulta o drama de uma extrema solidão, por um lado, e por outro o da dispersão, que consiste no alargamento das fronteiras do sujeito, feito sensações em sinestesia, feito líquido (v. g.: «*Alastro*» - «Partida», est. XI, ou '*Na minh'alma tudo se derrama*' - «Quase», est. III) ou desdobrando-se no espaço virtualmente infinito do labirinto ('*Sou labirinto*' - «Partida», est. XI; '*Perdi-me dentro de mim | Porque eu era labirinto*' - «Dispersão», est. I), do poço e do abismo ('*Numa ânsia de ter alguma cousa, | Divago por mim mesmo a procurar, | Desço-me todo, em vão [...]*' - «Escavação», est. I).

O tédio, profundamente ligado à impossibilidade de ser e se reconhecer uno, é já em Sá-Carneiro um enormizado '*Além-Tédio*' (cf. o poema do mesmo nome), excesso dramático, ruína e consumição, num trabalho de Sísifo que condena o sujeito a um recomeço destinado à derrota e à infinda repetição, princípio da des-razão em que só se subsiste à beira do abismo. Os movimentos de trajectória curva, que são os predominantes, ajudam ao intensificar da vacilação de um sujeito cujas sensações '*ondeiam*' ou '*se virgulam*', sobretudo se a isso se juntar uma aceleração vertiginosa, como em «*Rodopio*».

---

<sup>2</sup> José RÉGIO. *Pequena história da moderna poesia portuguesa*, Porto: Brasília Editora, 1976 (1.ª ed., 1941).

Ligando-se a esta caracterização de um sujeito de fronteiras fluidas, situa-se outra extensão temática do simbolismo, com particular relevo também na obra de António Nobre: um vector da doença narcísica cruza-se com uma solidão que o 'eu' constrói, reforça e afirma; em Mário de Sá-Carneiro, ela está patente na teoria do desejo e do afecto impossíveis, que o isolam ainda mais dos outros, que '*possuem* - | *Um affecto, um sorriso ou um abraço*', enquanto o 'eu' se diz '*castrado de alma e sem saber fixar[se]*' («Como eu não possuo», est. I e V). A posse impossível significa a radicação do sujeito na ausência e na falha, entregue a si mesmo e à evidência da sua imagem deceptiva. As consequências disto são vastíssimas, como se verá lendo *A confissão de Lúcio* ou a novela de *Céu em fogo* «Mistério» (sobretudo o capítulo IV), porque a negada posse do outro reforça a vertigem do 'eu' virado sobre si mesmo, com a certeza de que a projecção para fora de si é impossível, e condenado a transfigurar-se em espaço enorme, labiríntico e sem saída.

Sendo projecções do 'eu' no espelho que lhe devolve a sua face em estilhaços, as personagens femininas (nas novelas como nos poemas) não representam figuras reais, antes são insubsistentes ou se conformam a modelos muito precisos; de entre eles há que destacar a Salomé herdada dos simbolistas. Em Eugénio de Castro, por exemplo, ela está a caminho de se libertar da história bíblica da filha de Herodíade, para passar a ser centro de uma atmosfera de sensações difusas, desenvolvendo-se num cenário exótico; mas, em Mário de Sá-Carneiro, de Salomé só resta o nome, representando o excesso das sensações e do corpo sugerido na sua nudez. Em «Salomé» ou em «Bárbaro», em «Como eu não possuo» ou em «Certa voz na noite ruivamente»<sup>3</sup>, a '*princesa*' dançarina é uma figuração perversa do feminino, descendente de uma linhagem simbolista, mas excedendo-a enquanto representa, não a sinestesia, nem sequer o efeito dela sobre quem vê o seu bailado, mas o corporizar de sensações vindas do interior do próprio 'eu', numa projecção do seu lado feminino, conflituoso e agressivo.

Daí que a Salomé de Sá-Carneiro seja expressão de um desejo perigosamente próximo da morte - a dela mesma, que se anuncia na eliminação do masculino, sem o qual ela não poderá subsistir, e a de um sujeito '*voyeur*' que nela projecta o seu próprio desejo perverso. É disso que nos fala o final de «Bárbaro» - '*Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta, | Ou a minha Alma só que me explodiu de cor...*', ou versos como este do poema «Salomé» - '*A doida quer morrer-me*' (morrer para mim, matando-me).

Sujeito e objecto confundem-se assim de modo inextricável, tanto mais que os seus limites tendem para o absoluto da indistinção; é o que acontece

<sup>3</sup> Na edição utilizada, o título deste poema surge erradamente como «Certa voz na noite ruivante».



também com a temporalidade acrónica característica do alargamento da consciência, contaminando-se os tempos uns aos outros como no poema «Dispersão» – ‘*Para mim é sempre ontem, | Não tenho amanhã nem hoje: | O tempo que aos outros foge | Cai sobre mim feito ontem*’ (est. III). Uma tal visão do tempo não permite ao ‘eu’ situar-se, pois a lógica da efemeridade e da sucessão (que sustentam o ontem/hoje/amanhã) não o atinge; em vez disso está um tempo materializado, espesso e pesado, numa opressiva reificação do abstracto. Há mesmo versos em que este domínio de Cronos sobre o sujeito invade todo o sentido da vida (por exemplo, ‘*Passar tempo é o meu fito, | Ideal que só me resta*’ – «Cinco horas», est. XIII), transformada no que fica de uma luta inglória.

Nesta temporalidade alucinada, que se opõe à unificação do sujeito, dois núcleos fortes se destacam. O primeiro deles é o instante, evidência de que a retenção do tempo é impossível, obrigando a que o sujeito só possa concluir isso mesmo, reconhecendo-o em si como traço da sua própria identidade – «*Sou o instante*» (cf. «O fixador de instantes», *Céu em fogo*). O outro destes núcleos é a repetição, ligada à memória e ao ‘já-visto’, acentuando o peso dramático da dispersão, porque ela se faz sempre a partir de um mesmo nó de elementos constitutivos, num gigantesco *puzzle* (cf. «A estranha morte do Professor Antena», *Céu em fogo*)<sup>4</sup>.

Chegamos assim a um complemento da temporalidade, sem o qual o entendimento desta só será parcial: se o tempo em Sá-Carneiro se estrutura em impasse, o modo como na obra se configura o espaço só o vem corroborar. Consideremos então esse elemento nos poemas de abertura de *Dispersão* e de *Indícios de oiro*.

O livro de 1914 abre com «Partida», em que se fala da ‘*alma ampliada*’ (est. VII) de um sujeito que diz depois: ‘*Sinto os meus olhos a volver-se em espaço! | Alastro, venço, chego e ultrapasso; | Sou labirinto, sou licorne e acanto*’ (est. XI); ao ‘volver-se em espaço’, ao ‘alastrear’, dir-se-ia que o sujeito se dispersa, saindo dos seus limites num movimento desmesurado – mas o ‘labirinto’ é afinal a figura que o constitui, e por isso a abertura é aparente, esbarra nas paredes intransponíveis de um espaço edificado segundo uma estratégia bem precisa (que consiste no oscilar entre a abertura possível e o fechamento que o impasse vem a ser).

Por sua vez, a «Epígrafe» que abre *Indícios de oiro* situa o livro sob o signo de uma espacialização que confirma a de «Partida»: define-se um cenário (‘*A sala do castelo é deserta e espelhada*’), espaço opressivo e multiplicador da face do próprio ‘eu’, obrigado a confrontar-se com a sua imagem num

<sup>4</sup> Tratei este assunto desenvolvidamente em «Tempo e memória na ficção de Sá-Carneiro», a publicar no número da *Colóquio. Letras* dedicado ao poeta.

lugar imenso, fechado, fortificado, como que preparando-se para a luta com um adversário que de si mesmo terá de sair, uma vez resolvida a busca que empreende (*'Tenho medo de Mim. Quem sou? De onde cheguei?'*).

Esta breve observação dos poemas de abertura quer apenas situar a questão de uma espacialidade que se complexifica na poesia de Sá-Carneiro, segundo eixos que é possível determinar. Assim, pode dizer-se que este é um espaço de paisagem edificada (não de natureza aberta), com labirintos, castelos, torres, salões, paços reais, praças<sup>5</sup>. Se o víssemos desligado do contexto, tal parece apontar para características positivas, mas os poemas dizem constantemente que se trata de um cenário de luta mortífera, em que, por entre *'elmos', 'gumes' e 'punhais'*, o *'eu'* se arma cavaleiro para o duelo com a outra face de si, em versos como *'De embate ao meu amor todo me ruo, | E vejo-me em destroço até vencendo'* («Como eu não possuo», est. IX). O *'eu'* protagonista é também o cenário, o fundo em que se desenvolvem as acções, e assim o espaço ganha intensidade e potencialidades dramáticas; é o que se lê claramente em «Não» – *'Longes se aglomeram | Em torno aos meus sentidos, | Nos quais prevejo erguidos | Paços reais de mistério. | Cinjo-me de cor | E parto a demandar'* (est. I e II).

Estamos aqui perante um uso da simbólica do cavaleiro e da sua demanda que, tendo em memória o anterior «Palácio da Ventura» e o seu «Paladino da Verdade», os ultrapassa; em Mário de Sá-Carneiro, mais radicalmente do que em Antero, a derrota inscreve-se desde o início da jornada mítica. Um poema como «Taciturno» ajuda a confirmar que assim é: *'No meu mundo interior cerraram-se armaduras, | Capacetes de ferro esmagaram Princesas. | Toda uma estirpe real de heróis de outras bravuras | Em mim se despojou dos seus brasões e presas'* (est. II); leia-se este poema na íntegra, e veja-se como nele se afirma o *'meu mundo interior'* como o lugar da batalha entre o *'eu'* e a sua face especular.

Uma outra ramificação do espaço pode ligar-se à que acabamos de ver: o cenário referido constrói-se de encontro a uma rede de mitos e suas personagens. O labirinto (em que o *'eu'* está ora na posição de Dédalo – o arquitecto, ora na de Teseu – o herói, ora na do Minotauro – o monstro a abater), a esfinge, as quimeras, a sereia ou a fénix, entre outros, são elementos dessa radicação no ficcional, em seres que existem apenas como fantasmáticas projecções do *'mundo interior'* glosado em toda a lírica de Sá-Carneiro. As figuras da materialidade, como os castelos, as torres ou o próprio labirinto, estão pois minadas por uma avassaladora dispersão, essência do *'eu'* de que são

---

<sup>5</sup> O espaço urbano e cosmopolita de Paris, em muitos poemas de *Indícios de ouro*, tem laços com o que agora defino, mas tem também aspectos específicos, a merecer um comentário detalhado; este não cabe, no entanto, no meu actual propósito.

múltiplas faces. E até a petrificação se revela ineficaz, no propósito de tornar pesada, imóvel e fixa a imagem do 'eu': a 'estátua', disseminada em vários poemas, revela-se afinal 'falsa' e insubsistente; isso nos dizem os versos do poema «Estátua falsa» em que se estabelece, pelo verbo ser, a relação de identidade do 'eu': '*Sou esfinge sem mistério no poente*' (est. I), '*Sou estrela ébria que perdeu os céus, | Sereia louca que deixou o mar; | Sou templo prestes a ruir sem deus, | Estátua falsa ainda erguida ao ar...*' (est. IV e última).

Nos meandros de uma poética como esta, de extremo cuidado na composição técnica (metrificação, ritmos e rimas são usados com grande versatilidade e rigor), encontram-se, como tentei mostrar, ligações várias a uma tradição simbolista; mas é *por dentro* do fazer poético que Mário de Sá-Carneiro a defronta, modulando um universo vincadamente obsessivo de acordo com o projecto inovador de *Orpheu*. É no trabalho sobre a palavra (como as cartas abundantemente documentam) que o poeta encontra um modo de suportar um mundo vivido como hostil; aí radica, porventura, a intensa inquietação que dimana de todos os seus textos e atinge quem o lê hoje, em novo fim-de-século.

## SÁ-CARNEIRO, AQUILINO RIBEIRO E O FUTURISMO\*

DIETER WOLL

Na história das primeiras repercussões do futurismo na literatura portuguesa há que incluir um nome de que poucos esperarão esteja relacionado com esse movimento artístico: o de Aquilino Ribeiro. É verdade que Aquilino não desempenhou, ao nosso saber, nenhum papel dentro do grupo futurista de Lisboa que se manifestou no famoso espectáculo realizado no Teatro República, a 14 de Abril de 1917 e, alguns meses mais tarde, ainda em 1917, no único número publicado da revista *Portugal Futurista*. Também não nos consta estar directamente relacionado com as manifestações do futurismo literário dentro do grupo da revista lisboeta *Orpheu*, de 1915. Todavia é quase certo que influenciou, com um artigo sobre a pintura futurista, num trecho curioso de prosa de um dos colaboradores de *Orpheu*, e não se exclui a hipótese de que as informações acerca dos processos técnicos dessa pintura, que aí fornece, inspiraram a técnica interseccionista de uma série de poesias incluídas no segundo número da própria revista.

De 5 a 24 de Fevereiro de 1912 realizava-se na Galeria Bernheim-Jeune de Paris a famosa exposição de pintura futurista que revelou à Europa as pro-

\* O presente artigo é a primeira parte da versão ampliada de uma conferência pública pronunciada no dia 19 de Março de 1975, no quadro do Seminário Permanente da Universidade Nova de Lisboa sobre «O Modernismo em Portugal e no Brasil e as suas relações interdisciplinares». O texto integral foi publicado na revista *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, Münster, 16, 1980, p. 83-99. Tendo Alfredo Margarido feito algumas observações acerca de Sá-Carneiro e o Futurismo, no seu artigo «A complexa relação de Mário de Sá-Carneiro com o cubismo» (*Colóquio. Artes*, Lisboa, S.2, A.31 (82), Set. 1989, p. 32-41), com referências concretas ao nosso, voltamos a publicar este último, juntando-lhe no fim mais algumas observações, destinadas a continuar a discussão sobre questões igualmente interessantes para a história da literatura e da pintura portuguesas em vésperas da Primeira Guerra Mundial.

duções da nova escola italiana e que, até Outubro do mesmo ano, se deslocaria a Londres, Berlim, Bruxelas, Haia, Amesterdão e Munique<sup>1</sup>. Aquilino Ribeiro deu conhecimento desse acontecimento ao público português através de um artigo intitulado «A Pintura 'Futurista'», datado de Paris, 17 de Fevereiro de 1912, e publicado na revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 316, de 11 de Março de 1912 (págs. 345-347). Baseando-se nos quadros da exposição e, mais ainda, no texto do catálogo que a acompanhava<sup>2</sup> caracteriza aquilo que ele chama «uma coisa estupenda, inimaginável» (p. 345). Tratando-se de um documento cheio de interesse para a história da cultura portuguesa, para além daquelas partes que aqui nos ocuparão mais especialmente, transcrevemos a seguir na íntegra o texto, que é acompanhado na revista, de gravuras a preto e branco dos seguintes quadros, cujos títulos reproduzimos na tradução portuguesa empregada no próprio artigo: *A rusga*, de Boccioni, *Ídolo moderno*, do mesmo, *Um comboio a toda a velocidade* (sem indicação de autor), de Russolo, *O «Boulevard»*, de Severini, *O riso*, de Boccioni, *A dança do Pan-pan no «Monico»*, de Severini (mais uma reprodução, portanto, do original que depois se perdeu e foi substituído, em 1959/60, pelo próprio pintor por uma reconstrução baseada em fotografias<sup>3</sup>), *A rua entra pela casa*, de Boccioni, e *A revolta*, de Russolo<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Cf. *Archivi del Futurismo*, raccolti e ordinati da Maria Drudi GAMBILLO e Teresa FIORI. 2 v., Roma, 1958 e 1962, especialmente v. 1, p. 476 e segs. Passamos a citar esta colectânea sob a forma abreviada de *Archivi*.

<sup>2</sup> U. BOCCIONI, C. CARRÀ, L. RUSSOLO, G. BALLA, G. SEVERINI: «Les exposants au public», *Les peintres futuristes italiens*. Exposition du lundi 5 au samedi 24 février 1912. Paris, chez MM. Bernheim-Jeune & Cie. Transcrito em *Archivi*, 1, p. 104 a 108.

<sup>3</sup> Cf. *Archivi*, v. 2, p. 337, n.º 9, e o catálogo da exposição retrospectiva realizada em Paris, de 19 de Setembro a 19 de Novembro de 1973, no Musée National d'Art Moderne: *Le Futurisme: 1909-1916*, Paris: Ministère des Affaires Culturelles, Éditions des Musées Nationaux, 1973, p. 123. Uma reprodução a cores do original de 1911 encontra-se no suplemento de *The Sketch*, London, 20 Mar. 1912, exposto na exposição retrospectiva de Düsseldorf, de 1974: «Wir setzen den Betrachter mitten ins Bild: Futurismus 1909-1917».

<sup>4</sup> Trata-se dos seguintes títulos que no catálogo da exposição de 1912 vêm todos referidos em versão francesa e que aqui damos na forma como os enumeram os *Archivi* a págs. 477 do 1.º volume, onde falta, porém, *La retata*, de Boccioni (*A Rusga*, no artigo de Aquilino): *Idolo moderno*, *Treno in velocità*, *Il boulevard*, *La risata*, *La danse du «pan-pan» à Monico*, *La via entra nella casa* e *Rivolta*. Cf., para os dados sobre estas obras e para reproduções em gravura: *Archivi*, v. 2, p. 257, n.º 99; 264, n.º 217; 305, n.º 2 (aqui com o título de *Treno in corsa nella notte*); 337, n.º 6; 266, n.º 248; 337, n.º 9; 268, n.º 288 (aqui com o título de *La strada entra nella casa*) e 306, n.º 11.

## Eis o texto de Aquilino:

Acaba de aparecer em Paris uma coisa estupenda, inimaginável: a arte futurista. Um habitante de outro planeta exibido numa jaula, não provocaria mais sucesso nem mais concorrência. Os sequiosos de novidade desalteraram-se. Os amorosos de inédito desmaiaram de voluptuosidade. O *nihil novi sub sole* caducou formalmente.

É Bernheim-Jeune que oferece a Paris, na sua galeria famosa, este espectáculo mais sensacional que as danças do Cambodge em 1909. Paris passa por lá, comove-se, extasia-se, empina-se, apupa, e sai divertido planteando: *quels types!*

Com efeito, *quels types*, os futuristas! Eles aboliram o finito das concepções, as leis enferrujadas da mecânica, da física e da estética que regulavam o mundo. Rembrandt, Velázquez, Segantini, o discutido Rodin, o inadmitido Cézanne, o imoderado Matisse, os inaparados cubistas foram remetidos para o sótão poeirento dos antepassados em arte.

Por isso há uma semana que Paris não come, não dorme, não ama; Paris sonha futurismo, pesadelos de forças dinâmicas, d'estados d'alma, de cavalos de vinte patas, de focinhos humanos seccionados à metralha.

O futurismo é feito de pesadelos mais revolucionários que os que predisse o Apocalipse e o livro de Pataud.

Imagine-se o mundo marchando de esquelhas, todas as torres como a torre de Pisa, as casas a vergarem de pânico, os autobus de Paris, estas suaves arcas de Noé, de freio nos dentes; imagine-se a consciência dos cidadãos posta a nu, como a Feira da Ladra, com os seus escaninhos devassados, coisas asquerosas, coisas ternas; o movimento das cidades tomado de alucinação, os infinitos ritmos da vida a cavalo uns nos outros, e ter-se-á uma frouxa ideia do futurismo. O futurismo é indescritível e como a ideia de Deus só se entrega fraccionariamente à nossa intuição. Como Deus ele é tudo, o tempo, o espaço, a alma na cova da mão ou num metro de tela.

Para os futuristas, pintura e sensação são uma. O que eu pinto é o que eu sinto. O meu retrato é menos o meu rosto que a minha consciência escancarada. Além de ser o que eu sinto é o que o futurista sente. A minha cabeça são duas cabeças, mas podem ser seis se a lei dinâmica o exige. A minha fronte não fecha preocupadamente a vida interior; é uma arca de que saltou a tampa e d'onde manam materializadas as minhas sensações, emoções e sentimentos, tigres ferozes, lascivas embuscadas, cordeirinhos de mama. Eles [p. 346] espalham-se em volta de mim como uma lava, amachucam-me, hediondizam-me, dão-me um nariz de hipopótamo, feito de promontório e levam-me um olho para um metro de distância do outro. Por cima de mim passarão carros de mil rodas a voar, avejões de mil asas às piruetas. Tudo isto para traduzir o estado da minha alma e a sensação dinâmica que inspirei ao artista. Fazem o meu retrato sem me ver, mediumnicamente, adivinhando-me. O pintor não se serve da observação mas da intuição. O modelo é uma cobardia artística, a única verdade é o que se palpita.

Vi-te com os olhos da alma, pinto-te. Se teus olhos faiscavam de luxúria, no teu retrato, à laia de vinheta, sem medida de planos, desfilará um exército de haréns; se és donzela teus cabelos serão grossas cordas de encarrar. Para teus cabelos a única expressão é a corda, o calibre, emblema dos cativeiros. Aqui a verdade é feita de cânhamo. A tua alma, oh virgem, será decomposta nos seus trajectos, espipada até o futuro mais remoto como uma roca; as entranhas de teu pensamento irão para o quadro, nuas e sangrentas como as tripas de vaca à porta dos açougues. O futurista pega na gente e escarra-a na tela, com tudo em volta, com o mundo às costas, no seu constante movimento, no escárnio de todo o *eu* desfaldado a modo de bandeira. É pois a psicologia incontradita, a história e pode ser o pelourinho.

O que subtis filósofos não encontraram, caçou-o o futurismo com duas vassouradas de pincel. O quadro futurista dá a *simultaneidade dos estados de consciência*. Mentira que a matéria seja impenetrável, que o meu sentimento quando sinto seja único, distinto, indiviso.

No mesmo milionésimo do pensamento podem viver ao mesmo tempo em mim Barabraz [sic] e Caifás, amor e ódio, Meca e Jerusalém, Jean Jacques Rousseau e Paul de Koch [sic]. Retratado ao balcão eu serei no mesmo plano, a rua alagada de sol, a procissão hirta das casas, o monóculo do meco que passa, o sorriso da *gourgandine qui raccole* [sic]. Serei tudo isto e para ser isto, o meu olho direito está na *gourgandine*, o esquerdo no sujeito e as minhas mãos tacteiam os prédios.

Eu serei difundido por tudo isto, como pó, só haverá uma nota vaga, pardacenta, que dirá que eu estarei ali, que ali é o meu centro e d'ali me espalhei pelas infinitas coisas. Serei o que materialmente está ao meu alcance e o que a minha memória sensitiva poderá evocar desde o há mil anos que foi até o mil anos a vir, o presente, o pretérito e o futuro, enfim Deus no universo de minhas emoções.

É esta a *sensação dinâmica e intuitiva* do futurismo. Como meter este cosmos dentro d'um metro de tela? À força de batalhas de planos, de algaravias de cores, de linhas telescopadas, todo o jogo demente da geometria. Mas sobre este caos, o resplendor de uma harmonia nova canta a voz do Eterno no laborioso dar à luz dos mundos.

Como se vê para o artista não há motivo, mas motivos, como não há dois ombros, mas muitos ombros, ou um só ombro, não um gesto, mas as inúmeras vibrações de um gesto. Uma bengala que fere não é um pau com dimensões precisas, é um leque de bengalas, segundo o espaço da trajectória e o fôlego de que vem animada! Não há estática, não há repouso, tudo bole, tudo corre, tudo se transforma. Um perfil não pára imóvel diante de nós, mas aparece e desaparece sem cessar. Os objectos em movimento multiplicam-se ininterruptamente, deformam-se como vibrações precipitadas no espaço [p. 347] que percorrem. Um cavalo a galope terá, não quatro patas, mas vinte e a sua carreira é triangular. Em suma, em teoria o espaço não existe, milhares de quilómetros separam uma casa do sol, mas isso não impede que o futurista a engaste no disco solar. Além disso não há mais opacidade nos corpos. Os olhos do artista enxergam como os raios X. Sobre a queixada do interlocutor vê-se passar a trote a azémola que vai além no cabo da rua. Os nossos corpos entram nos canapés e os canapés entram nos nossos corpos. O autobus lança-se através das casas que ultrapassa e por sua vez as casas precipitam-se sobre o autobus e fundem-se com ele.

Modestamente o futurista pretende reentrar na vida d'onde desertaram os artistas de Rafael para cá. Para isso a arte renegará o passado e colaborará com o século, na dominação, na vontade, traduzindo as multidões torrenciais, o seu noctambulismo eléctrico, os trens loucos e as grandes ilhas desamarradas que são os transatlânticos. O futurismo quer representar a vida moderna por impressões psíquicas e totais, sem análise, nem óptica. Quer, enfim, imitar o gesto do Criador do nada, sem nada arrancar o tudo, mas o tudo que seja d'hoje, errático, selvagem, de aço e luz eléctrica. Nada das suavidades falaciosas do repouso, nada de curvas voluptuosas, da elegante firmeza das rectas. Tudo em ebulição, em fuga, arrastando o seu *eu*, a galopar, um galope doido, que nem o pensamento tem o direito de obstruir numa das suas infinitas posições do espaço.

Há todavia nesta escola, que acaba de estalar em Paris como uma bomba, alguma coisa de útil e bem intencionado. A característica do nosso século é efectivamente o movimento. A mobilidade, a rapidez, a acção são tão nossas como dos gregos eram a placidez, o repouso, a serenidade. Nós somos sôfregos, enquanto que os antigos eram moderados. Nós somos vítimas da insatisfação e eles eram-no da saciedade. Nos nossos dias o homem voa, nos bons tempos da Grécia, de Roma e de Florença o homem peripatetizava. Onde eles tinham a elegante quadriga, a galera, nós temos o expresso de 100 à hora, o aeroplano

de 150; para eles as termas, o acúbito, os columbários, os ginásios onde se cultivava a forma; para nós o automóvel, o ascensor eléctrico, a cozinha *saignante*, a casa de dez andares. As épocas são essencialmente diferentes. Por isso a arte antiga se inspirava em linhas de abandono e em imobilidades elegantes, por isso a arte d'hoje deve procurar o jogo das forças, a instantaneidade das coisas. Nisto o futurismo é um sinal de alarme aos artistas que persistem em pintar com os pincéis de Van Dyck ou Velázquez. A vida é outra, os símbolos e as representações devem ser outras. Nós estamos fartos do convencional, do hierático, da etiqueta abaixo da obra d'arte. Os Amores, as Caridades, as Histórias, as Preces, tudo é bafio na nossa era nevrótica e de ciência. Depois do impressionismo e outras escolas ansiosas de novidade os futuristas, loucos e irritantes, têm o préstimo de esquissar corajosamente a teoria nova da arte. São precursores pedantes e ilógicos, mas trouxeram *quand même* uma revelação. A revelação foi impor como princípio supremo de escola o carácter da época.

Os futuristas são sectários formidáveis que espalham as suas ideias a soco, pela conferência, pelo jornal, pelo manifesto. Até onde vai a sua fidúcia di-lo esta peroração de Marinetti, patriarca do futurismo:

Um dia virá em que o quadro não há-de bastar. A sua imobilidade aparecer-nos-á como um anacronismo ridículo, no movimento vertiginoso e crescente da vida. A vista humana, perceberá a cor como um sentimento. As cores, multiplicando-se, não terão necessidade de formas para serem percebidas e compreendidas. Poremos então de parte telas e pincéis. E em vez de quadros ofereceremos ao mundo pinturas gigantescas efémeras, formadas por archotes incandescentes, reflectores eléctricos e gases policromos, os quais harmonizando suas grinaldas, suas espirais, sua ramagem no arco do horizonte, encherão de entusiasmo a alma complexa das multidões futuras.

Não interessa aqui analisar em que medida as palavras de Aquilino se baseiam na observação pessoal dos quadros da exposição e até que ponto ele reproduz – e fá-lo largamente – o que leu no texto explicativo que se encontra no catálogo da exposição. Também não vamos, por enquanto, focar a maneira muito particular de como ele introduz o leitor nas concepções artísticas dos pintores, partindo do aspecto da análise psíquica da pessoa humana e reservando para o fim o do futurismo no sentido próprio, i.e., da expressão de uma vivência específica da vida moderna, da vida do «futuro», e que, só ele, leva à compreensão da própria etiqueta do movimento. Restringir-nos-emos à análise daquelas passagens que se nos afiguram decisivas para certos textos do grupo de *Orpheu*. Entre as mais importantes figuram as que falam dos «autobus de Paris [...] de freio nos dentes» e daquele «autobus» que se «lança através das casas que ultrapassa» e das «casas» que se «precipitam sobre o autobus e fundem-se com ele». Elas remontam, sem dúvida, a um passo do manifesto intitulado *La pittura futurista. Manifesto tecnico*, datado de 11 de Abril de 1910 e assinado por Umberto Boccioni, Carlo Carrà, Luigi Russolo, Giacomo Balla e Gino Severini, passo esse que foi transcrito em versão francesa no referido catálogo da exposição de Paris de 1912:

Les seize personnes que vous avez autour de vous dans un autobus en marche sont, tour à tour et à la fois, une, dix, quatre, trois; elles sont immobiles et se déplacent; elles



vont, viennent, bondissent dans la rue, brusquement dévorées par le soleil, puis reviennent s'asseoir devant vous, comme des symboles persistants de la vibration universelle.

[...]

L'autobus s'élança dans les maisons qu'il dépasse, et à leur tour les maisons se précipitent sur l'autobus et se fondent avec lui<sup>5</sup>.

Não se exclui a hipótese de que tenha sido neste autobus que o futurismo ou, pelo menos, um certo reflexo de futurismo, deu a sua primeira entrada na literatura portuguesa. Senão, vejamos o trecho inicial do conto «Mistério» de Mário de Sá-Carneiro, redigido em Lisboa, em Agosto de 1913, e incorporado, em 1915, no volume *Céu em Fogo*:

A sua dor era tão grande que pondo a mão na sua fronte sentia todo o seu esqueleto.

O omnibus que o conduzia resvalava agora barulhento de ferragens pela Avenida monumental, e esse ruído acre, unindo-se às luzes imensas que o fustigavam zebrando-se através das vidraças tilintantes, dava bem a expressão rítmica da sua alma actual. A sua alma de hoje era toda vidros partidos e sucata leprosa.

Disperso, o artista olhou em redor de si. Atentou no panorama que o envolvia e pôsse a delirá-lo, seguindo-o na sua multiplicidade. Pois o cenário interior do auto-omnibus era inconstante: variava momento a momento em função da paisagem exterior. Ao dobrar as esquinas, os grandes prédios e as árvores atravessavam-no resvalando em semi-círculo, e os candelabros zigue-zagueantes vergavam-se enclavinhadamente, penetrando em rodopio pelas janelas.

Depois, o transeunte que esperara o carro num portal e subira com o veículo a andar, trazia ainda consigo o quadro da porta aonde se incrustara; bem como a rapariga gentil e europeia que se assentara agora ao lado dele, vibrava toda ainda de luar, perlada de movimento, pois corraera fugitiva do grupo das suas companheiras a trincarem, a rir, laranjas de Espanha – lá longe já – e sobre as quais, saudosa a alma, a lua de dezembro incidia ecos de platina.

E no ambiente da mobilidade, olhando mais, ele distinguia, realmente distinguia à força de concentração, gomos de ar que se entrechocavam e soçobravam em catadupas, vértices esbatidos de luz, calotes de cor, planos que ora volteavam ora se detinham, harmonizando-se bizarramente, e eram assim – com as coisas que sustentavam ou traspassavam – uma beleza nova talvez, em todo o caso bem digna dum pintor imortal.

Desviando a sua atenção para as formas materiais que tinha em sua volta, o artista via agora as oscilações arrepiadas e berrantes dos bancos vermelhos da primeira classe deserta, e as fisionomias múltiplas dos passageiros cujos rostos se confundiam sucessivamente com os dos transeuntes que deslizavam pela rua, paralelos a eles, e que eram só os seus próprios quando o veículo parava...

O movimento! o movimento! – o grande renovador que tudo multiplica, e vibra, e delira [...]<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Cito o texto do catálogo da exposição de 1912, reproduzido a p. 106 dos *Archivi*, v. 1. Na p. 66 encontra-se a versão original italiana do manifesto (que tem, aliás, um *tram*, transformado depois no *autobus*, mais familiar ao visitante parisiense da exposição).

<sup>6</sup> Transcrição feita da reedição: Mário de Sá CARNEIRO, *Céu em Fogo: novelas*, Lisboa: Ática, [1966]. (Obras completas de Mário de Sá-Carneiro; 4), p. 127 e seg.

É evidente que o trecho que acabamos de transcrever é de inspiração futurista. Certas passagens parecem até a descrição, feita por um escritor, de um quadro ou de vários quadros da então nova escola, descrição que se caracteriza pela análise de impressões visuais e acústicas que se entrecruzam, com interpenetração dos mundos interior e exterior, envolvimento do mundo exterior, estático, no movimento do veículo que transporta o referido mundo interior, envolvimento no presente de um pedaço do passado arrastado pelo movimento. É visto que se trata precisamente da apresentação de um autocarro no seu trajecto através das casas de uma grande cidade tal como a caracterizou Aquilino no seu artigo como tema futurista, leva tudo a crer que foi este artigo que forneceu a Sá-Carneiro a ideia da cena inicial de «Mistério», tanto mais quanto o próprio Sá-Carneiro fala expressamente de uma «beleza [...] digna dum pintor». Pelo menos está quase fora de dúvida que o autor chegara ao conhecimento do artigo de Aquilino. Além de ter sido a *Ilustração Portuguesa* a revista por excelência da burguesia lisboeta do começo deste século, à qual Sá-Carneiro pertencia, parece ter havido laços pessoais entre a família do poeta e a casa que editava a revista: Em 8 de Abril de 1912, portanto poucas semanas depois do aparecimento do artigo de Aquilino, a *Ilustração Portuguesa* trazia um artigo elogioso sobre o pai do poeta (p. 466), e no número de 16 de Dezembro de 1912 esse mesmo aparece numa fotografia tirada por ocasião de um jantar de homenagem oferecido ao inspector das oficinas da revista. Sabemos, além disso, que Sá-Carneiro publicou na *Ilustração Portuguesa* pelo menos três escritos da sua autoria: «O sexto sentido», do volume de novelas *Princípio*, em 2 de Setembro de 1912, «Rodopio», do volume de poesias *Dispersão*, em 29 de Dezembro de 1913, e o artigo «A Batalha do Marne», depois reproduzido em *Cartas a Fernando Pessoa* (v. 2, Lisboa, 1959, p. 209-213), em 20 de Dezembro de 1915. E se Sá-Carneiro conheceu o artigo de Aquilino, é quase certo, também, que ele foi a primeira notícia ao seu alcance, acerca da receita artística do veículo em movimento futurista. Pelo menos não nos consta nada acerca de uma visita do autor à própria exposição de Paris de 1912 ou a alguma das que se seguiram em outras cidades europeias<sup>7</sup>: o assombro que tal visita devia ter causado nele tê-lo-ia certamente levado a evocá-la quando, em 1912/13, expõe nas suas cartas de Paris dirigidas a Fernando Pessoa as suas experiências com o pintor Santa Rita, que se intitula de «futurista», e com a escola cubista, tocando em aspectos artísticos comuns ao futurismo e ao cubismo, e aí nada se encontra a respeito<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Vd. nota n.º 1.

<sup>8</sup> Cf. Mário de Sá CARNEIRO, *Cartas a Fernando Pessoa*. v. 1 (Obras completas de Mário de Sá-Carneiro; 3), p. 25-28, 31 e seg., 39-42, 44, 92, 127 e seg. e, sobretudo, 81-83.

Escolhendo precisamente o episódio de um trajecto em autocarro para apresentar-nos o seu artista em «Mistério», Sá-Carneiro – sempre supondo que na altura da redacção de «Mistério» não chegara ainda ao conhecimento directo de quadros futuristas – teve um *flair* especial, visto que é o tema do movimento de um veículo de transporte urbano um dos mais frequentemente tratados por alguns dos pintores da escola italiana. Cabe aqui lembrar, em primeiro lugar, que Severini realizou um desenho e um quadro a óleo intitulados *L'autobus*.

A propósito de um dos dois, exposto ainda não na exposição de Paris, mas em 1913, na da Marlborough Gallery de Londres, o próprio artista informa-nos de que «les maisons entrent dans l'autobus, et l'autobus dans les maisons, comme il est dit dans le Manifeste technique de la peinture futuriste»<sup>9</sup>, apresentando, portanto, a sua obra como aplicação directa da receita fornecida no referido manifesto. Além disso, os *Archivi del Futurismo* de Maria Drudi Gambillo e Teresa Fiori enumeram nada menos de seis obras clássicas do futurismo italiano em que aparecem um autocarro, um eléctrico ou uma carruagem de metro em interpenetração com o cenário exterior através do qual se deslocam, desde *Quello che mi disse il tram*, de Carrà, e *Le forze di una strada* (precedido de um estudo de igual título) e *La strada entra nella casa*, de Boccioni, todos presentes na exposição de Paris de 1912, até *Il tram nella città, Nord-Sud* (versão em desenho e outra em óleo) e *Metropolitana di Parigi*, de Severini<sup>10</sup>. Mais quatro variantes do tema da carruagem de metro, da autoria de Severini, não incluídas nos *Archivi*, encontramos-las, uma, com o título de *Montmartre*, e acompanhada de uma gravura a preto e branco, num folheto intitulado: *Severini: œuvres futuristes et cubistes*, publicado em Paris, em 1956, pela editorial Berggruen<sup>11</sup>, as restantes três na exposição realizada em Düsseldorf, na Städtische Kunsthalle, de 15 de Março a 28 de Abril de 1974, sob o título de *Wir setzen den Betrachter mit-ten ins Bild. Futurismus 1909-1917*: um desenho intitulado *Nord-Sud*, não idêntico aos dois trabalhos homónimos citados mais acima e que se caracteriza pelo pormenor de uma passageira que se dedica à leitura de *Alcools* de

<sup>9</sup> Cf. p. 124 do catálogo citado na nota 3.

<sup>10</sup> Cf. *Archivi*, v. 2, p. 340, n.ºs 68 e 69; 293, n.º 7; 268, n.ºs 281, 289 e 288; 340, n.ºs 64, 66, 67, 70, bem como as respectivas gravuras em miniatura. De *Le forze di una strada* (óleo), *La strada entra nella casa*, *Quello che mi disse il tram* e *Nord-Sud* (óleo) há gravuras em formato maior e, com excepção do segundo, a cores, em: Raffaele CARRIERI, *Il futurismo*, Milano, 1961, n.ºs 8, 15, 53 e 100, de *Le forze di una strada* (desenho) e *L'autobus* (óleo) umas a preto e branco no catálogo citado na nota 3, a p. 66 e 80.

<sup>11</sup> Sem indicação de página ou de número.

Apollinaire, outro com o título *Clichy*, e um terceiro com o título *L'autobus*, também não idêntico aos seus homônimos acima referidos<sup>12</sup>.

Não se sabe, até à data, de nenhum trecho da literatura portuguesa anterior ao de «Mistério» em que se evidencie a influência futurista, o que aumenta o seu valor documentário para além do caso pessoal de Sá-Carneiro. Por outro lado, é preciso ver que também aí não se trata de um texto de futurismo literário propriamente dito mas só da transposição de processos da pintura futurista para o meio literário. O futurismo literário no sentido próprio do termo costuma ter outro aspecto já no plano sintáctico, dissolvendo a ordem normal das palavras como herança do passado, em favor das «palavras em liberdade» como expressão do mundo moderno ou do mundo do futuro tal qual se afigurava aos futuristas, para não falar no emprego da enumeração caótica de formas fónicas e gráficas expressivas, destinadas a transmitir as impressões e vivências múltiplas desse mesmo mundo. De resto, a cena do princípio de «Mistério» não passa, também, de um episódio dentro da novela de Sá-Carneiro. A função dessa cena é-nos dada pelo autor imediatamente a seguir ao trecho que transcrevemos mais acima. Aí lemos com respeito ao protagonista:

Porque era a sua desolação tamanha? – Precisamente porque a sua vida era uma existência parada de alma e corpo – uma existência onde nunca sucedera coisa alguma. *A sua vida era como se não existisse*. Por isso, uma tarde de ânsia, o artista tomara a decisão esbraseada de a procurar febrilmente [...]. E desde aí, elançara-se sôfrego sobre o mundo, sobre a vida em suma, transpondo, correndo, estrebuchando... Mas nada até hoje vencera erguer dela para si [l.c., p. 128].

A tentativa, vagamente futurista no seu intuito terapêutico, e descrita de maneira francamente futurista, essa tentativa falha. Falha para o artista em questão que não chega a vibrar aquilo que encantava os futuristas. Mas também do próprio Sá-Carneiro podemos afirmar que, se ele se exerceu, no começo de «Mistério», dentro da estética nova, se o mundo excitante dos futuristas podia ter servido, de maneira excelente, um autor como ele, com ambições principalmente sensacionistas, e se, por um momento, de facto, o seduziu a fascinação do movimento da cidade moderna, todavia a atracção exercida pelo futurismo nunca poderia ser duradoira nele. Por mais importante que fosse no futurismo a interpenetração do interior psíquico com o exterior físico, dos movimentos da alma com os do mundo moderno<sup>13</sup>, a atenção prestada nele sobretudo ao mundo exterior era demasiado dominante

---

<sup>12</sup> Cf. o catálogo, de igual título, n.ºs 144, 146 e 147, com gravura, a preto e branco, para um dos três.

<sup>13</sup> Convém lembrar que também Aquilino Ribeiro se ocupa em primeiro lugar do aspecto psicológico no sentido da transposição para a tela do pintor de estados de alma, antes de desenvolver o aspecto da transposição do mundo exterior da vida moderna. Nem por último esta par-

para poder representar mais que um episódio na vida intelectual de um Sá-Carneiro exclusivamente interessado no mundo interior – no *seu* mundo interior. Também não nos deve enganar o emprego encomiástico da palavra *europeu* para caracterizar aquilo que para o autor é a Europa moderna, que ele opõe ao Portugal e à Lisboa do seu tempo, e que tem o seu reflexo na caracterização da «rapariga gentil e europeia» do nosso trecho, pelos vistos imaginado em Paris: Paris como a capital simbólica da Europa moderna não é para ele o Paris da Exposição Universal e da Torre Eiffel, símbolo do progresso técnico e urbanístico da época. É para Sá-Carneiro o *habitat* do artista moderno, livre de todos os entraves ainda vigentes no Portugal de então e em outras partes da Europa<sup>14</sup>.

É tendo em conta todas estas reservas inexpressas quanto ao futurismo e quanto ao mundo do progresso moderno que devemos encarar, aliás, também o poema «Manucure»<sup>15</sup>, onde temos, sim, mais do que a transposição para a literatura de certas receitas destinadas à pintura futurista: «Manucure», escrito por Sá-Carneiro expressamente para o segundo número da revista *Orpheu*, em Maio de 1915, representa, de facto, a aplicação da teoria literária das palavras em liberdade. Aí o verso: «É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...» é apresentado tipograficamente em forma ondulante, havendo não só uma expressão visual imediata do movimento ondulante de que fala o texto, mas, também, como disse acertadamente Eduardo Lourenço num artigo publicado em *Tetracórnio*, a expressão visual precisamente da liberdade da palavra poética, isenta dos entraves da sua forma fixa, tradicional, que é, no texto escrito, a rectilínea. Temos aqui, deste modo, a palavra poética como realidade: realidade independente e livre<sup>16</sup>.

---

ticularidade do artigo de Aquilino poderia ter contribuído para despertar o interesse de Sá-Carneiro, mais, talvez, do que o teriam feito os próprios quadros da exposição de Paris. Voltaremos mais adiante ao lado especialmente psicológico da arte futurista.

<sup>14</sup> Cf. Dieter WOLL, *Realidade e idealidade na lírica de Sá-Carneiro*, Lisboa, 1968, p. 77 e segs.

<sup>15</sup> Nas reedições deste poema feitas desde a primeira edição (1946) no volume *Poesias* (Obras completas de Mário de Sá-Carneiro; 2) e em diversas antologias que, pelos vistos, se baseiam nele, este poema fica dividido como se fossem dois, separando-se como pretensão poema intitulado «Apoteose» toda uma parte dele (que não deve confundir-se com o poema de igual título da colectânea) «Indícios de Ouro», também incluída em *Poesias*). O engano é devido a que em certa altura do texto de «Manucure» aparece, ocupando uma linha inteira, a palavra *Apoteose*. No entanto, ela não representa senão a marcação de um parêntesis no meio de «Manucure». Que não pode tratar-se do título de uma composição separada pode deduzir-se da sua colocação no fim de uma página do texto original da revista *Orpheu* 2, Lisboa, 1915, p. 101.

<sup>16</sup> Cf. Eduardo LOURENÇO, «Orpheu ou a poesia como realidade». *Tetracórnio: antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos*, organizada por José-Augusto França. Lisboa, Fevereiro de 1955, p. 37 e seg.

De resto, porém, quanto aos segmentos do mundo exterior moderno que aqui é evocado em abundância, temos outra vez uma restrição devida a que, também aqui, não interessa ao poeta a realidade «futurista» em si, nem na sua totalidade, mas só certos aspectos dela, escolhidos conforme a função que eles são susceptíveis de ter para ele, que é o centro da vivência – tal e qual como no trecho inicial de «Mistério».

Que é ele, o poeta ou o «eu» lírico, o centro do interesse em «Manucure», resulta claramente logo dos primeiros versos do poema:

*Na sensação de estar polindo as minhas unhas,  
Súbita sensação inexplicável de ternura,  
Todo me incluo em Mim – piedosamente.*

Temos aqui a explicação do título do poema, e que não tem nada que ver com o que poderia chamar-se a sua temática. Só alude à situação pessoal que serve de ponto de partida para o que se segue. No entanto, já deixa entrever o carácter muito subjectivo de que aquilo se reveste e não promete nada de tipicamente futurista: a afirmação de que quem fala aqui se inclui em si próprio está em contraste flagrante com a tendência fundamental do futurismo, que é antes um transbordar dos limites impostos pela individualidade pessoal.

Percorrendo, depois, superficialmente as páginas seguintes, podemos chegar à conclusão de que o «eu» lírico se tenha libertado da limitação do seu mundo subjectivo individual. Assim, temos três linhas com palavras e algarismos alusivos à vida do comércio internacional, outras com a enumeração de algarismos extraídos de números de telefone e que parecem prometer o tratamento de um aspecto característico da vida moderna no que toca às comunicações por via dos meios técnicos; temos três linhas em que se acumulam letras, sinais e símbolos e, a seguir, a menção de variadíssimos alfabetos, prometendo algo de cosmopolita; parte de uma página é ocupada por títulos de jornais de toda a Europa, desde *O Século*, de Lisboa, passando pelo *Berliner Tageblatt* e indo até ao *Novoié Vremiá* da Rússia, elementos senão cosmopolitas, pelo menos internacionais, i.e., de um cosmopolitismo em escala menor; quase uma página inteira é preenchida com os nomes de firmas e produtos que parecem apontar na mesma direcção que os dos jornais; finalmente, depois de um interlúdio no qual se associam os nomes de Marinetti, de Picasso, de Santa-Rita Pintor e de Fernando Pessoa-Álvaro de Campos, através de uma fórmula pseudo-científica, o poema conclui com uma série de exclamações onomatopaicas em caracteres tipográficos cada vez maiores e berrantes, já não delimitáveis geograficamente, com excepção da palavra alemã FUTSCH!, e que correspondem a certa receita dada pelo futurismo.

Tudo isso promete no sentido da aplicação não só de regras estéticas do futurismo, mas também quanto a uma possível expressão do espírito desse movimento, para o qual esses meios foram imaginados por Marinetti e

outros. Seguindo, porém, de mais perto o texto, verificamos que também a escolha de todos os elementos que acabamos de enumerar não foi presidida por um espírito futurista que quisesse dar uma visão sugestiva da vida moderna na sua totalidade de aspectos e de relações múltiplas. Também a escolha dos referidos elementos só transcende aparentemente a esfera do «eu» lírico típico de Mário de Sá-Carneiro.

O primeiro par de versos acima referidos ainda mostra o esforço do poeta de dar ao seu poema uma nota futurista autêntica, embora talvez com intenções de *blague* (quanto ao aspecto de *blague* vd. mais abaixo), exaltando, de facto, o grande comércio internacional. Mas precisamente o comércio internacional não é bem a nota mais característica do século XX, e ainda menos quando, como acontece aqui, a respectiva evocação de topónimos se restringe a dois, o de Lisboa e o de Madrid, que mal correspondem ao anúncio que os precede: '*Gritos de actual e Comércio & Indústria | Em trânsito cosmopolita.*' Os números de telefone que se seguem são originados menos pela associação com as comunicações cosmopolitas do que pelo café em que o «eu» lírico se encontra sentado e onde esses números lhe chegam aos ouvidos. E o café, já o sabemos, representa para Sá-Carneiro o palco de grande parte da sua vida particular, sendo mais um prolongamento da sua vida pessoal interior do que um sector da vida extra-individual. As letras de diversa origem e os nomes de jornais, esses, só lhe interessam porque no mesmo café há um indivíduo que está lendo um jornal e porque o «eu» lírico segue essa leitura, entregando-se a associações gráficas e nomenclaturais que pelo seu carácter quase que livresco condizem bem com os interesses muito pessoais de um Sá-Carneiro altamente literato e livresco. Entre os nomes de firmas, também há só uns três que não pertencem igualmente à esfera vital muito *sui generis* de Sá-Carneiro, oriundo de Portugal e admirador de Paris, e para quem as carruagens-camas do Sud-Express são de uma importância vital: Assim, precedendo o título completo da '*Compagnie Internationale des Wagons Lits et des Grands Express Européens*', como remate retumbante, quase que só descobrimos nomes ou portugueses ou franceses, não faltando, sobretudo, o da '*Belle Jardinière*' e de '*Les parfums de Coty*', num amalgamado luso-francês que tem o seu paralelo noutra, o de Marinetti e Picasso e de dois nomes do grupo de *Orpheu*, Santa-Rita e Fernando Pessoa, também esse um amalgamado luso-francês porque Marinetti se associa com a França, onde lançou, em língua francesa, o seu manifesto no *Figaro* e onde começou a tornar-se mundialmente conhecido, tal como aconteceu com o espanhol Picasso, dada a sua actividade artística na capital francesa.

Enfim, nada de mais restrito, quando comparado com as ambições universais do futurismo autêntico, que precisamente este poema de Sá-Carneiro trajando as vestes da nova escola. Claro que convém não esquecer o que nos disse Fernando Pessoa acerca dos intuitos que Sá-Carneiro teria seguido com

«Manucure»: segundo a sua própria declaração, o poeta teria escrito este poema para o segundo número de *Orpheu* «com intenção de *blague*»<sup>17</sup>. Mas o que pode significar isso na revista *Orpheu* e nos seus colaboradores? Não só na própria revista, destinada expressamente a «*épater le bourgeois*», mas também nas outras produções dos seus colaboradores, a *blague* representa um meio literário essencial e natural para o cumprimento da tarefa que assumiram, a de despertar da sua estagnação intelectual uma burguesia demasiado tradicionalista. Ela é um meio que não poderia substituir-se completamente por outros, «sérios». Com referência a «Manucure», a caracterização especial como *blague* só poderá significar que o seu autor aqui não só não quer ser «sério» nos seus meios, mas também se permite tratar um tema que sinceramente nunca lhe interessaria e que talvez trate aqui por isso mesmo, com intenções de paródia. Mas aí já temos outra vez *quod erat demonstrandum*: a escolha característica do material empregado em «Manucure» revela a pouca afinidade do seu autor com o futurismo no plano temático, quer essa escolha seja conscientemente paródica, quer o seu efeito de paródia resulte da manifestação inconsciente das predilecções temáticas do poeta, incompatíveis, em última análise, com o futurismo autêntico.

Como já anotámos em nota de rodapé da página 31, Alfredo Margarido dedicou um estudo às relações de Sá-Carneiro com o cubismo, no qual se refere, também, à questão das relações do poeta e narrador com o futurismo, e discute a hipótese, aventada por nós, de um impulso recebido pelo artigo de Aquilino Ribeiro. O estudo, cheio de observações valiosas com respeito ao contacto directo de Sá-Carneiro com o cubismo e os cubistas, em Paris, e às suas repercussões tanto no próprio autor como em Fernando Pessoa, tenta fazer um balanço entre o peso diferente que tiveram os dois «ismos» na vida intelectual e artística de Sá-Carneiro. Não há dúvida de que Alfredo Margarido sublinha com muita razão o impacto muito maior que teve, neste contexto, o encontro com o cubismo e com os cubistas, tanto nas reflexões de Sá-Carneiro, depositadas nas cartas a Fernando Pessoa, como na sua narração, onde, por duas vezes, introduz figuras de artista, com as suas ideias, que evidenciam nitidamente traços comuns com a figura e ideias de Santa-Rita Pintor, iniciador algo *sui generis* de Sá-Carneiro na estética cubista. Todavia, parece-nos que há que matizar uma ou outra afirmação de Alfredo Margarido, com respeito precisamente ao balanço total. Assim, a nosso ver, o facto de Aquilino Ribeiro ter pertencido, na altura aqui em questão, a «um grupo de autores particularmente detestado por Sá-Carneiro» por se tratar de «portugueses *carbonários*» (p. 33), não significa que Sá-Carneiro não possa ter recebido um estímulo das ideias futuristas através das palavras de Aquilino

---

<sup>17</sup> Cf. «Tábua biográfica de Mário de Sá-Carneiro», *Poesias*, p. 190, citado na nota 15.



lino (e mais de dois anos antes da carta a Fernando Pessoa, de 15 de Junho de 1914, na qual se encontram as palavras duras do poeta com respeito aos «portugueses *carbonários*» que Alfredo Margarido cita para sugerir o pouco provável que lhe parece uma influência decisiva do futurismo exercida pelo artigo de Aquilino). Convém não esquecer, aliás, que a atitude de Sá-Carneiro precisamente em relação a Santa-Rita, «politicamente um espírito retrógrado» (p. 34), é tudo menos a de uma aceitação sem reservas. E, sem querer diminuir a importância de Santa-Rita para a iniciação de Sá-Carneiro na estética de vanguarda da pintura parisiense de 1912, esta importância, e o «renovar as suas relações com Santa-Rita Pintor» (p. 33), não representam, certamente, como quer Alfredo Margarido, uma «prova» contra a importância do futurismo para Sá-Carneiro. De resto, as diferenças entre a orientação futurista e a cubista, na interpretação artística do mundo, parecem-nos menos profundas do que sugere Alfredo Margarido.

Ambas elas dão-nos uma visão desintegradora daquilo que tradicionalmente se representava de forma estática, com distinção do que se via e do que não se via em determinado momento da percepção, com uma face visível das coisas, e outras faces visíveis apenas em momentos posteriores, depois de uma deslocação do espectador para outro «ponto de vista»; e com uma só fase cronológica visível em determinado instante de um movimento, e outras faces visíveis apenas nos instantes seguintes: o que é para o cubismo a apresentação simultânea, num só plano, de várias faces de um objecto, é para o futurismo a apresentação simultânea de fases sucessivas dum movimento. Seria interessante tentar descobrir em Sá-Carneiro, para além do seu entusiasmo teórico pelo cubismo, algo que se pudesse considerar cubista na sua maneira de criar, como poeta e narrador. Alfredo Margarido aponta, com muita razão, para o conjunto de objectos que caracterizam a mesa de café no poema «Cinco horas», e que evocam certas naturezas mortas cubistas, de Braque e de Picasso (p. 39 e seg.). Quais seriam, no entanto, os processos de criação literária à maneira cubista, comparáveis como tais, i.e. como processos, àqueles que, em «Mistério» e em «Manucure», tentámos interpretar como futuristas: como aplicação de uma receita da pintura futurista, no primeiro caso, e como aplicação de receitas da literatura futurista, no segundo? – O próprio Alfredo Margarido salienta a diferença fundamental entre a pintura e a escrita literária, que impossibilitaria uma transposição dos processos da pintura cubista para a literatura: a «construção simultânea» do multifacetismo cubista não se deixa imitar no meio «linear» da escrita, que conhece apenas a sucessão no tempo (p. 41, nota 20). O único processo literário que permite uma imitação de tal construção simultânea é, talvez, o apontado por nós, na segunda parte do nosso artigo de 1980, para o interseccionismo de «Chuva oblíqua», de Fernando Pessoa. Ele não reside na construção simultânea directa, mas numa via de aproximação indirecta, através das afirmações

expressas de que uma esfera da realidade exterior é penetrada por outra, seguindo, assim, não a própria técnica pictórica – neste caso a futurista – mas a sua descrição analítica *a posteriori*, tal como ela nos é dada outra vez no referido artigo de Aquilino.

Como se vê, o centenário do nascimento de Sá-Carneiro dá ainda ensejo para discussões de primeira importância quanto à vida artística portuguesa dos anos fecundos que precedem a Primeira Guerra Mundial.

## OS OLHOS FUTURISTAS

FERNANDO CABRAL MARTINS

As duas colaborações que Sá-Carneiro deu aos dois números de *Orpheu* têm uma importante diferença, que se prende com as características próprias desses números. Quer gráfica quer poeticamente, *Orpheu 2* é um conjunto textual onde a vanguarda é dominante, por oposição a *Orpheu 1*, que reúne o que de mais avançado se fazia numa tradição ainda próxima dos mestres simbolistas. Assim, a série «Para os *Indícios de Oiro*» do primeiro número harmoniza-se com os tópicos do Decadentismo, do que o poema inicial «Tá-citurno» é o exemplo canónico. No segundo número, o díptico «Poemas sem Suporte», constituído por «Elegia» e «Manucure» (sendo talvez necessário precisar que a edição da Ática arrancou deste último outro poema, «Apoteose», por equívoco tipográfico), contém a única incursão no Futurismo que realizou Sá-Carneiro, e talvez seja, se exceptuarmos *K4 O Quadrado Azul* e o *Manifesto Anti-Dantas*, de Almada, o mais futurista dos textos portugueses que se moveram nessa corrente.

De facto, se lembrarmos os manifestos decisivos de Marinetti, publicados em 1913 e 1914, *Destruição da Sintaxe Imaginação sem Fios Palavras em Liberdade* e *O Esplendor Geométrico e Mecânico e a Sensibilidade Numérica*, logo reconhecemos no longo poema de Sá-Carneiro citações directas deles: «Assunção da Beleza Numérica!»; «Toda a nova sensibilidade tipográfica»; «Palavras em liberdade, sons sem-fio». A própria picturalização dessa nova sensibilidade, que junta às palavras de ordem os actos gráficos, dá a «Manucure» um aspecto comparável ao das composições marinettianas, talvez acrescentando-lhe um gosto particular pelas simetrias. E a explosão onomatopaica final refere directamente a poesia futurista de Marinetti: *Zang Tumb Tumb*, de 1914.

Sem dúvida que Sá-Carneiro não atinge o grau de radicalidade dos futuristas. É, no seu caso, de uma experiência que se trata. É o resultado do seu

Corro então para a rua aos pinotes e aos gritos:

— Hilá! Hilá! Hilá-hô! Eh! Eh!...

Tum... tum... tum... tum tum tum tum...

YLIINIINIIM . . .

BRÁ-ÔH . . . BRÁ-ÔH . . . BRÁ-ÔH ! . . .

FUTSCH! FUTSCH! . . .

ZING-TANG . . . ZING-TANG . . .

TANG . . . TANG . . . TANG . . .

**PRÁ Á K K! . . .**

*Lisboa — Maio de 1915.*

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

encontro com uma sensibilidade e uma técnica novas, ele que se escrevia em 1913 um *'doente-de-Novo'* («Além-Tédio»). É o exercício de olhar com olhos futuristas o seu mundo. A desvalorização aparente que Pessoa fez de «Manucure», escrevendo na *Presença* em 1928 que era «semifuturista (feito com intenção de *blague*)» é uma opinião que revela no poema o seu lado efectivo de *pastiche*, mas que não implica reduzir o poema a uma provocação, embora a provocação constitua uma das suas dimensões. «Manucure», em suma, é um gesto poético comparável ao do manifesto de Apollinaire *L'Antitradition Futuriste*, de 1913, que não teve continuidade futurista na obra do autor e assentou numa posição experimental e de simpatia vanguardista.

Os «Poemas sem Suporte» de *Orpheu 2* situam-se, além disso, em referência ao modo de aparecimento de Álvaro de Campos no *Orpheu 1*. Aí, a «Ode Triunfal» surge a seguir a «Opiário» como uma continuação e uma resposta. O universo de tensão e de *spleen* aí contido perde todas as peias, quer rítmicas, quer de regime de imagens, quer, até, gramaticais. Os dois poemas de Álvaro de Campos ligam-se pela sua diferença, funcionam como um todo, como os dois actos de um drama. Eis o que fundadoramente contribui para a modelação de um personagem que ganha a dimensão de heterónimo. Ora Sá-Carneiro organiza os «Poemas sem Suporte» segundo o mesmo princípio.

«Elegia» prepara, apesar do choque de tons, registos de linguagem, ritmos e gramáticas, a explosão de «Manucure», por exemplo nos versos *'Meus Boulevards d'Europa e beijos | Onde fui só um espectador...'*, ou nas duas últimas quadras, centradas no *'grande Hotel universal'* e nos *'meus Cafés de grande vida'*. É nesse poema – que Dieter Woll considerou abrir uma segunda fase da poesia de Sá-Carneiro – que podem ter lugar versos transparentes e decisivos como *'Eu fui alguém que se enganou | E achou mais belo ter errado [...]'* Engano que se projecta logo em imagens de teatro: *'trono mascarado'*, *'Pierrot'*, *'velhos paramentos'*, o que prepara a mutação para o personagem futurista que projecta «Manucure» e é esse mesmo *'espectador'* que «Elegia» apresenta. De actor taciturno do seu Ideal esfrangalhado, transcendendo *'todos os cenários que entretanto fui'*, chega à posição de espectador da *'mágica teatral da atmosfera'* – posição que não exclui o frenesi de um espectador-actor sensacionista:

*Deponho então as minhas limas,  
As minhas tesouras, os meus godets de verniz,  
Os polidores da minha sensação –  
E solto meus olhos a enlouquecerem de Ar!*

Esta pura euforia do sentir, rara em Sá-Carneiro, podemos dizer que é aprendida em «Manucure» pelo ângulo do lirismo futurista, definido no

manifesto *Destruição da Sintaxe* como a faculdade «de nos enebriarmos com a vida e de nos enebriarmos connosco mesmos», em pura produção optimista.

Há outros momentos de vertigem, de *feérie* energética ao longo da sua obra: «Rodopio», «16» e «Torniquete». Vertigens, nestes casos, pouco futuristas, porque terminam por uma 'queda' de um 'trapézio escangalhado'. Mas a libertação que «Manucure» sintetiza poeticamente não pode senão ter efeitos, e o poema que Sá-Carneiro escreve a seguir, «Escala», mantém a tonalidade semântica à mesma temperatura e velocidade. Logo depois, são as «Sete Canções de Declínio». Aí, ainda a quinta canção se recorda do olhar violento e comovido de «Manucure», tal como a canção de abertura parte da mesma imagem de perda de raízes, de imponderabilidade, da liberdade de ser 'sem suporte', – mas o lento 'declínio' para a canção final é o regresso irresistível de uma imagem de queda: '*Caiu-me a alma ao meio da rua*'.

Este modo para-futurista de olhar tem, assim, em «Manucure» um momento de orientação jubilosa, sob a bandeira da vanguarda artística que esse poema designa pela enumeração metonímica '*meus olhos futuristas, meus olhos cubistas, meus olhos interseccionistas*' e que tem a sua matriz na revolução poética marinettiana.

Mas falta ver um ponto. É que há a dado passo um parêntesis que volta a falar das mesas '*livres-pensadoras*' que referira na primeira estrofe, mas, dessa vez, elas transformaram-se, e '*são já como eu católicas, e são como eu monárquicas!...*'

Este ponto é importante, porque precisa os contornos do 'eu' que é sujeito do poema – e que não coincidem com os contornos do 'eu' que o nome de Sá-Carneiro assina. Podemos pensar, então, que este declarar-se católico e monárquico é uma marca de que o 'eu' daquele passo do poema não tem nada a ver com o 'eu' de outros passos do mesmo poema, ou de «Elegia», por exemplo. Logo, que não existe ali a esperada coincidência entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, o que, não sendo uma pose, *blague* ou *private joke*, só pode ser, literalmente, e à maneira de Fernando Pessoa criando Álvaro de Campos em *Orpheu 1*, a geração, pelo menos parcial e tudo menos espontânea, de um efeito-heterónimo. E esse efeito quase-dramático, não sistematicamente mantido, porque certos movimentos de «Manucure» o contradizem, pode, finalmente, ser ligado a um dado textual menor – que o editor de *Poesias*, evidentemente, se esqueceu de transcrever – mas que não é menos determinante do sentido do díptico «Poemas sem Suporte»: a dedicatória dele a Santa Rita Pintor.

É que era Santa Rita Pintor esse artista «talassa e beato».

E, para Sá-Carneiro, era ele a encarnação mesma do Futurismo. Só à sua imagem, portanto, e a fingir de ser futurista como ele, é que o 'eu' de «Manucure» podia a si se definir assim. Como um quase-passo no sentido da des-

personalização, ou um quase-esboço de criação heteronímica. Mas, sobretudo, como processo dialógico interno, criador da dispersão dos versos, um dos operadores mentais da experiência poética neles inscrita e o seu modo estruturador secreto.

## MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO OU A REPOSIÇÃO PERMANENTE DOS ENIGMAS

ANA NASCIMENTO PIEDADE

Fixemo-nos entre 1912 e 1916 – contexto de generalizada, intensa e complexa criatividade artística e cultural. Em Portugal acontece a gestação e o arranque do projecto modernista, sucessão tumultuosa de ‘ismos’ e outras iniciativas de vanguarda de que ficará – entre muitos outros – esse testemunho principal que foi a revista *Orpheu*. Estes quatro anos serão também os últimos da curta vida do poeta Mário de Sá-Carneiro, correspondendo ainda ao tempo da sua decisiva produção literária, da amizade com Fernando Pessoa e, finalmente, da sua estada na *Grande Capital*. Constantemente *vibrada em todo o seu oiro*, Paris destaca-se absolutamente entre todas as *idades da sua ânsia e dos seus livros*, – *rútilas de Europa, largas, pejudadas de trânsito e movimento* – *rendez-vous cosmopolitas, farfalhantes de acção*<sup>1</sup>.

É precisamente aqui que escreve a maior parte das *Cartas a Fernando Pessoa*, documento imprescindível para observar como o poeta frui este contacto mais directo com a arte e a literatura modernas que a circunstância de estar onde as coisas acontecem lhe propicia. Naturalmente permeável à inovação, Sá-Carneiro identifica-se de modo espontâneo, e até temperamental, com o anti-tradicionismo e o cosmopolitismo típicos das vanguardas. No entanto, é importante notar – com Jorge de Sena<sup>2</sup> e ao contrário de algumas afirmações estabelecidas – como esta adesão à vertigem modernista é muito menos devida à curiosidade ou ao entusiasmo pela época artística que Paris vivia do que à revelação do poeta em si mesmo, que a solidão e a distância do estar-em-Paris e uma particular sensibilidade à libertação da expressão que a consciência moderna trazia, precipitaram.

<sup>1</sup> *Cartas a Fernando Pessoa*, Lisboa: Ática, 1979, v. 2, p. 37.

<sup>2</sup> Cf. *Fernando Pessoa & Companhia Heterónima*, Lisboa: Edições 70, 1984, p. 290-291.



# - A Queda -

É eu que sou o rei de toda esta incoerência,  
Eu próprio, turbilhão, anseio por fixa-la  
E giro até partir... e lá tudo me jorrala  
Em bruma e sonelecia.

Pe acaso em minhas mãos fica um pedaço d'ouro,  
Volve-se logo falso... ao longe o arreueço...  
Eu morro de desdem em frente dum tocoiro:  
clorro á mingua, d' excessos.

Alteio-me na côr á força de quebranto,  
Estendo os braços d'alma — e nem um espasmo venço!  
Teneiro-me na sombra — eu nada me confidemo...  
Agonias de lull eu vibro ainda eutanto.

Maiο aparece, nesta perspectiva, como o mēs por excelēncia de uma dupla comemoraçāo do nascimento do poeta. Sāo com efeito dos primeiros dias desse mēs, (em 1913), as cartas que narram a Pessoa o modo como se deu o (re)começo da escrita propriamente poética:

[...] Sem saber como havia de passar o tempo, pus-me a fazer bonecos num papel... e de sūbito comecei a escrever versos, mas como que automaticamente. Coisa para rasgar, pensei logo. Se havia disposiçāo mǎ para escrever era aquela em que eu estava. A seguir compus, sem uma rasura, mais de metade das quadras que lhe envio – coisa ūnica em mim – que, como sabe, nāo tenho o trabalho rǎpido. [...] É muito interessante o que se passa comigo actualmente. Como é que de sūbito eu me virgulo para outra arte tāo diferente? E sem esforço, antes naturalmente. Depois hǎ isto. Eu que sou sempre inteligēncia, que componho sempre de fora para dentro, pela primeira vez acho-me a compor de dentro para fora. Estes versos, antes de os sentir, pressenti-os, pesam-me dentro de mim; o trabalho é sό de os arrancar dentre o meu espírito<sup>3</sup>.

Interessante tambēm serǎ talvez notar como é sob a inapreensível leveza daquilo a que chamamos *acaso* que acontece algo de absoluta *necessidade*, ou seja, a aventura de uma interioridade que descobre o peso irrecusável da sua condiçāo essencial: ser-poeta. Parece-nos hoje indubitavelmente genuino em Mǎrio de Sǎ-Carneiro a radicalidade da sua opçāo pela arte, o carǎcter de absoluto – «nāo um absoluto entre outros, mas o absoluto que exclui os outros porque os supera» – que sempre pōs na busca da sua prόpria expressāo poética.

Considerando o que refere em carta a Pessoa sobre o processo de aproveitamento do seu ‘material’ psíquico unicamente em funçāo da literatura, podemos fazer uma ideia nō sό de como a consciēncia que tinha de si enquanto escritor era plenamente elaborada e lúcida, mas tambēm de quanto o seu grau de dedicaçāo à arte era invulgar e ainda dessa «gestaçāo profundamente autēntica de verdade» que, de alguma maneira, todas as suas criaçōes sempre deixam transparecer. Aliás, «a importāncia ūnica da geraçāo de ‘Orpheu’ reside nessa aceitaçāo sem limites da seriedade da poesia, ou, se se prefere, da poesia como realidade absoluta»<sup>4</sup>.

É curiosa esta funçāo do cērebro-escritor. De tudo quanto em si descobre e pensa faz novelas ou poesias. Mais feliz que os outros para quem as horas de meditaçāo sobre si prόprios sāo horas perdidas. Para nōs elas sāo ganhas. Menos nobres sό. O desperdício é nobre. O interesse vil. E o artista é mais interesseiro do que o judeu. Tudo – cenários, pensamentos, dores, alegrias – se lhe transforma em matéria de arte!... Ganha sempre<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> *Cartas a Fernando Pessoa*, Lisboa: Ática, 1978, v. 1, p. 109-110 e 112 respectivamente.

<sup>4</sup> Eduardo LOURENÇO, *Tempo e Poesia*, Porto: Inova, 1974, p. 57-58.

<sup>5</sup> *Cartas a Fernando Pessoa*, v. 1, p. 54.

O 'caso' Sá-Carneiro revela-se a esta luz suplementarmente interessante pois completa ou fundamenta de forma decisiva a compreensão da sua estética. Pensamos serem de excluir quaisquer perspectivas 'biografista' ou 'psicologista' que pretendessem 'explicar' a obra através da reconstituição da vida, ou de uma análise mais ou menos exaustiva das peculiaridades psíquicas do seu autor. Em Mário de Sá-Carneiro, porém, poeta cuja obra parece surgir exactamente como «a confissão de que a vida não basta», tal universo, povoado de inesgotáveis sonhos e quimeras, não pode deixar de ser considerado. Não só porque ele mesmo, anunciando com grande antecipação a prática surrealista, o transpõe e utiliza conscientemente em termos estéticos, mas porque, dada a sua a-normalidade, não em sentido ético mas literal – de fora da norma, excepcional – este psiquismo *ampliado*, incoerente e abissal modela profundamente a sua criatividade, produzindo, justamente, uma das especificidades mais curiosas da sua obra, ou seja, a desmesura, o exagero, o carácter excessivo e exasperado que a percorre.

De tão violenta, a singularidade deste imenso 'mundo' que é o psiquismo febril do poeta de «A Queda», em que *a estranheza e o vago persistem*, fazendo sobressair a par da *mágoa esquiua a impulsionar o seu génio um enigmático «contentamento descontente»*<sup>6</sup>, só pode ser sugerida através de uma intensa, paradoxal e *inquietadora, por dolorosa e íntima, [...] confissão estiolante*<sup>7</sup>. Como diz o poeta:

Esta ânsia de me descer é que me entardece [...] Afinal é só isto: sobejo-me [...]. Hora a hora resvalo de mim-próprio. Transbordo.  
[...] Morro à língua de excesso<sup>8</sup>.

De salientar como o poeta reproduz um efeito muito próximo do «consciente e voluntário desregramento sensorial», mas simultaneamente como este surge complexamente *ampliado* nessa procura em gigantesco desvario de um *além-sentidos* que supera largamente os «limites da simples Razão», situando-se indefinível e inexplicavelmente para lá da consciência e atingindo, em paroxismo, «os auges da dispersão».

[...]  
*Batem asas de auréola aos meus ouvidos,  
Grifam-me sons de cor e de perfumes,  
Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,  
Descem-me a alma, sangram-me os sentidos.*

<sup>6</sup> *Céu em Fogo*, Lisboa: Ática, 1980, p. 178, 335 e 303 respectivamente.

<sup>7</sup> *Op. cit.*, p. 180.

<sup>8</sup> *Céu em Fogo*, p. 211-212 e 219 e *Poesias*, Lisboa: Ática, 1978, p. 79 respectivamente.

*Respiro-me no ar que ao longe vem,  
Da luz que me ilumina participo;  
Quero reunir-me, e todo me dissipo –  
Luto, estrebucho... Em vão! Silvo pra além...*

*Corro em volta de mim sem me encontrar...  
Tudo oscila e se abate como espuma...  
Um disco de ouro surge a voitar...  
Fecho os meus olhos com pavor da bruma...  
[...]<sup>9</sup>*

Falando destas *suas obras esquivas, roçagando miragens, extáticas de ouro, unguidas de Incerto, tigradas de orgulho, leoninas na ânsia*<sup>10</sup>, Sá-Carneiro ‘explica-nos’:

Nas minhas ânsias de segredo tenho-me esforçado [...] para que os meus sentidos vibrem *diversamente*: desengonçadamente, noutras direcções de crispado – dando-me assim, em vislumbres, uma ilusão intranquila a desconhecido<sup>11</sup>.

O autor de *Céu em Fogo* surge assim, inegavelmente, como o poeta que *manuseia o mistério e interroga o além*, com essa completa ausência de insinceridade própria de quem está, como diz Pessoa, «gravemente atento à importância misteriosa de existir». Talvez por ter plena consciência disso, se designa a si mesmo como um *espírito aventureiro e investigador por excelência*, pressentindo-se antes de mais, *um arrojado descobridor de mundos*<sup>12</sup>.

Por outro lado, a disponibilidade a um experienciar efectivo da ‘angústia fundamental’ afirma-se no autor de «Escavação» como aceitação incoercível do risco da instabilidade permanente, na atitude de constante exposição de si que constitui afinal a coragem de Ser. Por isso Mário de Sá-Carneiro responde ao apelo exigente pelo qual a dor, reivindica o poeta para a exploração meditante dos seus segredos e tormentos. Noutra carta a Pessoa, depois de sublinhar a distinção subtil que o amigo havia feito entre uma grande angústia e *as pequenas coisas que só ralam*, Sá-Carneiro acrescenta significativamente: [...] *numa grande angústia, às vezes, pode até um artista ir buscar, ainda que dolorosamente, material e vontade para uma obra de génio. A dor, quanto a mim, pode ser fecunda*<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> *Poesias*, p. 58-59.

<sup>10</sup> *Céu em Fogo*, p. 277.

<sup>11</sup> *Op. cit.*, p. 59.

<sup>12</sup> *Princípio*, Porto: Orfeu, 1985, p. 90.

<sup>13</sup> *Cartas a Fernando Pessoa*, v. 1, p. 93.

Em *A Confissão de Lúcio*, a propósito da *amizade predestinada* entre Ricardo de Loureiro e Lúcio Vaz, deparamos com uma perturbadora ‘confissão’ deste:

[...] não me saciam apenas as coisas que possuo – aborrecem-me também as que não tenho, porque, na vida como nos sonhos, são sempre as mesmas. [...] Meu Deus, se as tivera, ainda maior seria a minha dor, o meu tédio<sup>14</sup>...

Com efeito, uma paradoxal valorização da fecundidade da dor na sua *zebrante intensidade*, e de certas experiências existenciais limite, onde se instala um *desconforto estagnado* e acontecem *lágrimas e gritos raspados*, no sentido da sua utilização estética, surge repetidas vezes no poeta de «Taciturno». Angústia, náusea, horror, pavor, martírio são palavras insistentes ao longo das suas páginas, como se a sua repetição pudesse de alguma forma suprir a insuficiência que elas denotam, ao tentar expressar todo o caótico, labiríntico, excessivo e aterrador tumulto que preenche o *ampliado* mundo interior do poeta. Neste acontece ainda, frequentemente, um inquietante e insólito interseccionismo pelo qual sensações de dor física e de dor psíquica se entrecruzam penosamente:

[...] Ah! é horrível! *A minha alma não se angustia apenas, a minha alma sangra.* [...] É muito difícil, concordo, fazer compreender isto a alguém. [...] A minha pobre alma [...] endureceu-me toda, toda! secou, ancisolou-se-me; de forma que movê-la – isto é: pensar – me faz hoje sofrer terríveis dores. [...] Um turbilhão de ideias – loucas ideias! – me silva a desconjuntá-la, a arrepanhá-la, a rasgá-la, num martírio alucinante<sup>15</sup>.

Por sua vez, os estetas que ‘habitam’ a sua obra destacam-se habitualmente pela *intensidade excessiva do seu génio, as complicações do seu espírito*, as quais se chegam a manifestar até exteriormente, na *estranheza do seu porte*. Além disto, exprimem-se quase sempre *inquietadoramente: em maravilhas [...] e destrambelhos reais*<sup>16</sup>. É, aliás, esta mistura de singularidade e requinte típica dessas criaturas *geniais, perturbantes, [...] de alma ampla e intensa* que, para Sá-Carneiro, constitui a essência do ser-artista que, embora seja motivo de orgulho dada a marca de superioridade nela implícita, é surpreendentemente a principal razão de sofrimento pelo reverso desolado e nostálgico que contém de inadaptação à *claridade quotidiana*, de exclusão da *vida útil*:

<sup>14</sup> *A Confissão de Lúcio*, Lisboa: Ática, 1982, p. 48-49.

<sup>15</sup> *Op. cit.*, p. 56 em itálico no texto.

<sup>16</sup> *Céu em Fogo*, p. 177-178.

Porque afinal [...] a vida de todos os dias é a única que eu amo. Simplesmente não a posso existir... E orgulho-me tanto de não a poder viver... orgulho-me tanto de não ser feliz... Cá estamos a maldita literatura... [...] Pois eu sofro duplamente, porque vivo no mesmo círculo dourado e, entretanto, sei-me agitar cá em baixo...<sup>17</sup>

Esta oposição sem tréguas nem possível mediador, entre a *vida simples* e a vida artística, pela qual a primeira é completamente desqualificada face à segunda, e sobretudo a rebuscada ambivalência com que é projectada literariamente, é tópico constante na ficção poética. Também na poesia<sup>18</sup> se manifesta idêntico dualismo: sedução pela facilidade *quente e cariciosa* da existência comum e, em simultâneo, aversão à *banalidade* da maioria que *se contenta com poucas ânsias, poucos desejos espirituais, pouca alma... [...] com as obscuridades lantejouladas de qualquer baixo-revisteiro sem gramática...*<sup>19</sup>

Enaltecimento desses *etéreos sonhadores de beleza, roçados de Além, ungidos de Vago*, com quem acaba por se identificar, assumindo com entusiasmo o seu destino *fulvamente radioso*, votado *ao triunfo maior*, mas, ao mesmo tempo, a consciência de que *os que olham a beleza não têm bem-estar nem família*, e a *tristeza de nunca sermos dois*<sup>20</sup>. No fundo ambas são consideradas por Mário de Sá-Carneiro enquanto *expressão materializada da agonia da [...] glória do artista*<sup>21</sup>, ou seja, dessa árdua tarefa de renúncia que a Beleza impõe aos que a procuram.

O real é essencialmente sentido como prosaico, inferior, sórdido e, perante a sua irremediável monotonia e mesquinhez, 'vivido' em apavorante dissociação. Por isso a existência do poeta, feita de sucessivas *rubras impossibilidades*, só poderia ir desembocando numa instabilíssima «fatalidade inexplicável»:

[...] sem motivos, [...] via-se sem forças, morto para todos os entusiasmos: o cérebro líquido, a alma quebrada. [...] A sua vida fora passada aos tombos e aos gritos. Afogueado, suado de alma, tendo visto todas as coisas mas nenhuma inteiramente conhecido [...]<sup>22</sup>

Assim, «a grande mágoa de todas as coisas serem bocados» gera necessariamente *a dor esvaída, capitosa*, de não existir mais do que isto, a *angústia invencível* causada pelo facto, insuperável, de o mundo que há não bastar: sonhos não se realizam. Ora ele sonhava tudo...<sup>23</sup>

<sup>17</sup> *A Confissão de Lúcio*, p. 61 e 62 respectivamente.

<sup>18</sup> Cf. *Poesias*, designadamente p. 52, 54, 60, 62, 99, 100, 122, entre outras.

<sup>19</sup> *A Confissão de Lúcio*, p. 62-63.

<sup>20</sup> *Poesias*, p. 62 e 54 respectivamente.

<sup>21</sup> *Cartas a Fernando Pessoa*, v. 1, p. 71.

<sup>22</sup> *Céu em Fogo*, p. 282 e 134 respectivamente.

<sup>23</sup> *Céu em Fogo*, p. 139.

Também a revolta surge quando, nos momentos de mais fria lucidez, o poeta sente a irreversibilidade dessa incapacidade para aceitar ser só humano, esse seu inevitável *orgulho de auréola* que lhe impede a resignação total – *se ao menos eu permanecesse alguém* – ou parcial: lutar pela plenitude possível de uma «condição humana», que à partida prevê derrotada na sua imutável e inelutável imperfeição. A triste constatação da irreabilidade dos *súbitos mergulhos no azul*, únicos equivalentes reais – ainda que ilusórios – de uma fuga integral da vida, magoam o poeta, tornando-lhe demasiado pesada a sua própria singularidade.

Toda esta permanente 'intromissão' da sua conturbada interioridade faz com que a universalidade da obra do poeta Mário de Sá-Carneiro se torne altamente problemática, o que não invalida de modo nenhum a grandeza inexcelsível da sua alma ou a profundidade do seu poe­tar. Quase sempre parece ser só de si que fala, facto que os «Últimos Poemas» e a última correspondência com Fernando Pessoa maximamente denunciam. Porém, a perspectiva inconfundível e singularíssima que enquanto esteta tem do mundo o qual surge 'descoisificado', sem matéria nem utilidade, aliada à excepcional intensidade emocional com que a exprime, coloca este «ser do eterno quase» além do simples domínio ótico, transpondo-o, por *entre cristais de inquietação*, ao nível ontológico de uma impetuosa e radical experiência dos limites da finitude humana. É que, no fundo, «a angústia do audacioso», embora sofra ao ser contraposta à fácil alegria ou ao fluir quotidiano das actividades tranquilizadoras, situa-se para lá de tais antinomias mantendo uma secreta e embriagante aliança com esse «horizonte de todos os horizontes» que é, como diz Sá-Carneiro, *álcool que nos esvai em lume que nos arde*.

# CRONOLOGIA





## CRONOLOGIA DA VIDA E OBRA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

MARINA TAVARES DIAS

1890. Nasce a 19 de Maio pelas 3 horas da tarde, na Rua da Conceição (n.º 92, 3.º). É baptizado a 22 de Junho na Igreja de S. Julião, na presença dos pais (Águeda Maria de Sousa Peres Murinello de Sá Carneiro e Carlos Augusto de Sá Carneiro), tendo como padrinhos o avô paterno (José Paulino de Sá Carneiro Junior) e a tia materna (Maria Guiomar de Sousa Peres Murinello).  
O avô materno, José Leopoldo Murinello, é funcionário da Santa Casa da Misericórdia. Pela linha paterna, Mário é descendente de famílias nortenhas e de militares. O trisavô, António de Sá Carneiro, fez parte da Legião Portuguesa em França. O bisavô, José Paulino de Sá Carneiro, participou em lutas liberais e era par do Reino. O avô é verificador da Alfândega de Lisboa. Tem apenas uma tia materna. O irmão de Carlos Augusto de Sá Carneiro, José Eduardo, morreu aos 14 anos.  
Mário será a única pessoa da família a usar os apelidos com um hífen.
1892. Águeda Maria, o filho e o cocheiro da casa contraem a febre tifóide. Mário recupera mas a mãe acaba por morrer, com 23 anos, no dia 11 de Dezembro.
1894. Carlos Augusto de Sá Carneiro deixa a casa da Rua da Conceição e inicia uma série de viagens. Mário vive com os avós José Paulino e Cacilda Victorina e com a Ama na Quinta da Victoria, em Camarate. «A Ama [Maria da Encarnação] ainda era nova, nessa época, e viria a casar muito mais tarde. Quando teve um filho, deu-lhe o nome de Mário» (testemunho de Fernando Murinello do Vale).
1897. Carlos Augusto de Sá Carneiro aluga nova casa, no número 13 da Rua Nova da Trindade.

1898. Nasce o tio Ruy de Sá Carneiro, filho daquela que viria a ser a segunda mulher do avô, e que fora em tempos uma das preceptoras de Mário, Maria da Anunciação.
1899. Aos nove anos, Mário já escreve pequenas peças de teatro. «Na quinta, distribuía os papéis pela Ama, criadas, cozinheira e impedido. Costumava *representar* em cima de um pequeno poço que o pai tinha mandado tapar para ele poder brincar sem perigo. Continuava a ser um castigo para ele comer, e a Ama ia chamar o avô, que lhe dizia: *se comeres tudo, dou-te cem mil réis*. Cem mil réis, nesse tempo, era a sorte grande. Ele ia com o impedido do pai às livrarias e voltavam carregados de revistas humorísticas» (testemunho de Edith de Sá Carneiro).
1900. Ingressa no Liceu do Carmo (actual Escola Secundária Veiga Beirão).
1901. Nasce o tio Vasco. Mário passa o Verão com o pai, num *chalet* da Póvoa de Varzim.
1902. Reside esporadicamente na Rua Maria, número 29, 2.º direito. Começa a escrever poesia e possui um caderninho de capa preta onde, a partir de 10 de Julho, vai passando a limpo os novos poemas.
1903. Dedicar um poema à Quinta da Victoria, onde continua a passar largas temporadas. Mora já próximo do liceu, na Travessa do Carmo, número 1, 2.º.
1904. Nasce o tio Hugo. Em Junho, Carlos Augusto está, sozinho, de visita aos Estados Unidos. Mário e a Ama ficam na Quinta da Victoria. A 25 de Julho, já o pai regressou e partem juntos para Paris, onde ficam alojados no Grand Hotel. A 11 de Agosto, Mário envia ao avô uma fotografia tirada na praia de Turnille. A 16 de Agosto estão em Lucerna. A 24, Mário escreve de Roma e informa o avô de que já passaram pela Suíça e por Veneza. No final do mês, visitam também Nápoles. A 8 de Setembro, Carlos Augusto expede um telegrama pedindo ao pai dinheiro para regressar. Em Dezembro, Mário redige e manda imprimir *O Chinó*, jornal «académico com pretensões a humorístico».
1905. Escreve poemas. Traduz *O Clarim* de Déroulède e poesias de Victor Hugo. Entretanto, Carlos Augusto de Sá Carneiro retira *O Chinó* do seu habitual posto de venda (o ainda existente quiosque em frente do

Liceu do Carmo) porque o jornal era demasiado «humorístico» sobre alguns hábitos dos professores...

1906. Mário e os seus amigos passam para o Liceu de S. Domingos (Palácio Regaleira). Traduz Goethe (*Der König in Thule*), Heine (*Buch der Hieder*) e Schiller (*Der Handschuh*). Escreve monólogos cómicos em verso.
1907. A 15 de Maio, participa numa récita organizada por Mário Duarte e pelos alunos do liceu de S. Domingos, a favor das vítimas do incêndio da Rua da Madalena. A peça é *D. César de Bazan* e o papel que Mário representa é o de Marquês de Montfior. Passa de novo as férias em Paris, com o pai. Regressam já em Outubro. Escreve outros poemas (como «A Cortesã», «A Quem?» e «Antíteses»), que não publicará.
1908. A 24 de Abril, faz parte do elenco da récita que inclui *Zaragueta e A Morte da Louca*. É também um dos autores da segunda peça sob o nome de Sirconera (anagrama de Sá-Carneiro), que utilizará também em várias colaborações para a revista *Azulejos*. Publica, a partir de Agosto, vários poemas e contos nesta revista.
1909. Nasce a tia Edith, afilhada de Mário. Continua a colaborar nos *Azulejos*. Escreve o poema «Curtes aí no leito», dedicado ao colega Milton de Aguiar. Ingressa no Liceu Camões para onde são transferidos os alunos de S. Domingos. Frequenta a sexta classe de Letras com a disciplina de alemão. Em Dezembro, começa a escrever a peça *Amizade* de parceria com Thomaz Cabreira Junior.
1910. Publica em *O Século* (a 21 de Janeiro) um elogio ao Liceu Camões, no artigo intitulado «O Eterno Obstáculo». Frequenta a sexta classe. Termina em Abril a peça *Amizade*.
1911. Publica o monólogo «Beijos» no *Almanaque dos Palcos e Salas*. A 9 de Janeiro, suicida-se Thomaz Cabreira Junior, na sequência de um amor impossível. Os alunos do Liceu Camões fundam a Associação Académica, que organiza conferências. A 9 de Abril, Mário profere uma sobre «a situação poética nacional». Os jornais consideram o trabalho «digno de atenção» pelo seu «espírito de observação sintética e sensibilidade artística *raffinée*». Termina o curso dos Liceus (carta de curso a 12 de Setembro). Escreve o poema «A um Suicida», dedicado a Thomaz Cabreira Junior. Parte em

Outubro para Coimbra, para o curso de Direito. Um mês depois, pede ao pai, «de joelhos», que o tire de Coimbra e do curso, que detesta. Regressa a Lisboa em Dezembro.

1912. A 23 de Março é representada a peça *Amizade* pela Sociedade de Amadores Dramáticos (nome que entretanto recebera o grupo dramático de Mário Duarte) no Clube Estefânia. Publica *Princípio*, volume de novelas, dedicado ao pai. A *Ilustração Portuguesa* inclui na sua edição de 3 de Setembro «O Sexto Sentido», uma das referidas novelas. Entre Janeiro e Agosto deste ano, trava conhecimento com Fernando Pessoa. Parte para Paris a 13 de Outubro. Instala-se inicialmente no Hotel Richmond (Rue du Helder) e, logo a seguir, no Grand Hotel du Globe (Rue des Écoles). Inscreve-se no curso de Direito a 14 de Novembro, em seis cadeiras. Antes do final do ano, deixa de ir às aulas.
1913. Frequenta os cafés da margem direita e passa a maior parte do seu tempo nas esplanadas dos *boulevards*. Num postal a Fernando Pessoa, revela que (re)começou a escrever poesia em Fevereiro. Em Maio, diz ainda: «de súbito comecei a escrever versos, mas como que automaticamente». Durante este período de tempo, convive sobretudo com Santa Rita Pintor. Regressa a Lisboa no final de Junho. Escreve a peça *Alma* de parceria com António Ponce de Leão. Continua a trabalhar nas novelas que incluirá em *Céu em Fogo*. Entretanto, publica, no final do ano e datados do ano seguinte, os volumes *A Confissão de Lúcio* (novela) e *Dispersão* (primeiro e único livro de poemas). Em Dezembro, vários jornais incluem recensões aos dois livros.
1914. Programa a saída de uma revista literária, com a colaboração daqueles que viriam a fazer parte de *Orpheu*. O nome escolhido inicialmente (Março de 14) é 'Lusitânia'. Regressa a Paris no início de Junho, na companhia do pai. Carlos Augusto parte daí para Lourenço Marques a 15 de Junho. Continua a trabalhar nas novelas de *Céu em Fogo* e nos poemas destinados ao livro *Indícios de Ouro*, que não publicará em vida. Sai de Paris após a declaração da guerra, no final de Agosto. Passa por Barcelona onde conhece o lusófilo Ribera i Rovira. Parte para Lisboa a 8 de Setembro. Em Outubro, inicia uma temporada na Quinta da Victoria, que o pai tinha, nos últimos anos, tomado a seu cargo. Encontra-se com os amigos, como de costume, nas Brasileiras (do Chiado e do Rossio), no Café Montanha, no Café Martinho, no Martinho da Arcada e no Restaurante Irmãos Unidos (da família Guisado), ao Rossio. Em Lisboa, fica inicialmente alojado na última casa que o pai alugou antes de partir para Áfri-

ca: o número 78 da Praça dos Restauradores, onde reside agora a segunda mulher do pai, Maria Cardoso. Muda-se depois para o Hotel Aliança, no Chiado.

1915. No início do ano, *Céu em Fogo* está em provas. O grupo de *Orpheu* prepara a revista, que sai em Abril, provocando um escândalo nos meios intelectuais instituídos. Estética e literariamente revolucionária, «sensacionista», a ofensiva de *Orpheu* leva os poetas à primeira página dos jornais, como «paranóicos». O principal detractor, Júlio Dantas, considera excessivo o aparato criado em torno de *Orpheu*. Ao criticar a «poesia de loucos» na *Ilustração Portuguesa*, omite o nome dos poetas, para não publicitar mais o caso, ao qual, diz, «a imprensa fez tal reclame que a primeira edição esgotou e já se está a imprimir a segunda».

Mário de Sá-Carneiro publica *Céu em Fogo* no final de Abril. Em Julho, sai o segundo número de *Orpheu*. As críticas continuam. Desta vez, a revista publica também poemas de um louco genial, internado em Rilhafoles: Angelo de Lima.

A 11 de Julho, Mário regressa a Paris, passando por San Sebastian. Em Agosto, já está instalado no Hotel de Nice (Rue Victor Massé). Continua a escrever poemas para *Indícios de Ouro*. Escreve a Fernando Pessoa dizendo que é impossível continuar com a publicação de *Orpheu* pois Carlos Augusto de Sá Carneiro não pode pagar o número três. Em Paris, Mário «boceja, é claro». Agrava-se a crise. Considera que já nem acredita na sua própria desgraça.

1916. É-lhe impossível voltar para Lisboa, com «a casa desfeita» ou partir para África, que «não é terra para mim». Conhece entretanto, no Café Cyrano da Place Blanche, uma mulher de nome Renée que passa a acompanhá-lo e que conseguirá dissuadi-lo de se suicidar lançando-se para debaixo do *metro*. Mário refere-a numa das últimas cartas.

Envia a Fernando Pessoa o seu caderno de poesias e acaba por se suicidar no dia 26 de Abril às oito da noite no Hotel de Nice. Pedira, à tarde, a comparência de José Araújo (morador na Rue Faubourg Montmartre) no hotel. Quando este chega, conta-lhe que tomou 5 frascos de arseniato de estricnina... É enterrado a 29 de Abril no cemitério suburbano de Pantin, em coval separado, pago por José Araújo e alugado por cinco anos. Carlos Ferreira, outro amigo de Paris, revela a Fernando Pessoa o seu desejo de pagar uma lápide onde fiquem inscritos os títulos das obras publicadas pelo poeta. A referida lápide, mais modesta, acabará por ser paga por Carlos Augusto de Sá Carneiro. Inexplicavelmente, a sepultura desaparecerá após cinco renovações de aluguer, em 1949. Carlos Augusto de Sá Carneiro, pai do poeta, morre no dia 6 de Junho de 1952.

As cartas de Fernando Pessoa dirigidas para o Hotel de Nice também desapareceram. Inicialmente deixadas, como penhora, numa mala onde ficaram guardados todos os objectos de Mário de Sá-Carneiro, já não foram encontradas pelo pai deste no seu regresso à Europa, em 1928. Familiares de Mário de Sá-Carneiro afirmam ter visto ainda algumas das cartas de Pessoa anteriores a 1915. É possível que a última parte da correspondência tenha mesmo ficado com Carlos Ferreira, como se deduz da notícia publicada no *Diário de Lisboa* em 1924.

A morte de Mário de Sá-Carneiro continua por averbar na sua certidão de nascimento. Os arquivos parisienses também não a registaram em qualquer certificado que possa ter sido enviado para Lisboa. Em Portugal, oficialmente, o poeta continua vivo.

---

# BIBLIOGRAFIA

---



Augusto  
de  
Marta  
M  
e  
u  
q  
u  
e  
r  
r  
i  
d  
o  
Fernando  
Pessoa

fa  
lo  
u  
me  
hoje  
que  
tinha  
falado  
a

Você

a pedir-lhe os  
pedras limpas

Apollinaire

Ma  
Je  
me  
ve  
no  
p  
a  
r  
t  
e

M  
a  
s  
o  
p  
o  
s

entre-lhe

numeros  
de  
sua  
ser

um  
entre  
outro  
la  
aerço  
de  
seu

Sá-Carvalho

## NOTA EXPLICATIVA

A «viagem» literária de Mário de Sá Carneiro – que a presente bibliografia procura registar – inscreveu-se no curto período que decorreu (excluindo a efémera aventura de *O Chinó*, 1904) entre 1908, ano da estreia do escritor em *Azulejos*, e 1916, ano da sua morte em Paris. Durante esses oito anos, Mário de Sá Carneiro publicou cinco livros (*Amizade*, *Princípio*, *A Confissão de Lúcio*, *Dispersão* e *Céu em Fogo*), o primeiro dos quais em colaboração com Tomás Cabreira Júnior, o companheiro de juventude que em 1911 se suicidou, e quatro dezenas de textos dispersos por jornais e revistas. Mas deixou inéditos, confiados a parentes e amigos, numerosos manuscritos que, pouco a pouco, foram sendo conhecidos do público, dando origem a uma série de estudos críticos que não parou de crescer até aos dias de hoje. No seu melhor, tais manuscritos foram enviados de Paris a Fernando Pessoa que, em 1928, redigiu para a revista *Presença* (vol. 1, n.º 16, Nov. 1928) a célebre «Tábua Bibliográfica» de Mário de Sá Carneiro anunciando o sexto e último título do poeta: *Indícios de Ouro*, só publicado, pela mesma *Presença*, em 1937, quando haviam já decorrido 20 anos da morte do autor.

Uma selecção dos *MANUSCRITOS* deixados por Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa – hoje na Biblioteca Nacional – abre a bibliografia aqui publicada. Selecção no que diz respeito, sobretudo, ao epistolário, uma vez que a BN possui duzentas e onze das cartas que Sá Carneiro remeteu a Pessoa entre 1912 e 1916. Já quanto aos textos – poesia e prosa – que acompanhavam essas missivas – boa parte dos quais constitui a primeira versão de *Dispersão* e *Indícios de Ouro*, nomeadamente – procurou-se o registo exaustivo, referenciando sempre a carta que acompanhavam e onde foram publicados pela primeira vez e/ou primeiro reunidos em volume.

A parte relativa aos *IMPRESSOS*, que constituem a *BIBLIOGRAFIA ACTIVA* de Mário de Sá Carneiro, é também exaustiva e foi dividida em dois grupos,

reunindo primeiro (por ordem alfabética) os títulos publicados em volume e, depois, os textos dispersos em monografias e publicações periódicas. Para a sua elaboração foram convocados não só todos os exemplares que a BN possui, mas também os mais de que tivemos, directa ou indirectamente, conhecimento. Igual preocupação de exaustividade – aqui sempre difícil de garantir – presidiu à recolha da BIBLIOGRAFIA PASSIVA, ou dos estudos sobre Mário de Sá Carneiro, também dividida em monografias e estudos dispersos, ordenados alfabeticamente pelos respectivos autores e, dentro destes, por idêntica ordem de títulos.

Para ilustração foram utilizados alguns dos autógrafos referenciados, fotografias e outros «retratos» de Mário de Sá Carneiro, timbres e ilustrações de cartas e bilhetes postais, páginas de título, capas de livros e revistas, com especial atenção para as primeiras edições. Em complemento, publicam-se os índices de nomes, títulos e publicações periódicas referidos na *Bibliografia de Mário de Sá Carneiro* que a Biblioteca Nacional se honra de entregar a todos quantos pretendem conhecer melhor a Vida e Obra do genial escritor.

# I. MANUSCRITOS

- *selecção* -

## ABREVIATURAS

aut. . . . .	→	autógrafo
BN . . . . .	☛	Biblioteca Nacional
cm . . . . .	→	centímetros
color. . . . .	☛	colorido(s)
Esp. . . . .	→	Espólio
f. . . . .	☛	folha(s)
F. P. . . . .	→	Fernando Pessoa
i.é . . . . .	☛	isto é
il. . . . .	→	ilustração(ões)
Livr. . . . .	☛	Livraria
p. . . . .	→	página(s)
p&b . . . . .	☛	preto e branco
S. . . . .	→	série
s.l. . . . .	☛	sem local
sup. lit. . . . .	→	suplemento literário
tb. . . . .	☛	também
tít. . . . .	→	título
trad. . . . .	☛	tradução; tradutor
v. . . . .	→	volume(s)

## A. MANUSCRITOS DE MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

### 1. Poesia e prosa

1. Além / Sá-Carneiro. — [1913 Mar.]. — [2] p.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Incluso na carta a F.P. de 10 Mar. 1913. — Local: Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez, como 3.<sup>o</sup> trecho, sob o tít. geral de «Além e Bailado» em *Céu em fogo: oito novelas*. Lisboa: Livr. Brasileira, 1915, p. 169. Publicado tb. em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática, 1958, 1.<sup>o</sup> v., p. 204-205

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 69-70

2. Além - tédio / [Mário de Sá Carneiro]. — [1913 Maio]. — 2 p. 1 f.; 21 cm

Autógrafo. — Incluso na carta a F.P. de [31] Maio 1913. — Local: Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa: em casa do Autor, 1914, p. 59-60. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa: Ática, 1946, p. 73-74

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 130

= Além - tédio =

Nada me espira já, nada me vive —  
Nem a tristeza nem as horas belas.  
De as não ter e de nunca vir a tê-las,  
Furtam-me até as coisas que não tive!

Como eu quizesse, enfiquei d'algun esquisito,  
Dormir em paz num leito d'hospital...  
Causui dentro de mim, causei a vida  
E a tanto a divagar em luz irreal.

Eu já me imaginei escalar os céus  
A força de ambição e nostalgia,  
E, doente-de-Novo, fui-me deus  
No grande rastro fulvo que me ardia.

Parti. Mas logo regressui à dor  
Pois tudo me reinou... Tudo era igual:  
A quimera, a conquista, era real,  
A própria maravilhosa ti-mha cor!

3. Apoteose / Mário de Sá-Carneiro  
. — 1914 Jun. 28. — 1 p.; 8 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Suporte : bilhete postal a F.P. com a mesma data. — Local : Paris . — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez sob o tit. «Para os Indícios de Ouro» em *Orpheu*, Lisboa, 1 (1) Jan.-Mar. 1915, p. 24-25. Publicado ainda em *Indícios de Ouro*. Porto : Presença, 1937, p. 17. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 97

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 27

= Bailado =

1.

Tudo horizonte... só horizonte...

-----

Puido franco de silencio...  
O horizonte é fúria que jorra!

Poseu na minha febre anpressas  
de madrugada...

Água fria! Água fria!

~~~~~

Como o silencio reuge e treme... e treme... em  
listas d'ouro fustigante, perpetuas...

Quero ouro que se volte em labareda a porvinter...

4. Bailado / Mário de Sá-Carneiro  
. — 1913 Mar. — 8 p. 4 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Incluso na carta a F.P. de 29 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Céu em fogo: oito novelas*. Lisboa : Livr. Brasileira, 1915, p. 171-176

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 78-81

5. A batalha do Marne: impressões  
de aniversario / Mário de Sá-Carneiro.  
— 1915 Out. — [2] p. 1 f.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Local : Paris. — Publicado em *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, S. 2 (513) 20 Dez. 1915, p. 794-795

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 98

6. Bebedeira / Mário de Sá-Carneiro.  
— 1913 Maio 4. — [2] p. 1 f.;  
21 cm

Autógrafo assinado. — Deveria estar junto à carta a F.P. de 4 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado com o tit. «Álcool» pela 1.<sup>a</sup> vez em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa : em casa do Autor, 1914, p. 25-26. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 58-59

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 112

7. [Campainhada] / Mário de Sá-  
-Carneiro . — 1915 Nov.?. — 1 p.;  
22 cm

Autógrafo assinado. — Incluso na carta a F.P. de 5 Nov. 1915. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Indícios de Ouro*. Porto : Presença, 1937, p. 63. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 148

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 103

8. Como eu não possuo / Mário de  
Sá-Carneiro . — 1913 Maio . — [3] p.  
2 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Incluso na carta a F.P. de [31] Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa : em casa do Autor, 1914, p. 53-55. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 70-72

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 130-131

9. [Crise lamentável / Mário de Sá Carneiro]. — 1916. — [2] p.; 21 cm

Autógrafo. — Incluso na carta a F.P. de 8 Jan. 1916. — Local : Paris. — Publicado em *Indícios de Oiro*. Porto : Presença, 1937, p. 73-74. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 160-161

BN Esp. E3/115<sup>7</sup> — 61-66

10. Dispersão / Mário de Sá-Carneiro. — 1913 Maio. — 6 p. 3 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Junto à carta a F.P. de 3 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa : em casa do Autor, 1914, p. 33-39. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 61-65

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 110-111

11. Distante melodia... / Mário de Sá-Carneiro. — 1914 Jun. 30. — [2] p. 1 f.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Deveria fazer parte da carta a F.P. de 30? Jun. 1914. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez sob o tít. «Para os Indícios de Oiro» em *Orpheu*, Lisboa, 1 (1) Jan.-Mar. 1915, p. 20-21. Publicado ainda em *Indícios de Oiro*. Pôrto : Presença, 1937, p. 18-19. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 98-99

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 29

12. Escala / Mário de Sá-Carneiro. — 1915 Jul. — [4] p. 2 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Deveria estar junto à carta a F.P. de 26 Jul. 1915. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Indícios de Oiro*. Pôrto : Presença, 1937, p. 36-38. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 116-118

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 39

- Escala -

Oh! repensar a mim profundamente  
E ser o que já fui no meu delírio...  
— Vá, que se abra de novo o grande delírio,  
Tombem miósetes em cristal e Oriente.

Queja-me de novo a grande esperança,  
E de novo me timbre a grande Lua!  
Eia! que empunhe em outra a lança  
E a espada d'Astros — ilusória e real.

Rompas a fanfarras atrás do funeral!  
Que se abra o póço de marfim e jade!  
— Vamos! é tempo de partir a grade!  
Corra o palácio inteiro o vendaval!

Nem portas nem janelas, como dantes;  
A chuva, o vento, o sol — e eu, A Estátua!  
Que me nimbem de novo a aureolá fátua —  
Tirano medieval d'Oiros distantes.

13. [Escavação] / M. de Sá-Carneiro. — 1913 Maio 3. — 1 p.; 14 × 9 cm

Autógrafo assinado. — Incluso em bilhete postal a F.P. de 3 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa : em casa do Autor, 1914, p. 17. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 55

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 107

14. Estátua falsa / Sá-Carneiro. — 1915 Maio 5. — 1 p.; 14 × 9 cm

Autógrafo assinado. — Incluso em bilhete postal a F.P. de 5 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 66-67

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 113



15. Femenina / Mário de Sá-Carneiro.  
— 1916 Fev. — 1 p.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Incluso na carta a F.P. de 16 Fev. 1916. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez, sem os dois últimos versos, em *O Diário Ilustrado*, Lisboa, 1 (160) 14 Maio 1957, sup. lit., p. 21. Publicado tb. em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 2.<sup>o</sup> v., p. 159

BN Esp. E3/115<sup>7</sup> — 13

16. [Fim] / Mário de Sá-Carneiro. —  
1916 Fev. — 1 p.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Incluso na carta a F.P. de 16 Fev. 1916. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez com este tít. em *Indícios de Ouro*. Pôrto : Presença, 1937, p. 78. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 168

BN Esp. E3/115<sup>7</sup> — 13

17. Le fixateur d'instant / [Mário de Sá Carneiro. — s.d.]. — 1 p.; 27 cm

Autógrafo. — Junto com «A travers la forêt de l'absence». — Fragmento, em francês

BN Esp. E3/115<sup>7</sup> — 55

18. O homem dos sonhos: a Fernando Pessoa / Mário de Sá-Carneiro.  
— 1913 Mar. — 16 p.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *A Águia*, Porto, S. 2, 3 [17] Maio 1913, p. 150-156. Publicado tb. em *Céu em fogo: oito novelas*. Lisboa : Livr. Brasileira, 1915, p. 127-138, dedicado a José Paulino de Sá Carneiro

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 82-97

: Inter-sonho =

Nessa irreverente melodia  
Toda a minha alma se esconde;  
Reverbera-se em 1.<sup>a</sup> Aonde  
Perturbam-me em nostalgia...

Mauha d'arroz! Mauha d'arroz!  
Pocuarria! Pocuarria!...

Tacteis... dobre... resvala...

Preceitos de santuária  
Desencantado-re das flores...

Que pesadelo tão bom...

Presente um grande interado,  
Deliro todas as coisas,  
Vivi em rãto e morro em son...

6. Maio 1913 - Paris.

M. de Sá-Carneiro

19. Inter-sonho / M. de Sá-Carneiro.  
— 1913 Maio 6. — 1 p.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Junto à carta a F.P. de 6 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa : em casa do Autor, 1914, p. 21. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 56-57

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 117

20. O Lord / Mário de Sá-Carneiro.  
— 1915 Set. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Incluso em bilhete postal a F.P. de 28 Set. 1915. — Publicado pela 1.<sup>a</sup> vez em *Contemporânea*, Lisboa, 1, 1 (2) Jun. 1922, p. 54. Publicado ainda em *Indícios de Ouro*. Pôrto : Presença, 1937, p. 56. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 140

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 83

21. A Luva / trad. da poesia de [Friedrich] Schiller «Der Hanschuh» por Mário de Sá-Carneiro. — 1909 Jun. — [4] p.; 30 cm

Autógrafo assinado do trad. — Adquirido por compra a José Manuel Rodrigues, leilão 8. — No final : Lisboa Junho de 1909

BN Esp. A/1040

22. O Pagem / M. de Sá-C. — 1915 Nov. — 1 p.; 17 cm

Autógrafo assinado. — Junto à carta a F.P. de 18 Nov. 1915. — Local : Paris. — Publicado pela 1.ª vez em *Indícios de Ouro*. Porto : Presença, 1937, p. 62. — Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 147

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 112

23. Quasi / Mário de Sá-Carneiro. — 1913 Maio 13. — [2] p. 1 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Junto à carta a F.P. de 14 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado pela 1.ª vez em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa : em casa do Autor, 1914, p. 47-48. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 68-69

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 123

24. A queda / Mário de Sá-Carneiro . — 1913 Maio 8. — [2] p. 1 f.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Junto à carta a F.P. de 10 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado pela 1.ª vez em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa : em casa do Autor, 1914, p. 69-70. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 79-80

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 118

25. Rodopio / [Mário de Sá Carneiro]. — 1913 Maio 7. — 4 p. 2 f.; 21 cm

Autógrafo. — Junto à carta a F.P. de 10 Maio 1913. — Local : Paris. — Publicado pela 1.ª vez em *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, S. 2 (410) 29 Dez. 1913, p. 758. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 75-78

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 118-119

M. de Sá-Carneiro  
Paris 6 de Maio 1913  
A minha vida sentou-se  
e não ha quem a levante,  
e ue desde o Poente ao Levante  
A minha vida sentou-se.  
E ei-la, a minha, la esta  
Estendida - a perna trancada -  
No infundavel sofá  
Da minha alma estofada.  
Pois é assim: a minha Alma  
Gostou de tocar de Russias,  
e despediu-se de Culmã,  
e hoje sou eu só pelucias...  
vui nos Cafés pes e um boce,  
e é o matim de castigo -  
e não ha nem um momento  
que a regresso ao ~~olho~~ antigo!

26. Serradura / M. de Sá-Carneiro . — 1915 Set. 6. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Suporte : bilhete postal a F.P. — Local : Paris. — Publicado pela 1.ª vez, com variantes, em *Poesias*. Lisboa : Ática, 1946, p. 137-139. Publicado integralmente em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 116-120

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 70

## *Simplemente...*

*Em frente dos meus olhos, ela passa  
Toda negra de crepas lustrosos.  
Os seus passos são leves, vigorosos;  
No seu perfil há distinção, há graça.*

*Paris. Inverno e sol. Tarde gentil.  
Crianças esbeltas deslizando...  
Eu perco o meu olhar de quando eu quando,  
Mantendo o ar, sorrindo o ar de abril.*

*... Agora veio a sua ribeirão  
Até desuparicar no boulevard,  
E eu que não sou nem nunca fui poeta,  
Estes versos começo a mudar.*

*Perfil perdido... Imaginariamente,  
Vou arriscando a sua vida inteira.  
Pai que é honesto, não, trabalhadeira,  
E que o pai lhe morrau recantamente.*

27. *Simplemente...* / Mário de Sá-Carneiro. — 1913 Fev. — 7 p. 4 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Junto à carta a F.P. de 26 Fev. 1913. — Local: Paris. — Publicado pela 1.ª vez com o tít. «Partida» e noutra versão em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa: em casa do Autor, 1914, p. 9-13. Publicado ainda nesta versão em *Poesias*. Lisboa: Ática, 1946, p. 51-54. Publicado integralmente em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática, 1958, 1.º v., p. 192-197

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 60-61

28. *Sugestão* / [Mário de Sá Carneiro]. — 1914 Ago. — 1 p.; 22 cm

Autógrafo. — Incluso na carta a F.P. de 20 Ago. 1914. — Local: Paris. — Publicado pela 1.ª vez em *Orpheu*, Lisboa, 1 (1) Jan.-Mar. 1915, p. 14. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa: Ática, 1946, p. 100

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 62

29. *Taciturno* / Mário de Sá-Carneiro. — 1914 Ago. — 1 p.; 28 cm

Autógrafo assinado. — Deveria fazer parte da carta a F.P. de 17 Ago. 1914. — Local: Paris. — Publicado pela 1.ª vez sob o tít. «Para os Índicios de Oiro» em *Orpheu*, Lisboa, 1 (1) Jan.-Mar. 1915, p. 15-16. Publicado ainda em *Índicios de Oiro*. Pôrto: Presença, 1937, p. 21-22. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa: Ática, 1946, p. 101-102

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 19

30. *Vontade de dormir* / M. de Sá-Carneiro. — 1913 Maio 6. — 1 p.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Junto à carta a F.P. de 6 Maio 1913. — Local: Paris. — Publicado em *Dispersão: 12 poesias*. Lisboa: em casa do Autor, 1914, p. 29-30. Publicado tb. em *Poesias*. Lisboa: Ática, 1946, p. 60

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 117

## 2. *Cartas*

31. [Bilhete postal ilustrado], 1901 Set. 16, Povo de Varzim [a] José Paulino de Sá-Carneiro, Lisboa / Mario. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração: «Praça do Almada. Povo de Varzim», p&b. — Reproduzido em *Doação João Pinto de Figueiredo: catálogo*. Lisboa: BN, 1990, p. 20

BN Esp. N25/12

32. [Bilhete postal ilustrado], 1901  
Set. 27, Póvoa de Varzim [a] José Paulino de Sá Carneiro, Lisboa / Mario  
. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «Passeio Público, Paços do Concelho. Póvoa de Varzim», p&b

BN Esp. N25/13

33. [Bilhete postal ilustrado], 1904  
Ago. 20, Venezia [a José Paulino de] Sá-Carneiro, Lisboa / Mario. — 1 p.;  
14 × 9 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «Piccioni de S. Marco. Venezia», p&b. — Reproduzido em *Doação João Pinto de Figueiredo: catálogo*. Lisboa : BN, 1990, p. 21

BN Esp. N25/14

34. [Bilhete postal ilustrado], 1912  
Out. 16, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisboa / Sá-Carneiro. — 1 p.;  
9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «L'Arc de Triomphe et les Champs Élysées», color. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 15

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 8

35. [Bilhete postal ilustrado], 1912  
Natal [i.é 1912 Dez. 26], Paris [a] Fernando Pessoa, Lisboa / Sá-Carneiro. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «Café-Restaurant du Cardinal. Boulevard des Italiens», p&b. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 19

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 26



Les Écourtées

36. [Bilhete postal ilustrado], 1912  
Dez. 28, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisboa / Sá-Carneiro. — 1 p.;  
9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Data do carimbo dos correios de Paris; data aut. : Ano Novo 1913. — Ilustração : «Les Écourtées» : [caricatura], color. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 20

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 29

37. [Bilhete postal ilustrado], 1912  
Dez. 28, Paris [a] José Paulino de Sá-Carneiro, Lisboa / Mario. — 1 p.;  
9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração alusiva à quadra natalícia com «Bonne Année» impresso, color.

BN Esp. N25/15

À Minuit PARIS.  
CAFÉ RICHE



Fantaisies-Attractions.

38. [Bilhete postal ilustrado], 1913 Jan. 2, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Carneiro. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «À minuit. Café Riche. Fantaisies. Attractions», color. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoanos, 1980, p. 21

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 30

39. [Bilhete postal ilustrado], 1913 Mar. 10, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Carneiro. — 1 p.; 10 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «Café Riche», color. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoanos, 1980, p. 25

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 72

40. [Bilhete postal ilustrado], 1913 Mar. 13, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Carneiro. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «Café-Restaurant de la Régence. Salon du Restaurant», p&b. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoanos, 1980, p. 24

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 73

41. Bilhete postal, 1914 Mar. 20, Lisboa [a] Fernando Pessoa, Lisboa / Sá-Carneiro. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoanos, 1980, p. 31

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 5

42. [Bilhete postal ilustrado], 1914 Ago. 26, Toulouse [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Carneiro. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «Toulouse-Le Canal du Midi», p&b. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoanos, 1980, p. 73

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 68

43. [Bilhete postal ilustrado], 1914 Ago. 27, Perpignan [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Carneiro. — 1 p.; 9 × 13 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «Perpignan - Vue générale de la Place Arago», p&b. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoanos, 1980, p. 74

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 72

44. [Bilhete postal ilustrado], 1914  
Set. 6, Barcelona [a] Fernando Pessoa,  
Lisboa / M. de Sá-Carneiro. — 1 p.;  
9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : [«Templo da Sagrada Família», p&b, identificação ilegível : pintado com tinta branca. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 75

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 88

45. Bilhete postal ilustrado], 1914  
Set. 7, [Barcelona a] Fernando Pessoa,  
Lisboa / Sá-Carneiro. — 1 p.; 9 × 14  
cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «Templo Sagrada Família», color. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 76

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 91

46. [Bilhete postal ilustrado], 1915  
Jul. 13, San Sebastian [a] Fernando  
Pessoa, Lisboa / Sá-Carneiro. — 1 p.;  
9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração : «San Sebastian - Vista geral de la playa de la Concha», p&b. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 105

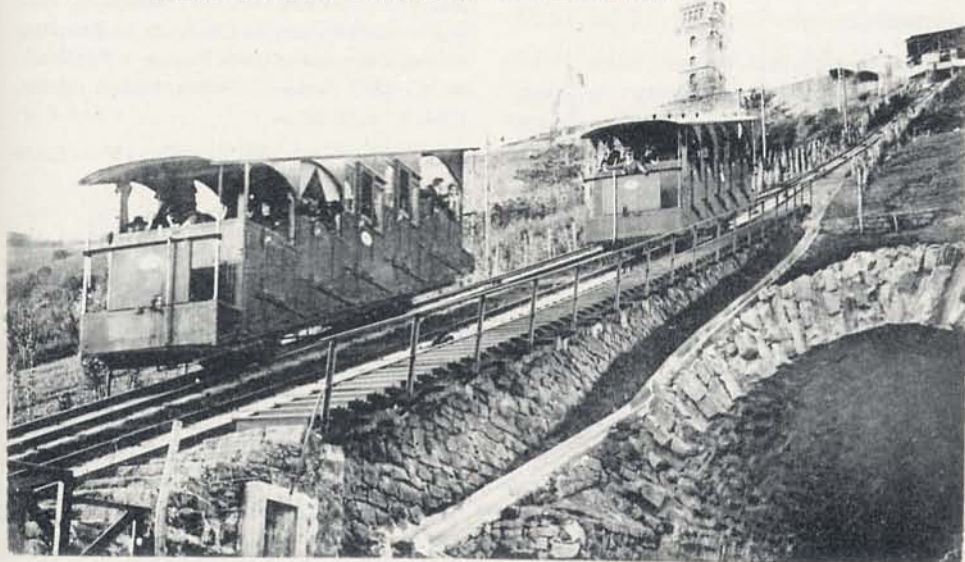
BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 20

47. [Bilhete postal ilustrado], 1915  
Jul. 13, San Sebastian [a] Fernando  
Pessoa, Lisboa / Sá-Carneiro. — 1 p.;  
9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Complemento ao endereço : «Al Señor Don Alvaro de Campos - ingenheiro - ao cuidado do Ex.º Sr. ...». — Ilustração : «San Sebastian. Monte Igueldo. El cruce del funicular», p&b. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 104

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 21

166. SAN SEBASTIAN — Monte Igueldo - El cruce del funicular



48. [Bilhete postal ilustrado], 1915  
Jul. 13, San Sebastian [a] F. Pessoa,  
Lisboa / M. de Sá-Carneiro. — 1 p.;  
9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Complemento ao endereço: «Al Señor Don Alvaro de Campos — engenheiro, ao cuidado do Sr...». — Ilustração: «San Sebastian. Llegada del Tránsito de Ulia a la Estacion», p&b. — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 103

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 22

49. [Bilhete postal ilustrado], 1915  
Jul. 14, San Sebastian [a] José Paulino  
de Sá-Carneiro, Lisboa / Mario. —  
1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado. — Ilustração: «San Sebastian. Paseo de la Concha», p&b

BN Esp. N25/16

50. [Bilhete postal ilustrado], 1915  
Jul. 29, Paris [a] José Paulino de Sá-  
-Carneiro, Lisbonne / Mario. — 1 p.;  
14 × 9 cm

Autógrafo assinado. — Posteriormente enviado para R. Consigliere Pedroso, Sintra. — Ilustração: «Rua de Paris», com a legenda: «Ecrivez nous vite! Voyez comme nous attendons le facteur», p&b. — Reproduzido (a il.) em *Doação João Pinto de Figueiredo: catálogo*. Lisboa: BN, 1990, p. 22

BN Esp. N25/17

51. [Carta], 1904 Set. 8, Paris [a] José  
Paulino de Sá Carneiro, s.l.] / Mario  
. — 1 p.; 19 cm

Autógrafo assinado. — Papel timbrado «Grand Hotel, Paris»

BN Esp. N25/20

## GRAND HÔTEL



PARIS

CHAUFFAGE À LA VAPEUR  
STEAMHEATING

52. [Carta], 1912 Dez. 2, Paris [a]  
Fernando Pessoa, Lisbonne / Mario de  
Sá-Carneiro. — [8] p. 4 f.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Timbrado «Café Restaurant Cardinal». — Envelope com nota aut. de Fernando Pessoa. — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática, 1958, 1.º v., p. 33-36

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 18-20

53. [Carta], 1912 Dez. 10, Paris [a]  
Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Car-  
neiro. — [8] p. 4 f.; 14 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope (rasgado). — O documento cotado em 115<sup>4</sup> — 25 é o verso do envelope que inclui nota aut. de Fernando Pessoa. — Timbrado «Taverne Pousset». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática, 1958, 1.º v., p. 38-42

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 22-25

54. [Carta], 1912 ultimo dia [i.é Dez. 31], Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Carneiro. — [4] p. 2 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — No verso do envelope tem nota aut. de F.P. : «Resp. 4/1/1913». — Envelope timbrado «Grand Café». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 43-45

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 27-28

55. [Carta], 1913 Jan. 21, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Mario de Sá-Carneiro. — [6] p. 3 f.; 28 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — No verso do envelope tem a nota aut. de F.P. : «R. 27/1/1913». — Papel timbrado «Brasserie Universelle». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 50-55

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 35-38

56. [Carta], 1912 [i.é 1913] Jan. 21, Paris [a] Fernando Pessoa, [Lisboa] / Sá-Carneiro. — [8] p. 4 f.; 28 cm

Autógrafo assinado. — O envelope desta carta está cotado em 115<sup>4</sup>-39. — Timbrado «Café Balthazardo». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 55-62

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 1-4

57. [Carta], 1913 Mar. 25, Paris [a] Fernando Pessoa, [Lisboa] / Sá-Carneiro. — [4] p. 2 f.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Papel timbrado «Maison Lavenne. Metropolitan. Montparnasse». — Desta carta deveriam fazer parte os poemas «Bailado» e «Além» e o *post-scriptum* cotados em 115<sup>4</sup> — 68-70. — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 92-97 e p. 200-205

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 75

## LA RÉGENCE

### CAFÉ RESTAURANT

PLACE DU THÉÂTRE FRANÇAIS  
161-163, Rue Saint-Honoré

TÉLÉPHONE

PARIS. PROVINCE ÉTRANGER

239-58

58. [Carta], 1913 Mar. 29, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Carneiro. — [4] p. 2 f., 8 p. 4 f.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — No verso do envelope tem nota aut. de F.P. — Tem junto a versão completa de «Bailado». — Carta e envelope em papel timbrado «La Régence — Café Restaurant». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 96-98 e p. 205-208

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 76-81

59. [Carta], 1912 [i.é 1913] Maio 4, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Sá-Carneiro. — [6] p. 3 f.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — No verso do envelope tem nota aut. de F.P. : «R. 7/5/13». — Papel timbrado «Café Riche». — Deste documento deveria fazer parte o poema «Bebadeira». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 113-115

BN Esp. E3/115<sup>4</sup> — 5-7

60. [Carta], 1914 Mar. 15, Lisboa [a] Victoriano Braga, Lisboa / Mario de Sá-Carneiro. — [2] p.; 17 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope

BN Esp. N25/23



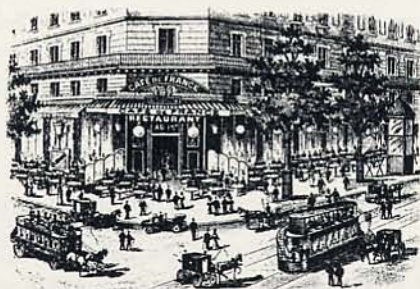
61. [Carta], 1914 Jun. 3, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Mario de Sá-Carneiro. — [3] p.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Papel timbrado «Café de Rohan — Restaurant-Glacier». — O documento cotado em 115<sup>5</sup> — 10 corresponde ao verso do envelope. — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 147-149

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 6-10

CAFÉ DE FRANCE  
RESTAURANT

CH. SÉBILLON  
L. BILLARD, SUCC<sup>r</sup>



9, Boul<sup>d</sup> S<sup>t</sup> Denis  
Boul<sup>d</sup> Sébastopol 114

62. [Carta], 1914 Jun. 30?, Paris [a] Fernando Pessoa, [Lisboa] / Mario de Sá-Carneiro. — [4] p. 2 f.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Papel timbrado «Café de France — Restaurant». — Desta carta deveria fazer parte a poesia «Distante melodia...». — Publicado, com a data de 20 Jun., em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 152-155

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 16-17

63. [Carta], 1914 Jul. 5, Paris [a] Fernando Pessoa, [Lisboa] / Mario de Sá-Carneiro. — [5] p. 3 f.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Papel timbrado «Braserie Chope du Châtelet, Maison Georges Thibault». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 165-168

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 36-38

64. [Carta], 1914 Jul. 13, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Mario de Sá-Carneiro. — [8] p. 4 f.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope (rasgado). — Papel timbrado «Café Royal». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1958, 1.º v., p. 169-177

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 31-35

65. [Carta], 1914 Ago. 17, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Mario de Sá-Carneiro. — [6] p. 3 f.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Envelope timbrado «Grand Café du Delta». — Desta carta deveria fazer parte a poesia «Taciurno». — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 63-64

BN Esp. E3/15<sup>5</sup> — 56-59

66. [Carta], 1914 Ago. 20, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Mario de Sá-Carneiro. — [8] p. 4 f.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Inclui o poema «Sugestão». — Papel timbrado «La Régence — Café Restaurant». — Publicado em *Correspondência inédita de [...] a Fernando Pessoa*. Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980, p. 65-67

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 60-62

67. [Carta], 1914 Ago. 29, Barcelona  
[a] Fernando Pessoa, Lisboa / Mario  
de Sá-Carneiro. — [5] p. 3 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Papel  
timbrado «Au 'Lion d'Or'» Gran Café-Restaur-  
ant. Barcelona». — Publicado em *Cartas a Fer-  
nando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1959, 2.º v., p. 7-9

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 73-75

68. [Carta], 1914 Ago. 30, Barcelona  
[a] Fernando Pessoa, Lisboa / Mario  
de Sá-Carneiro. — [2] p.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Papel  
timbrado «Gran Continental — Café-Restaur-  
ant». — Publicado em *Cartas a Fernando Pes-  
soa*. Lisboa : Ática, 1959, 2.º v., p. 9-10

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 76-78

69. [Carta], 1914 Set. 4, Barcelona  
[a] Fernando Pessoa, Lisboa / Mário  
de Sá-Carneiro. — [5] p. 3 f.; 22 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. —  
Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa  
: Ática, 1959, 2.º v., p. 13-15

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 81-83

70. [Carta], 1914 Set. 6, Barcelona  
[a] Fernando Pessoa, Lisboa / Mário  
de Sá-Carneiro. — 1 p.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Papel  
timbrado «Bar-Café El Diluvio, Barcelona». —  
Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa  
: Ática, 1959, 2.º v., p. 17-18

BN Esp. E3/115<sup>5</sup> — 86-87

71. [Carta, 1915, s.l. a José Pacheco,  
s.l.] / Mario de Sá-Carneiro. — [4] p.  
2 f.; 21 cm

Autógrafo assinado

BN Esp. N25/22



72. [Carta], 1915 Jul. 13, San Sebas-  
tian [a] Fernando Pessoa, Lisboa /  
Mario de Sá-Carneiro. — [4] p. 2 f.;  
20 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Papel  
timbrado «Continental Palace, San Sebastian»  
. — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*.  
Lisboa : Ática, 1959, 2.º v., p. 32-33

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 23-24

73. [Carta], 1915 Ago. 7, Paris [a]  
Fernando Pessoa, Lisbonne / Mario  
de Sá-Carneiro. — [2] p. 1 f.; 27 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. —  
Envelope timbrado «Brasserie Châteaudun». —  
Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa  
: Ática, 1959, 2.º v., p. 47-52

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 46-47

74. [Carta], 1915 Nov. 8, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / M. de Sá-Carneiro. — 1 p.; 12 × 16 cm

Autógrafo assinado. — Envelope incluso. — Timbrado «Café de la Paix». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1959, 2.º v., p. 116

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 105

75. [Carta], 1915 Nov. 10, Paris [a] Fernando Pessoa, Lisbonne / Mario de Sá-Carneiro. — [4] p. 2 f.; 21 cm

Autógrafo assinado. — Com envelope. — Papel timbrado «Café Restaurant d'Orsay». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1959, 2.º v., p. 117-118

BN Esp. E3/115<sup>6</sup> — 106-107

## B. CARTAS A MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

76. CARNEIRO, Carlos Augusto de Sá

[Bilhete postal ilustrado], 1904 Jun. 18, New York [a] Mario de Sá-Carneiro, Lisbon / Carlos. — 1 p.; 14 × 9 cm

Autógrafo assinado. — Posteriormente enviado para Quinta da Victoria — Ribeirinha — Sacavém — Camarate. — Ilustração : «Flat Iron, Building, New York», p&b. — Texto sobre a ilustração. — Reproduzido em *Doação João Pinto de Figueiredo: catálogo*. Lisboa : BN, 1990, p. 23

BN Esp. N25/25

77. CARNEIRO, José Paulino de Sá  
Bilhete postal, 1904 Jul. 1, Lisboa [a]

Mario de Sá-Carneiro, Camarate / Sá-Carneiro. — 1 p.; 9 × 14 cm

Autógrafo assinado

BN Esp. N25/24

78. PESSOA, Fernando

[Carta], 1916 Abr. 26, Lisboa [a] Mário de Sá-Carneiro, Paris / [Fernando Pessoa]. — [4] p. 2 f.; 22 cm

Autógrafo. — Com envelope. — Envelope dact. com timbre de «La Saison. A. Xavier Pinto & C.<sup>ª</sup>». — Publicado em *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa : Ática, 1959, 2.º v., p. 221-223

BN Esp. E3/114<sup>3</sup> — 36-37

*Masque esta carta da sua alma !*

Tomás Cabreira Junior e Mario de Sa-Carneiro

---

# AMIZADE

---

PEÇA ORIGINAL EM 3 ACTOS



LISBOA — 1912

EDITOR — ARNALDO BORDALO

RUA DA VITORIA — 42

Deposito no Porto — Livraria de José Ribeiro Novaes J.<sup>or</sup>

190 — Rua do Almada — 192

Mario de Sá-Carneiro

Princípio

NOVELAS



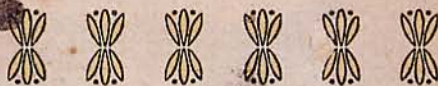
LIVRARIA FERREIRA  
FERREIRA L.<sup>DA</sup> — EDITORES

LISBOA — 1912

A

CONFISSÃO DE

LUCIO



NARRATIVA

POR

MARIO DE SÁ

CARNEIRO



LISBOA



1914



# “Dispersão”



*Tu sim, tu eras o guerreiro*

Jose Pacheco  
1913

12 poesias

POR

Mario de Sá-Carneiro

## II. IMPRESSOS



## ABREVIATURAS

|                 |   |                                                             |
|-----------------|---|-------------------------------------------------------------|
| anot. . . . .   | → | anotação, anotador(a)                                       |
| BN . . . . .    | ☛ | Biblioteca Nacional                                         |
| col. . . . .    | → | colecção                                                    |
| compil. . . . . | ☛ | compilação, compilador                                      |
| coord. . . . .  | → | coordenação, coordenador                                    |
| D.L. . . . .    | ☛ | Depósito Legal                                              |
| des. . . . .    | → | desenho(s)                                                  |
| dir. . . . .    | ☛ | director                                                    |
| ed. . . . .     | → | edição(ões), editor                                         |
| Emp. . . . .    | ☛ | Empresa                                                     |
| Esp. . . . .    | → | Espólio                                                     |
| f. . . . .      | ☛ | folha(s)                                                    |
| Fac. . . . .    | → | Faculdade                                                   |
| il. . . . .     | ☛ | ilustração(ões), ilustrador                                 |
| imp. . . . .    | → | impressão, imprensa                                         |
| Inst. . . . .   | ☛ | Instituto                                                   |
| intr. . . . .   | → | introdução, introdutor                                      |
| Livr. . . . .   | ☛ | Livraria                                                    |
| Nac. . . . .    | → | Nacional                                                    |
| organ. . . . .  | ☛ | organização, organizador                                    |
| p. . . . .      | → | página(s)                                                   |
| pref. . . . .   | ☛ | prefácio, prefaciador                                       |
| pseud. . . . .  | → | pseudónimo                                                  |
| rev. . . . .    | ☛ | revista                                                     |
| S. . . . .      | → | série                                                       |
| s.d. . . . .    | ☛ | sem data                                                    |
| s.l. . . . .    | → | sem local                                                   |
| s.n. . . . .    | ☛ | sem editor                                                  |
| sel. . . . .    | → | selecção                                                    |
| tít. . . . .    | ☛ | título                                                      |
| trad. . . . .   | → | tradução, tradutor                                          |
| ULLE . . . . .  | ☛ | Universidade de Lisboa.<br>Faculdade de Letras (Biblioteca) |
| v. . . . .      | → | volume(s), verso                                            |

## A. BIBLIOGRAFIA ACTIVA

### 1. Monografias. Poesia e prosa

79. Além : sonhos / coord. e anot. por Petrus; desenhos de António Pedro e Almada. — Porto : Arte e Cultura, 1961. — 105, [2] p.

BN L. 17951 V.

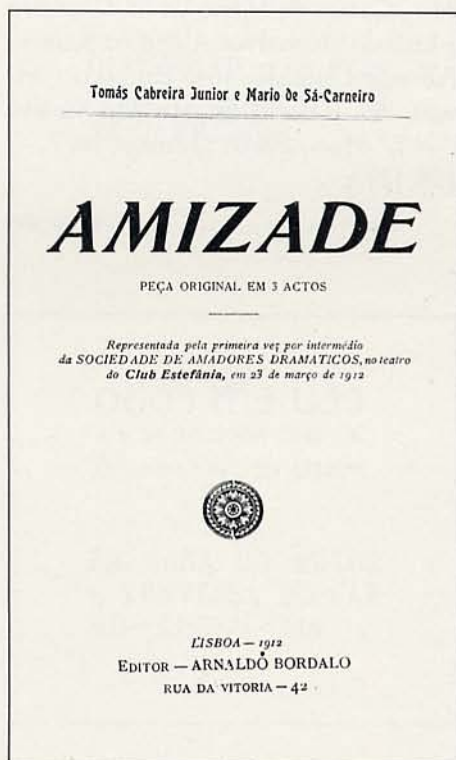
80. Além : sonhos. — Porto : Arte e Cultura, [D.L. 1964]. — 97, [3] p.

Com falta do «Croquis de Sá-Carneiro por Stuart Carvalhais», conforme vem indicado no índice

BN L. 16892 V.

81. Alma : original em 1 acto / [...], Ponce de Leão; nota introdutória de Luiz Francisco Rebello. — Lisboa : Rolim, 1987. — 68, [2] p.

BN L. 39134 V.



82. Amizade : peça original em 3 actos / Tomás Cabreira Junior e [...]

. — Lisboa : Arnaldo Bordalo, 1912  
. — 44, [1] p.

BN L. 7345<sup>2</sup>V.  
L. 21682<sup>9</sup>P.

83. Cartas a Fernando Pessoa /  
[pref. de] Urbano Tavares Rodrigues  
. — Lisboa : Ática, imp. 1958-1959. —  
2 v.

imp. 1973  
imp. 1978

BN L. 78456-57 P.  
C.G. 8000 P.  
L. 74279-80 P.

84. Cartas de Mário de Sá-Carneiro  
a Luís de Montalvor, Cândida Ramos,  
Alfredo Guisado, José Pacheco / lei-  
tura, sel. e notas de Arnaldo Saraiva  
. — 1.<sup>a</sup> ed. — Porto : Limiar, 1977. —  
185, [2] p.

C/Particular

85. Céu em fogo : oito novelas / capa  
por José Pacheco. — 1.<sup>a</sup> ed. — Lisboa  
: Livr. Brasileira de Monteiro e C.<sup>a</sup>,  
1915. — 325, [6] p.

BN RES. 3473 V.

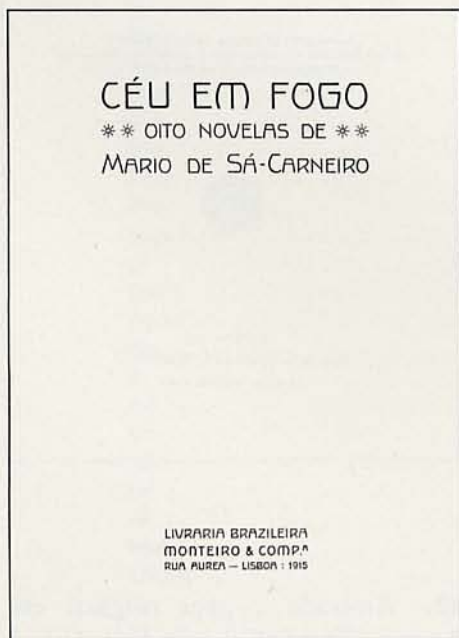
86. Céu em fogo : novelas / pref. de  
[Maria Aliete Galhoz]. — 2.<sup>a</sup> ed. —  
Lisboa : Ática, [1966]. — 353, [2] p.

3.<sup>a</sup> ed. — imp. 1980.

BN L. 58739 P.  
L. 70763 P.  
L. 79308 P.

87. Céu em fogo / intr., organ. e  
notas de António Quadros. — Mem  
Martins : Europa-América, [D.L.  
1985]. — 250, [1] p.

BN L. 79941 P.



88. A confissão de Lúcio : narrativa . — 1.<sup>a</sup> ed. — Lisboa : M. Sá-Carneiro, 1914. — 206, [2] p.

BN L. 56944 P.

89. A confissão de Lúcio : narrativa / nota editorial [por] Luís de Montalvor. — Lisboa : Ática, 1945. — 158, [1] p.

BN L. 37808 P.

[2.<sup>a</sup> ed.]. — imp. 1961

L. 51660 P.

3.<sup>a</sup> ed. — 1968

L. 63241 P.

4.<sup>a</sup> ed. — imp. 1973

L. 66690 P.

5.<sup>a</sup> ed. — imp. 1979

L. 73899 P.

90. A confissão de Lúcio : narrativa . — Porto : Publicações Anagrama, [D.L. 1982]. — 94, [2] p.

BN L. 30075 V.

91. A confissão de Lúcio / intr., organ. e notas de António Quadros . — Mem Martins : Europa-América, [D.L. 1985]. — 148, [1] p.

BN L. 79708 P.

2.<sup>a</sup> ed. — D.L. 1989

L. 82657 P.

92. A confissão de Lúcio. — Lisboa : Marujo Editora, 1986. — 88 p.

BN L. 36946 V.

93. A confissão de Lúcio : narrativa . — Porto : Editora Justiça e Paz, imp. 1988. — 80 p.

BN L. 40167 V.

94. A confissão de Lúcio. — Aveiro : Estante Editora, 1989 . — 111 p.

BN

95. Correspondência inédita de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa / leitura, intr. e notas de Arnaldo Saraiva. — Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1980. — 147 p.

BN L. 73994 P.

DISPERSÃO — 12 POE-  
SIAS POR MARIO DE  
SÁ-CARNEIRO.



EM CASA DO AUTOR:  
1, TRAVESSA DO CAR-  
MO — LISBOA 1914.

96. Dispersão : 12 poesias. — [1.<sup>a</sup> ed.]. — Lisboa : em casa do Autor — 1, Travessa do Carmo, 1914. — 70 p.

BN L. 21992 V.



101. O incesto. — Porto : Editora  
 Justiça e Paz, imp. 1988 . — 78, [1] p.

BN L. 40127 V.



97. Dispersão : doze poesias. —  
 2.ª ed. — Porto : Presença, 1939

BN L. 12619<sup>4</sup> V.

L. 14197<sup>2</sup> V.

98. A estranha morte do Prof.  
 Antena / pref. de Nuno Júdice. — Lis-  
 boa : Rolim, 1987

C/Particular

99. A grande sombra / [intr. de  
 Petrus]. — Porto : Arte e Cultura,  
 [D.L. 1960]. — 71 p.

BN L. 15444 V.

100. O incesto. — 1.ª ed. — Lisboa :  
 Ed. Rolim, 1984. — 80 p.

BN L. 34652 V.

2.ª ed. — 1985

L. 34848 V.

102. Índicios de oiro. — [1.ª ed.]. —  
 Porto : Presença, 1937. — 86 p.

BN L. 12448 V.

103. Loucura... / pref. de Manuela  
 Fazenda Martins. — Lisboa : Ed.  
 Rolim, 1984. — 63 p.

BN L. 33500 V.

2.ª ed. — [D.L. 1986]

L. 37549 V.

104. Loucura... / pref. de António Meira. — Porto : Editora Justiça e Paz, imp. 1988. — 61, [2] p.

BN L. 40128 V.

105. Mário de Sá-Carneiro em «Azulejos» : contos breves. — Lisboa : Contexto, 1986. — 50, [2] p.

C/Particular

106. Meu amigo de alma / a cura di Maria José de Lancastre. — Palermo : Sellerio Editore, 1984. — XV, 100, [8] p.

BN L. 34653 V.

107. Obra completa – Poesia / il. Ilda David; pref. Nuno Júdice. — Lisboa : Círculo de Leitores, 1990. — 240 p.

C/Particular

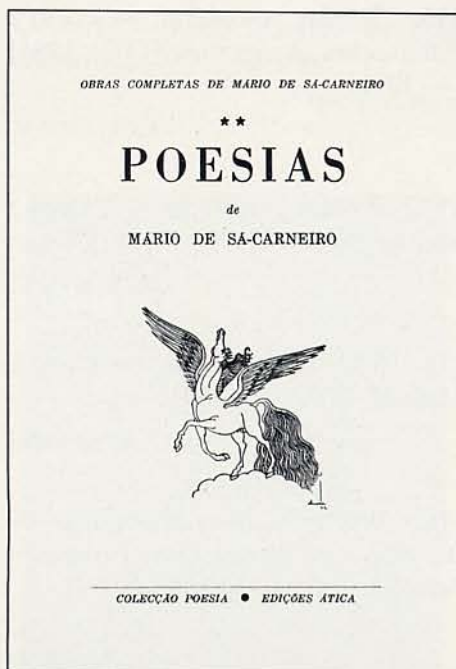
108. Obra poética : poesia completa, incluindo os primeiros poemas e poemas dispersos / intr., organ. e notas de António Quadros. — Mem Martins : Europa-América, [D.L. 1985]. — 166, [1] p.

BN L. 79707 P.

109. Poemas juvenis: 1903-1908 : inéditos / com intr. e notas de François Castex. — Porto : Centro de Estudos Pessoaanos, 1986. — 129, [6] p.

BN L. 37623 V.

110. Poesias / com um estudo crítico de João Gaspar Simões. — Lisboa :



Ática, 1946. — 190, [5] p.

BN L. 38811 P.

1953

L. 42359 P.

[D.L. 1960]

L. 50087 P.

[D.L. 1969]

L. 62586 P.

imp. 1973

L. 66810 P.

imp. 1978

L. 72329 P.

imp. 1978 [D.L. 1982]

L. 76771 P.

111. Poesias / estudo crítico [por] João Gaspar Simões. — Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1979. — 181, [1] p.

BN L. 27268 V.

112. Poesias / intr. de João Maia; il. de Lima de Freitas. — Lisboa : Verbo, imp. 1983. — 181 [6] p.

BN L. 31707 V.

113. Poesias completas. — Porto :  
Publicações Anagrama, [D.L. 1984]  
. — 125, [3] p.

BN L. 33070 V.

114. Poesias completas. — Lisboa :  
Marujo Editora, 1986. — 125, [3] p.

BN L. 36932 V.

115. Poesias completas. — Porto :  
Mabreu, 1986. — 128 p.

C/Particular

116. Princípio : novelas originais. —  
[1.ª ed.]. — Lisboa : Livr. Ferreira —  
Ferreira, 1912. — 348 p.

BN L. 7849 V.  
L. 7850 V.

117. Princípio : novelas originais. —  
Porto : Editora Orfeu, 1985. — 164,  
[3] p.

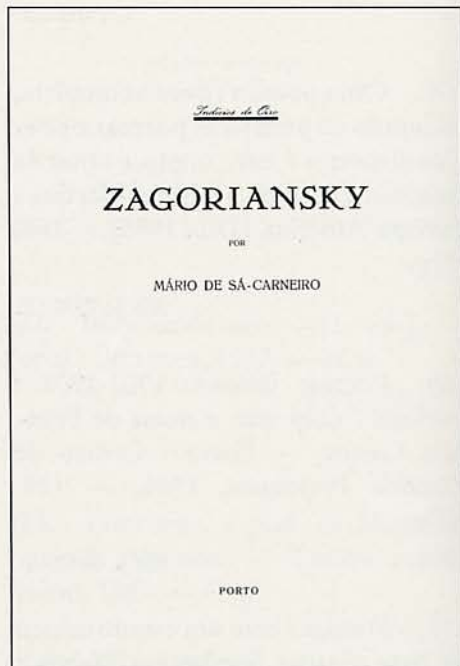
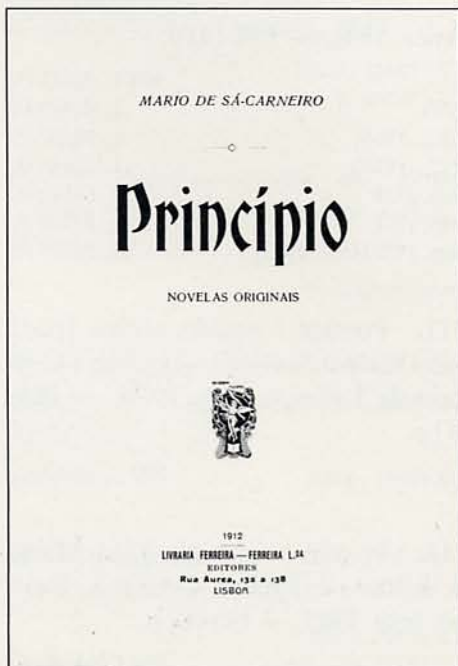
BN L. 36381 V.

118. La ricerca infinita: omaggio a  
Mário de Sá-Carneiro : [antologia]  
/ [compil. e anot.] Fernanda Toriello  
. — Bari: Adriatica Editrice, 1987. —  
177, [2] p.

C/Particular

119. Zagoriansky / [intr. de] Jorge  
de Sena. — Porto : ed. privada, imp.  
1952. — [2] f.

C/Particular



2. Textos dispersos em monografias  
e publicações periódicas

Correia .— Mem Martins: Europa-  
-América, 1973 .— p. 293

BN L. 66757 P.

2.1 Poesia e prosa

120. 5 horas

*Contemporânea*, Lisboa, 3 (10) 192-,  
p. 9-10

BN RES. 2758 V.

121. 7

*Terra Nossa*, Estremoz, 2 (67) 11 Abr.  
1915, p. 2

BN J. 3844 M.

122. 16

*Terra Nossa*, Estremoz, 2 (68) 18 Abr.  
1915, p. 2

BN J. 3844 M.

123. A um suicida

*Acto*, Lisboa, (1) 1 Out. 1951, p. 12

BN P.P. 3029<sup>1</sup> A.

124. Abrigo

In : História da poesia portuguesa do  
século XX / João Gaspar Simões. —  
Lisboa : Emp. Nac. Publicidade,  
[1956-1959]. — p. 553-554

BN L. 15731 V.

125. Álcool

In: O surrealismo na poesia portu-  
guesa / organ., pref. e notas de Natália



126. Além : fragmento

*Pirâmide*, Lisboa, (1) Fev. 1959,  
p. 15-16

BN P.P. 10616 V.

127. «Além» de Petrus Ivanovitch  
Zagoriansky : fragmento

*A Renascença*, Lisboa, 1 (1) Fev. 1914,  
p. 3-6

BN RES. 2749 V.

128. «Além» e «Bailado» de Petrus  
Ivanovitch Zagoriansky : fragmentos

*O Heraldo*, Faro, 5 (377) 15 Abr.  
1917, p. 2

BN J. 3361 G.



129. Alma / [...] e António Cardoso Ponce de Leão  
*Cultura Portuguesa*, Lisboa, (2) Jan.-  
-Fev. 1982, p. 17-40

BN P.P. 15992 V.

130. Amor vencido  
*Azulejos*, Lisboa, S. 5 (8) 9 Jan. 1909,  
p. 2

BNJ. 1489 M.

131. Anto  
*A Galera*, Coimbra, 1 (5-6) 25 Fev.  
1915, p. 4

BNJ. 2689<sup>2</sup> B.

132. Ápice : inédito  
*Presença*, Coimbra, 1, 1 (5) 4 Jun.  
1927, p. 3

BN RES. 1900 A.

133. Apoteose  
In : O movimento futurista em Portu-  
gal / João Alves das Neves. — Porto :  
Livr. Divulgação, imp. 1966. —  
p. 109-114

BN B.A. 4974 P.

134. Aqueloutro  
In : História da poesia portuguesa do  
século XX / João Gaspar Simões. —  
Lisboa : Emp. Nac. Publicidade,  
[1956-1959]. — p. 554-555

BN L. 15731 V.

135. Bárbaro : [poesia de «Indícios  
de Ouro»]  
*A Galera*, Coimbra, 1 (2) 20 Dez.,  
1914

A BN não possui nas suas colecções este  
número

136. A batalha do Marne : impressão  
de aniversário  
*Ilustração Portuguesa*, Lisboa, S. 2  
(513) 20 Dez. 1915, p. 794-795

BNJ. 2555 M.



137. Beijos : monólogo  
*Almanach dos Palcos e Salas para  
1911*, Lisboa, 1910, p. 36-38

BN P.P. 19 P.

138. Beijos : monólogo  
*Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, nouvelle série, 25, 1964, p. 259-261

BN C.G. 3988 V.

139. O caixão : conto original / Mário de Sá-Carneiro [anagrama de Mário de Sá-Carneiro]  
*Azulejos*, Lisboa, 2 (51) 7 Set. 1908, p. 5

BNJ. 1646 P.

140. Canção : «As grandes Horas! vivê-las» [1.º v.]  
*Contemporânea*, Lisboa, S. 3, 1 (2) 1926, p. 74-75

BN RES. 2758 V.

141. Canção de declínio : inédito  
*Presença*, Coimbra, 2, 1 (10) 15 Mar. 1928, capa; 5, 2 (31-32) Mar.-Jun. 1931, p. 5

BN RES. 1900 A.

142. Caranguejola  
*Diário de Lisboa*, 47 (16255) 21 Mar. 1968, *Vida Literária e Artística*, p. 4

BNJ. 4349 M.

143. O caso do «Orpheu» : o seu director repelle toda a solidariedade com o «engenheiro sensacionista»  
Álvaro de Campos : [carta]  
*A Capital*, Lisboa, 6 (1767) 7 Jul. 1915, p. 2

BNJ. 3868 G.



144. Certa voz na noite, ruivamente...  
*Portugal Artístico*, Lisboa, 1 (2) 1.ª quinzena Mar. 1914, p. 4

BNJ. 2827 B.

145. O Chinó : jornal académico com pretensões a humorístico / [dir. Mário de Sá-Carneiro]. — N.º 1 (6 Dez. 1904). — Lisboa : [M. Sá-Carneiro], 1904

Ref.ª de reprodução fotográfica inserta em «Mário de Sá-Carneiro — Fotobiografia», de Marina Tavares Dias.

C/Particular

146. Cinco horas; O Lord; El-Rei :  
[poemas]

In : 800 anos de poesia portuguesa :  
antologia / organ. por Orlando Neves  
e Serafim Ferreira. — Lisboa : Círculo  
de Leitores, imp. 1973. — p. 220-222

BN L. 22348 V.

147. Como eu não posso  
*Lácio*, Lisboa, (2) Mar. 1938,  
p. [46-47]

BN P.P. 17173 V.

148. A confissão de Lúcio : narrativa  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 46 (37)  
13 Fev. 1914, p. 1

BN J. 2044 G.

149. Crise lamentável : inédito  
*Presença*, Coimbra, 7, 2 (38) Abr.  
1933, p. 7

BN RES. 1900 A.

150. Desquite  
*Presença*, Coimbra, 11, 3 (50) Dez.  
1937, p. 4

BN RES. 1900 A.

151. Dispersão  
*O Heraldo*, Faro, 5 (369) 18 Fev. 1917,  
p. 2

BN J. 3361 G.

152. Dispersão  
*Lácio*, Lisboa, (2) Mar. 1938, p. [41-  
-43]

BN P.P. 17173 V.

153. A estranha morte do prof.  
Antena

In : Antologia do conto fantástico  
português. — Lisboa : Afrodite, 1967  
. — p. 247-275

BN L. 22529 V.

2.<sup>a</sup> ed. — 1974

L. 23158 V.

154. O eterno obstáculo  
*O Século*, Lisboa (638) 20 Jan. 1910,  
Suplemento Ilustrado

Na col. da BN falta a pág. correspondente a este  
trabalho de Sá-Carneiro.

155. Femenina  
*Diário Ilustrado*, Lisboa, 1 (160) 14  
Maio 1957, p. 21

BN J. 1714 V.

**presença**  
fôlha de arte e crítica  
coimbra, abril, 1933



ano sétimo

**38**

volume segundo

156. Fim  
*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 21 Maio  
1990, p. 9

BN J. 4129 V.

157. Fim  
*O Século*, Lisboa, 96 (33634) 24 Abr.  
1976, p. 7

BN J. 2561 G.



158. O fixador de instantes  
*A Águia*, Porto, S. 2 (20) Ago. 1913,  
p. 47-54

BN J. 2223 B.

159. Fragmento de «Apoteose»  
*Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, 5  
(245) 22 Jun. 1966, p. 9

BN J. 2227 V.

160. A grande sombra  
In : *Sarça erótica*. — Porto : Arte e  
Cultura, [D.L. 1959]. — p. 243-303

BN L. 15205 V.

161. O homem dos sonhos  
*A Águia*, Porto, 3 (17) [Maio 1913],  
p. 150-156.

Dedicado a Fernando Pessoa

BN J. 2223 B.

162. Um inédito de Mário de Sá-  
-Carneiro : Beijos  
*Gazeta Musical e de Todas as Artes*,  
Lisboa, 10 (126-127) Set.-Out. 1961,  
p. 340

BN P.P. 145 V.

163. A inigualável : [poema]  
In : *Eros de passagem : poesia erótica  
contemporânea* / sel. e pref. de Eugé-  
nio de Andrade; des. de José Rodri-  
gues. — Porto : Limiar, 1982. — p. 20

BN L. 31713 V.

164. João Jacinto : biografia  
*Revista da Universidade de Coimbra*,  
Coimbra, 31, 1985, p. 157-172

BN J. 2508 B.

Separata

L. 35679 V.

165. João Jacinto : biografia / lettura  
e note di Fernanda Toriello  
In : *La ricerca infinita*. — Bari : Adria-  
tica Editrice, 1987. — p. 29-46

C/Particular

166. Ladislau Ventura : conto original  
Azulejos, Lisboa, 2 (60) 9 Nov. 1908,  
p. 7.

BNJ. 1646 B.

170. Manucure  
In : O movimento futurista em Portugal / João Alves das Neves. — Porto :  
Livr. Divulgação, imp. 1966. —  
p. 105-108

BN B.A. 4974 P.

## Contemporânea



167. O Lord  
*Contemporânea*, Lisboa, 1 (2) Jun.  
1922, p. 54

BN RES. 2758 V.

168. O Lord  
*Almanaque do Século 1927*, Lisboa,  
1926, p. 59

BN P.P. 9 P.

169. Manucure : [excerto]  
*O Século Cómico*, Lisboa, 18 (922) 8  
Jul. 1915, p. 2

BNJ. 4141 M.

171. Maria Augusta : conto original  
*Azulejos*, Lisboa, S. 4, 2 (54) 28 Set.  
1908, p. 6-7

BNJ. 1646 B.

172. Mário de Sá-Carneiro : [excer-  
tos]  
In : Antologia da poesia portuguesa  
erótica e satírica / sel., pref. e notas de  
Natália Correia. — Lisboa : Afrodite,  
[D.L. 1966]. — p. 406-413

BN L. 57633 P.

173. Mário de Sá-Carneiro : [selec-  
ção de poemas]  
In : Anthologie de la poésie portugaise  
du XXe. siècle / sel., préf. et notes  
d'Isabel Meyrelles. — Paris : Galli-  
mard, imp. 1971. — p. 152-157

BN L. 20553 V.

174. Mário de Sá-Carneiro : [selec-  
ção de poemas]  
In : Antologia da poesia portuguesa  
/ intr., sel. e notas de Alexandre  
Pinheiro Torres. — Porto : Lello,  
1977. — 2.º v., p. 1547-1577

BN L. 71690 P.

175. Mário de Sá-Carneiro : [selecção de poemas]  
In : Antologia de la poesia portuguesa contemporânea / [sel. y trad.] Angel Crespo. — Madrid: Ed. Jucar, 1982  
. — 1.º v., p. 72-87

BN L. 77876 P.

176. Mário de Sá-Carneiro : [selecção de poemas]  
In : Antologia do humor português / sel. e notas Vergílio Martinho, Ernesto Sampaio. — Lisboa : Afroditte, 1969. — p. 637-644

BN L. 20047 V.

177. Mário de Sá-Carneiro : [selecção de poemas]  
In : Líricas portuguesas : 1.ª série / sel., pref. e notas de José Régio. — 2.ª ed . — Lisboa : Portugália, [D.L. 1955]  
. — p. 371-377

BN L. 43252 P.

C.G. 7595 P

3.ª ed. — imp. 1959

178. Mário de Sá-Carneiro : [selecção de poemas]  
In : Poetas portugueses modernos / intr., sel. e notas de João Alves das Neves. — Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1967. — p. 36-48

C/Particular

179. Mário de Sá-Carneiro : [selecção de poemas]  
In : Quatre poètes portugais: Camões, Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa / sél., trad. et présentation par Sophia de Mello Breyner

. — Paris : Fondation Calouste Gulbenkian — Centre Culturel Portugais, 1979. — p. 125-153

BN CAM. 1097 V.

180. Mário de Sá-Carneiro : [selecção de poemas] / compil. Helder Macedo; translations Jonathan Griffin, Suzette Macedo  
*Modern Poetry in Translation*, London, (13/14) 1972, p. 9-12

C/Particular

---

## CONTOS BREVES

I

### A MENDIGA

...Pedia esmola porque as suas pobres mãos encarquilhadas já não serviam para o trabalho, porque o seu corpo, ajoujado com o peso dos anos, se inclinava para o chão, olhando a terra a quem brevemente iria servir de pasto... Luctava pela vida, apesar de quasi morta... Pedia esmola...

\*

\* \*

181. A mendiga  
*Azulejos*, Lisboa, S. 5 (7) 2 Jan. 1909,  
p. 2-3

BN J. 1489 M.

182. Mistério  
*A Águia*, Porto, 5 (26) Fev. 1914,  
p. 41-49

Dedicado a José Pacheco

BN J. 2223 B.



**Azulejos**

*Semanario illustrado  
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

|                                                                            |                                                                                 |
|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| <p>REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO<br/>C. do Jogo da Pella, 6, 2.ª<br/>LISBOA</p> | <p>Officinas d'Impressão e composição<br/>A LIBERAL<br/>R. de S. Paulo, 216</p> |
|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|

Tiragem 6000 exemplares

183. Monólogo à força / Mário de  
Sircoanera [anagrama de Mário de Sá  
Carneiro]  
*Azulejos*, Lisboa, 2 (49) 24 Ago. 1908,  
p. 6

BN J. 1646 P.

184. Não  
*Alma Nova*, Lisboa, 2 (21-24) Dez.  
1917, p. 64

BN J. 2327 B.

185. [Opinião sobre «Missal de Trovas»  
de Augusto Cunha e António Ferro]  
In : *Missal de Trovas* / Augusto  
Cunha e António Ferro. — Lisboa :  
Livr. Ferreira, 1914. — p. [3]

BN L. 27949º P.

186. Página dum suicida  
*Azulejos*, Lisboa, S. 5 (12) 6 Fev. 1909,  
p. 5-6

BN J. 1489 M.

187. Para os «Indícios de ouro»  
*Orpheu*, Lisboa, 1 (1) Jan.- Mar. 1915,  
p. 7-17

BN RES. 2750 V.

188. Paris e a guerra : «A Restaura-  
ção» entrevista o escriptor Mário de  
Sá-Carneiro, há pouco chegado de  
Paris: as suas impressões sobre «a  
cidade» nos dias de mobilização  
*A Restauração*, Lisboa, 1 (78) 5 Out.  
1914, p. 1

BN J. 2982 G.

189. Partida

In : História da poesia portuguesa do século XX / João Gaspar Simões. — Lisboa: Emp. Nac. Publicidade, [1956-1959]. — p. 550-552

BN L. 15731 V.

190. A partida

Lácio, Lisboa, (2) Mar. 1938, p. [44-45]

BN P.P. 17173 V.

191. Pied-de-Nez

Portugal Futurista, Lisboa, (1) Nov. 1917, p. 21

BN RES. 1898 A.

192. Um poema da juventude — «O estrume» / intr. de Albano Martins *Nova Renascença*, Porto, 1 (3) Primavera 1981, p. 237-241

BN P.P. 15763 V.

193. Poemas de Paris

In : *Orpheu 3* : provas de página. — Porto : Nova Renascença, [1984]

BN RES. 2750 V.

194. Poemas de Paris : [excerto do poema «Abrigo»]

*Contemporânea*, Lisboa, 1 (1) Maio 1922, p. 23-24

BN RES. 2758 V.

195. Poemas sem suporte

*Orpheu*, Lisboa, 1 (2) Abr.-Jun. 1915, p. 95-107

BN RES. 2750 V.



196. Uma poesia inédita de Mário de Sá-Carneiro — A Milton de Aguiar *Diário Popular*, Lisboa, 16 (5514) 13 Fev. 1958, Quinta-Feira à Tarde, p. 1

BN J. 4281 M.

197. «Porque razão desdenhais» [1.º v.] / Sircoanera [anagrama de Mário de Sá Carneiro]

*Azulejos*, Lisboa, 3 (68) 9 Jan. 1909, p. 6

BN J. 1489 M.

198. [Princípio : excerto]

*Ilustração Portuguesa*, Lisboa, (341) 2 Set. 1912, p. 303-304

BN J. 2555 M.



199. A profecia : [excerto do livro de novelas «Princípio»]  
*Diário Ilustrado*, Lisboa, 1 (160) 14  
Maio 1957, Diálogo, p. 21

BNJ. 1714 V.

200. Quadras para a desconhecida  
*Acto*, Lisboa, (1) 1 Out. 1951, p. 12

BN P.P. 3029<sup>1</sup> A.

201. Quase

In : História da poesia portuguesa do século XX / João Gaspar Simões. — Lisboa : Emp. Nac. Publicidade, [1956-1959]. — p. 552-553

BN L. 15731 V.

202. Quase

In : Poetas portugueses : antologia. — Barreiro : Câmara Municipal, 1981. — p. 19

BN L. 30025 V.

203. Quase

In : Poetas portugueses dos séculos XIX e XX / sel. e interpretação de Carlos Wallenstein. — Lisboa: Sasseti, imp. 1974. — p. 20-21

BN L. 68243 P.

204. A queda

*Lácio*, Lisboa, (2) Mar. 1938, p. [48]

BN P.P. 17173 V.

205. «Quem me dera, meu amor» [1.º v.] / Sircoanera [anagrama de Mário de Sá Carneiro]

*Azulejos*, Lisboa, 2 (63) 5 Dez. 1908, p. 5

BNJ. 1646 B.

206. Recordar é viver

*Azulejos*, Lisboa, 5 (10) 23 Jan. 1909, p. 2-3

BNJ. 1489 M.

207. O Recreio

*Portugal Futurista*, Lisboa, (1) Nov. 1917, p. 21

BN RES. 1898 A.



208. O Resgate

*A Galera*, Coimbra, 1 (4) 1 Fev. 1915, p. 6

BNJ. 2689<sup>2</sup> B.

209. [Resposta ao inquérito] «O mais belo livro», [de Boavida Portugal]  
*República*, Lisboa, 4 (1167) 13 Abr. 1914, p. 1

BN J. 1552 G.

210. Uma resposta de Mário de Sá-Carneiro [ao inquérito «O mais belo livro dos últimos 30 anos»]  
*Persona*, Porto, (10) Jul. 1984, p. 51

BN P.P. 14994 V.

211. Rodopio : [excerto do livro «Dispersão»]  
*Ilustração Portuguesa*, Lisboa, S. 2 (410) 29 Dez. 1913, p. 758

BN P.P. 14427 V.

212. Salomé : [poema]  
In : *Variações sobre um corpo : antologia de poesia erótica contemporânea / sel. e apresentada por Eugénio de Andrade; des. de José Rodrigues.* — Porto : Inova, 1972. — p. 19-21

BN L. 67799 P.

L. 72835 P.

outra ed.: imp. 1973

L. 22647 V.

213. «Se p'ra me qu'eres é forçoso» [1.º v.] / Sircoanera [anagrama de Mário de Sá Carneiro]  
*Azulejos*, Lisboa, 2 (67) 2 Jan. 1909, p. 3

BN J. 1489 M.

214. «Senhora dos olhos lindos» [1.º v.] / Sircoanera [anagrama de Mário de Sá-Carneiro]

*Azulejos*, Lisboa, 2 (65) 19 Dez. 1908, p. 5

BN J. 1646 B.



215. Serradura  
*SW-Sudoeste*, Lisboa, (3) Nov. 1935, p. 4-5

BN J. 2925<sup>4</sup> B.

216. Sexta canção de declínio  
*Revista de Portugal*, Coimbra, (1) Out. 1937, p. 9-10

BN J. 5199 B.



217. O sexto sentido : [excerto do livro de novelas «Princípio»]  
*Ilustração Portuguesa*, Lisboa, S. 2 (341) 2 Set. 1912, p. 303-304

BN P.P. 14427 V.

221. O teatro-arte : apontamentos para uma crónica  
*Rebate*, Lisboa, 1 (106) 28 Nov. 1913, p. 1-2

BN J. 2892 G.

218. Simplesmente...  
*Colóquio*, Lisboa, (36) Dez. 1965, p. 36

BN P.P. 3161 A.

222. Torniquete  
*Portugal Futurista*, Lisboa, (1) Nov. 1917, p. 21

BN RES. 1898 A.

219. Statua Fittizia; Quasi : [poemas]  
*Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, (6) 1942, p. 63-65

BN J. 5301 B.

223. Tragédia  
*Azulejos*, Lisboa, S. 5 (14) 20 Fev. 1909, p. 3

BN J. 1489 M.

220. Taciturno  
*República*, Lisboa, S. 3, 54 (12303) 16 Abr. 1965, p. 7

BN J. 1552 G.

224. Os últimos poemas de Mário de Sá-Carneiro : «Caranguejola», «Último soneto», «O Phantasma», «El-Rei» «Aquell'outro», «Fim»



233. Uma carta inédita de... em que se prova a sem razão dos que pretenderam diminuir as relações entre o Artista e a pessoa de seu Pai  
*Contemporânea*, Lisboa, S. 3, 1 (2) 1926, p. 89

BN RES. 2758 V.

234. Carta para Fernando Pessoa  
*Diário Ilustrado*, Lisboa, 1 (160) 14 Maio 1957, Diálogo, p. 21

BN J. 1714 V.

235. Cartas a José «Pacheko»  
*Colóquio. Artes*, Lisboa, S. 2, 19 (35) Dez. 1977, p. 45-46

BN P.P. 3161 A.

236. Cartas de Mário de Sá-Carneiro [a uma actriz do «pequeno teatro de Montmartre»]  
*Nova Renascença*, Porto, 8 (30/31) Abr.-Set. 1988, p. 288-300

BN P.P. 15763V.

237. Cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro / [intr. de François Castex]  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (7) Maio 1972, p. 40-49

BN P.P. 13294 V.

238. Cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro a Armando Côrtes-Rodrigues / [anot. de Joel Serrão]  
*Seara Nova*, Lisboa, 25 (968) 2 Mar. 1946, p. 135-136

BN P.P. 3966 A.

LISBOA, 2 DE MARÇO DE 1946

Ano XXV

# SEARA NOVA

DIRECTOR: CÂMARA REYS

EDITOR: JOSÉ BACELAR

NÚMERO

968



PREÇO

2\$50

CORPO DIRECTIVO: Câmara Reys, Jaime Cortesão e Sarmento Pimentel. Antigo Director: Raúl Proença (1921-1941).  
PROPRIETÁRIA E EDITORA: Empresa de Publicidade SEARA NOVA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DA ROSA, 238-240 — TELEFONE 28547

*SUMÁRIO*: REGRESSO AO AQUÁRIO, José Bacelar. — *Novos poetas*, PASTOR, Fernando Mougá. — *Novos contistas*, FUGA, Nataniel Costa. — GOYA, V, Adriano de Gusmão. — *CARTAS INÉDITAS DE MÁRIO DE SÁ CARNEIRO A ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES*, Joel Serrão. — *JORNAL, Ao serviço da Democracia; Mística*, «1.ª audição cultural de sonatas para violoncelo», por Isaura Pavia de Magalhães, L. G.; *Cinema*, «Acêrca do último filme de Charlie Chaplin», Roberto Nobre; *Artes plásticas*, «Exposição de Júlio Resende», «Exposição de Falcão Trigos», Adriano de Gusmão; *Registo bibliográfico*. — *FACTOS E DOCUMENTOS*, *Salutares advertências*; *O segredo do Yalta*; *França, padrão de dificuldades políticas*; *O caso grego visto sem óculos de côr*; *Petróleo*.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

239. Correspondência enviada a Albino Forjaz de Sampaio [...] *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, 6 (23-24) Jul.-Dez. 1960, p. 203

BN P.P. 17322 V.

240. Corrispondenza per António Ferro, José Paulino de Sá-Carneiro, Ricardo Teixeira Duarte / intr., lettura e note di Fernanda Toriello  
In : *La ricerca infinita*. — Bari : Adriatica Editrice, 1987. — 107-164

C/Particular

241. Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro [a António Ferro] / [notas] por António Quadros  
*Diário Popular*, Lisboa, 32 (11227) 24 Jan. 1974, Quinta-Feira à Tarde, p. 1 e 8

BNJ. 4281 M.

242. Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa  
*Cidade Nova*, Coimbra, S. 5 (5) Jan. 1958, p. 163-172

BNJ. 5549 B.

243. Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro para Alfredo Guisado / [intr. de] L[uís] A[maro]  
*Diário de Notícias*, Lisboa, 106 (37402) 23 Abr. 1970, p. 9-10

BNJ. 2501 G.

244. Sá-Carneiro despede-se de Fernando Pessoa  
*O Século*, Lisboa, 96 (33634) 24 Abr. 1976, p. 7

BNJ. 2561 G.



245. Três cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro [a Gilberto Rola Pereira do Nascimento] / intr. e notas de] François Castex  
*Vértice*, Coimbra, 26 (268) Jan. 1966, p. 4-12

BNJ. 5354 B.  
L. 17928 V.

Separata

# ◡ ALEM ◡

de Petrus Ivanovitch Zagoriansky

(fragmento)

a M.<sup>lle</sup> Marfa Ivanovna Zagoriansky,  
irmã do Poeta — esta interpretação por-  
tuguesa é comovidamente dedicada.

1.



ERRAVAM pelo ar naquela tarde loira efluvios róxos  
d'Alma e ansias de não-ser.

Mãos santas de rainha, loucas d'esmeraldas, da-  
vam arôma e rócio á brisa do crepusculo.

O ar naquela tarde era saudade e além . . .

.....  
E as asas duma quimera, longinquamente batendo, a un-  
gi-lo d'irreal . . .

.....  
Lufadas de folhas mortas, todas cheirosas a sombra . . .

.....  
Um ar que sabia a luz e que rangia a cristal . . .

.....  
E muito ao longe, muito ao longe, as casas brancas . . .

2.

Na grande alcôva da vitória, toda núa e toda ruiva, eu  
tinha-a finalmente estiraçada sobre o leito fantástico da Côr.

Linda espiral de carne agreste — a mais formosa enchia  
para mim os olhos de misterio, sabendo que eu amava as on-  
das de estranheza . . .

E os seus braços, de nervosos, eram corsas . . .

E os seus labios, de rubros, eram dôr . . .

.....

C É U E M F O G O

José Pacheco



MARIO DE SÁ-CARNEIRO



MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

INDÍCIOS  
DE  
OIRO

EDIÇÕES «PRESENÇA»

1 9 3 7



Fig. 187

Orpheus

**ORPHEU**

**2**

## B. BIBLIOGRAFIA PASSIVA

### 1. Monografias

246. BACARISSE, Pamela  
A alma amortalhada: Mário de Sá-  
-Carneiro's use of Metaphor and Ima-  
ge. — London : Tamesis Book, 1984

ULLE

247. BOTAS, Mário  
Fernando Pessoa, Mário de Sá-Car-  
neiro : [exposição]. — Porto: Centro  
de Estudos Pessoaanos; Lisboa : Sec.  
Estado da Cultura, [s.d.]

C/Particular

248. CARDOSO, Paulo  
Indícios de ouro : evocação de Mário  
de Sá-Carneiro : [exposição] Galeria  
S. Mamede, Abril 1990. — Lisboa :  
Galeria S. Mamede, 1990

C/Particular

249. CARPINTEIRO, Maria da Graça  
A novela poética de Mário de Sá-Car-



neiro. — Lisboa : Centro de Estudos  
Filológicos, 1960. — 103, [3] p.

BN L. 15590 V.

250. CASTEX, François  
Mário de Sá-Carneiro e a génese de  
«Amizade» / trad. de B. Narino e  
F. Melro. — Coimbra : Almedina,  
1971. — 452, [3] p.

C/Particular

251. CASTEX, François  
Mário de Sá-Carneiro et la genèse  
d'Amizade. — [S.l.: s.n., 197-?]. —  
302 f.

Tese de doutoramento apresentada na Fac. de  
Letras de Toulouse. — Exemplar policopiado

BN L. 31077 V.

252. DIAS, Marina Tavares  
Mário de Sá-Carneiro — Fotobiogra-  
fia. — Lisboa : Quimera, 1988. — 249,  
[6] p.

C/Particular

253. FIGUEIREDO, João Pinto de  
A morte de Mário de Sá-Carneiro. —  
1.ª ed. — Lisboa : D. Quixote, 1983  
. — 241 p.

BN L. 32697 V.

254. GAGO, Natália Alves  
O vocabulário das poesias de M. de  
Sá-Carneiro : aspectos semânticos e  
estilísticos. — Lisboa : N.A. Gago,  
1958

Tese de licenciatura em Filologia Românica,  
Fac. de Letras da Universidade de Lisboa. —  
Texto dactilografado

ULLE

v i d a   p e n s a m e n t o   o b r a

MARIA ALIETE GALHOZ

## MÁRIO de SÁ-CARNEIRO



255. GALHOZ, Maria Aliete  
Mário de Sá-Carneiro. — Lisboa :  
Presença, 1963. — 202, [1] p.

BN H.G. 31857 P.

256. GUEDES, Maria Estela  
Obra poética de Mário de Sá-Carneiro. — Lisboa : Presença, 1985. —  
159 p.

Com uma selecção de poemas de Sá-Carneiro

BN L. 35190 V.

257. MÁRIO de Sá-Carneiro — Ele  
Próprio o Outro : [catálogo de exposi-  
ção, Feira do Livro de Lisboa, 1990]  
. — Lisboa : Inst. Português do Livro e  
da Leitura, 1990. — 35 p.

C/Particular

258. MENDES, Maria Paula Canas  
Contribuição para o estudo do «Motivo»  
do tédio nas obras poéticas de  
Fernando Pessoa (ortónimo) e de  
Mário de Sá-Carneiro. — Lisboa :  
M.P.C. Mendes, 1955

Dissertação para licenciatura em Filologia  
Românica, Fac. de Letras da Universidade de  
Lisboa. — Texto dactilografado

ULLE

259. MORAIS, Manuel  
Mário de Sá-Carneiro. — Lisboa :  
M. Morais, 1940

Dissertação apresentada para licenciatura em  
Filologia Românica, Fac. de Letras da Universi-  
dade de Lisboa

ULLE

260. MORAIS, Maria da Ascensão  
Ferreira Custódio de  
Aspectos estilísticos da poesia de  
Mário de Sá-Carneiro. — Lisboa :  
M.A.F.C. Morais, 1947

Dissertação apresentada para licenciatura em  
Filologia Românica, Fac. de Letras da Universi-  
dade de Lisboa. — Texto dactilografado

ULLE

261. NASCIMENTO, Maria Teresa  
Duarte de Jesus G. do  
Mário de Sá-Carneiro: da queda à  
ascensão, quase. — Porto : [s.n.], 1988  
. — 124, [2] f.

BN L. 40551 V.

262. PIEDADE, Ana Nascimento  
A questão estética em Mário de Sá-  
-Carneiro. — Lisboa : A.N. Piedade,  
1988. — 240 f.

Tese de mestrado em Estudos Literários Com-  
parados apresentada à Fac. de Ciências Sociais e  
Humanas da Univ. Nova de Lisboa. — Texto  
policopiado.

BN L. 40727 V.

263. ROCHA, Clara Crabbé  
O essencial sobre Mário de Sá-Carnei-  
ro. — Lisboa : Imp. Nac.-Casa da  
Moeda, imp. 1985. — 57, [4] p.

BN F. 5305



264. WOLL, Dieter  
Realidade e idealidade na lírica de Sá-  
-Carneiro / trad. por Maria Manuela  
Gouveia Delille. — Lisboa : Delfos,  
1968. — 309, [3] p.

BN L. 19381 V.

2. Estudos e referências dispersos  
em monografias e publicações  
periódicas

265. Os 30 anos do «Orpheu» ou a  
revolução literária de 1915  
*República*, Lisboa, S. 2, 35 (5177)  
20 Maio 1945, p. 16-18

BNJ. 1552 G.



266. A. S.  
A confissão de Lúcio  
*O Mundo*, Lisboa, 16 (4877) 5 Abr.  
1914, p. 5

BNJ. 3867 G.

267. ABREU, Manuel Viegas  
Mário de Sá-Carneiro em Coimbra: a  
sua «fuga» da Universidade e o sen-  
tido da evocação dela em «A confissão  
de Lúcio»  
*Biblos*, Coimbra, 52, 1976, p. 1-40

BNJ. 5543 B.  
L. 24505 V.

Separata

268. ADERALDO, Noemi Elisa  
O simbolismo do fogo em Mário de  
Sá-Carneiro  
In : *Nos caminhos da literatura :  
ensaios.* — Fortaleza : Sec. de Cultura  
e Desporto, 1983. — p. 17-56

Fotocópia do original

C/Particular

269. «AMIZADE», de Tomás Cabrei-  
ra Júnior e Mário de Sá-Carneiro  
*Diário de Lisboa*, 39 (13203) 10 Set.  
1959, *Vida Literária*, p. 14

BNJ. 4349 M.

270. ANDRADE, Ione de  
Realismo fantástico e simbolismo dos  
trajes na «Confissão de Lúcio»  
*Bulletin des Études Portugaises*, Lis-  
bonne, nouvelle série, 28-29, 1967/  
/1968, p. 337-354

BN C.G. 3988 V.  
L. 19090 V.

Separata

271. ANDRADE, João Pedro de  
A poesia da moderníssima geração :  
gênese duma atitude poética. — Porto  
: Livr. Latina Editora, imp. 1943. —  
58 p.

BN L. 35693<sup>4</sup> P.

272. ANSELMO, Manuel  
Caminhos e ansiedades da poesia por-  
tuguesa contemporânea. — Lisboa :  
Ed. Cosmopólia, 1941. — 75, [5] p.

Com referências a Sá Carneiro

BN L. 33965<sup>1</sup> P.

273. ANSELMO, Manuel  
Pequeno ensaio sobre o movimento  
modernista português  
In : Antologia moderna. — Lisboa : Sá  
da Costa, 1937. — p. 229-239

Com referências a Sá Carneiro

BN L. 30318 P.

L. 31547 P.

274. ANTUNES, M. A.  
A poesia modernista — de «Orpheu»  
a «Altitude»: Mário de Sá-Carneiro  
*Brotéria*, Lisboa, 31 (3-4) Set.-Out.  
1940, p. 306-308

BN J. 2557 B.

275. ARÊAS, Vilmar  
Mário de Sá-Carneiro: uma arte irre-  
mediavelmente dividida  
*J.L.*, Lisboa, 5 (142) 26 Mar. a 1 Abr.  
1985, p. 4-7

BN J. 4129 V.



1904

276. AYALA, Walmir  
O cinquentenário da morte de Mário  
de Sá-Carneiro assinalado no Brasil  
*Diário de Lisboa*, 46 (15582) 5 Maio  
1966, *Vida Literária e Artística*, p. 1 e 7

BN J. 4349 M.





277. BACARISSE, Pamela  
Mário de Sá-Carneiro, a imagem da arte  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (75) Set. 1983, p. 40-53

BN P.P. 13294 V.  
L. 32884 V.

Separata

278. BARREIRA, Cecília  
Entre desejo e repulsa ou o outro lado do espelho  
*Diário de Notícias*, Lisboa, 126 (44259) 27 Maio 1990, Caderno 2 — Domingo, p. 5

BNJ. 2501 G.

279. BARREIROS, António José  
Mário de Sá-Carneiro: 1890-1916  
In : História da literatura portuguesa . — 9.<sup>a</sup> ed. — Braga : Editora Pax, imp. 1982. — 2.<sup>o</sup> v., p. 431-436

BN C.G. 12565 V.

280. BARRENTO, João  
Mário de Sá-Carneiro, «Poemas juvenis (1903-1908) [...]»  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (98) Jul.-Ago. 1987, p. 113-114

BN P.P. 13294 V.

281. BERARDINELLI, Cleonice  
«A confissão de Lúcio»  
*Colóquio*, Lisboa, (26) Dez. 1963, p. 52-54

BN P.P. 3161A.

282. BERARDINELLI, Cleonice  
A confissão de Lúcio  
In : Estudos de literatura portuguesa . — Lisboa : Imp. Nac. — Casa da Moeda, 1982. — p. 181-187

BN L. 30797 V.

283. BERARDINELLI, Cleonice  
Ernâni Rosas e Sá-Carneiro  
*Colóquio*, Lisboa, (12) Fev. 1961, p. 47-50

BN P.P. 3161 A.

284. BERARDINELLI, Cleonice  
Ernâni Rosas e Sá-Carneiro  
In : Estudos de literatura portuguesa . — Lisboa : Imp. Nac. — Casa da Moeda, 1982. — p. 189-197

BN L. 30797 V.

285. BERARDINELLI, Cleonice  
Mário de Sá-Carneiro  
In : Estudos de literatura portuguesa . — Lisboa : Imp. Nac. — Casa da Moeda, 1982. — p. 169-180

BN L. 30797 V.

286. BERARDINELLI, Cleonice  
O poeta Sá-Carneiro no quadragésimo aniversário da sua morte  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 88 (175)  
27 Jun. 1956, p. 3

BN J. 2044 G.

287. BERNARDES, José  
Mário de Sá-Carneiro — a autognose pela poesia  
*Brotéria*, Lisboa, 120 (4) Abr. 1985,  
p. 406-427

BN J. 2557 B.

288. BETTENCOURT, Rebelo de  
José d'Almada Negreiros  
In : *O mundo das imagens : crónicas*  
. — Lisboa: Ressurgimento, [1928?]  
. — p. 71-74

Com referências a Sá Carneiro

BN L. 21791 P.  
L. 21892 P.

289. BUSTORFF, A.  
A revista trimestral de literatura —  
«Orpheu»  
*Alma Nova*, Lisboa, 1 (7) Abr. 1915,  
p. 6

Com referências aos poemas de Sá Carneiro publicados no primeiro número de «Orpheu»

BN J. 2327 B.

290. CÂMARA, João de Brito  
O Modernismo em Portugal : entrevista / com Edmundo de Bettencourt  
. — Funchal: [s.n.], 1944. — 68, [2] p.

Com referências a Sá Carneiro nas pp. 22 e 27

BN L. 36352<sup>3</sup> P.



des. Almada

291. CARDOSO, Paulo  
Os universos opostos : [no centenário de Mário de Sá-Carneiro]  
*Público*, Lisboa, 1 (72) 15 Maio 1990,  
Leituras, p. 13

BN J. 4894 V.

292. CARNEIRO, Carlos de Sá  
A propósito de um artigo — A campa de Mário de Sá-Carneiro: uma carta / do [...] Carlos Sá-Carneiro  
*Diário de Lisboa*, 1 (187) 11 Nov. 1921, p. 8

BN J. 4349 M.

293. CARPINTEIRO, Maria da Graça  
A prosa poética do Simbolismo do fim do século XIX à geração do Orpheu  
In : *Actas / III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. —

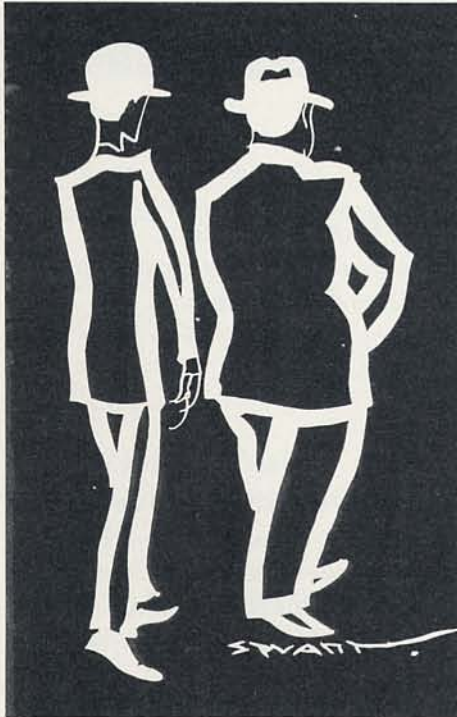
Lisboa : Comissão Organizadora,  
1959-1960. — 1.º v., p. 511-520

Com referências à novela poética de Sá Carneiro  
BN P. 3008 V.  
Separata L. 15562 V.

294. CARPINTEIRO, Maria da Graça  
Sá-Carneiro prosador

*Diário de Notícias*, Lisboa, (33152)  
13 Jun. 1958, Artes e Letras, p. 7 e 8

BN J. 2501 G.



295. CARVALHO, Manuel Vilhena de  
Nascimento e morte de Sá-Carneiro  
*J.L.*, Lisboa, 5 (142) 26 Mar. a 1 Abr.  
1985, p. 5

BN J. 4129 V

296. CARVALHO, Rui Galvão de  
Notas à margem da «Dispersão» de  
Mário de Sá-Carneiro  
*Ocidente*, Lisboa, 35 (125) Set. 1948,  
p. 98-105

BN J. 5198 B.

297. CARVALHO, Rui Galvão de  
Os poetas de «Orpheu»  
*Ocidente*, Lisboa, 53 (231) Jul. 1957,  
p. 17-23

BN J. 5198 B.

298. CARVALHO, Xavier de  
O enterro de Mário de Sá-Carneiro  
/ X. de C.  
*Diário de Notícias*, Lisboa, 52 (18165)  
3 Jun. 1916, p. 2

BN J. 2501 G.

299. [CARVALHO, Xavier de]  
A morte do poeta Sá-Carneiro / do  
correspondente particular do D.N.  
[em Paris]  
*Diário de Notícias*, Lisboa, 52 (18135)  
4 Maio 1916, p. 2

BN J. 2501 G.

300. CASTEX, François  
Un conte inédit de Mário de Sá-Car-  
neiro — biographie ou autoportrait?  
*Revista da Universidade de Coimbra*,  
Coimbra, 31, 1985, p. 149-172

BN J. 2508 B.  
L. 35679 V.

Separata

301. CASTEX, François  
Le premier poème de Sá-Carneiro?  
*Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, nouvelle série, 25, 1964, p. 257-259

Separata

BN C.G. 3988 V.  
L. 17233 V.

302. CASTEX, François  
Sá-Carneiro lettres à l'inconnue  
*Nova Renascença*, Porto, 8 (30/31)  
Abr.-Set. 1988, p. 279-300

BN P.P. 15763 V.

303. CASTRO, Pombo de  
Mário de Sá-Carneiro  
*Diário da Manhã*, Lisboa, 1 (34)  
15 Abr. 1965, Suplemento Cultural,  
p. 1 e 4

BN J. 4127 G.

304. CESARINY, Mário  
«Hoje, dia de todos os demónios / irei  
ao cemitério onde repousa Sá-Carneiro»  
In : Discurso sobre a reabilitação do  
real quotidiano. — Lisboa : Contra-  
ponto, [D.L. 1952]. — p. 15-16

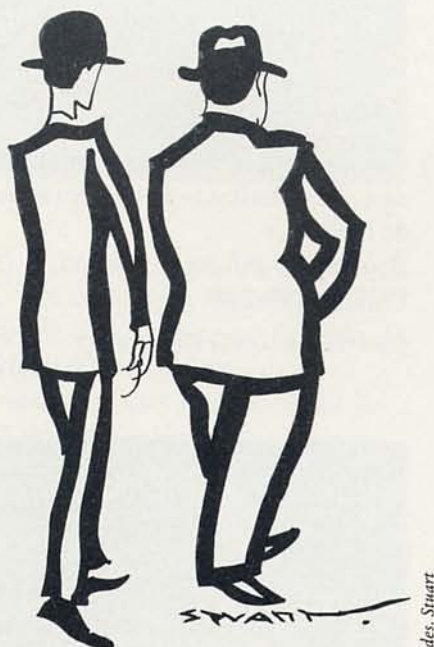
BN L. 14006<sup>6</sup> V.

305. CESARINY, Mário  
Mário de Sá-Carneiro morreu há ses-  
senta anos — «Quando eu morrer  
batam em latas»!  
*O Século*, Lisboa, 96 (33634) 24 Abr.  
1976, p. 7

BN J. 2561 G.

306. CIDADE, Hernâni  
A gente do «Orpheu» na minha  
memória  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 98 (287)  
19 Out. 1966, Das Artes, das Letras,  
p. 10

BN J. 2044 G.



307. CIDADE, Hêrnani  
Introdução à moderna poesia portu-  
guesa  
*Seara Nova*, Lisboa, 17 (531) 16 Out.  
1937, p. 48-51

Com referências a Sá Carneiro

BN P.P. 3966 A.

308. CIDADE, Hernâni  
O Modernismo — Em Portugal: o  
«Orpheu» e «Centauru»  
In : O conceito de poesia como  
expressão da cultura. — Coimbra :  
Arménio Amado, 1945. — p. 285-291

BN L. 36715 P.

309. CIDADE, Hernâni  
O «Orpheu» e a sua gente  
*República*, Lisboa, 39 (6964) 28 Abr.  
1950, p. 3 e 10

BN J. 1552 G.

310. CIDADE, Hernâni  
Tendências do lirismo contemporâ-  
neo: do «Oaristos» às «Encruzilhadas  
de Deus»  
*Boletim de Filologia*, Lisboa, 5 (3-4)  
1938, p. 199-228

Com referências a Sá Carneiro

BN C.G. 4145 V.



311. COELHO, Eduardo Prado  
A geração de «Orpheu» — uma pers-  
pectiva do Modernismo  
*República*, Lisboa, S. 3, 54 (12303)  
16 Abr. 1965, p. 7, 8-9 e 10; 54 (12310)  
23 Abr. 1965, p. 7 e 10

BN J. 1552 G.

312. COELHO, Jacinto do Prado  
Diversidade e unidade em Fernando  
Pessoa. — Lisboa : revista «Ociden-  
te», imp. 1949. — 126, [2] p.

Com várias referências a Sá Carneiro, nomeada-  
mente a pp. 25, 100, 105

BN L. 5957 V.

2.<sup>a</sup> ed., refundida e acrescentada. — Lisboa :  
Verbo, imp. 1967 L. 54822 P.

3.<sup>a</sup> ed., refundida e acrescentada. — 1969  
L. 62570 P.

4.<sup>a</sup> ed., rev. e actualizada. — 1973 L. 67472 P.

7.<sup>a</sup> ed., rev. e actualizada. — 1982 L. 75636 P.

313. COELHO, Jacinto do Prado  
Sobre o movimento do «Orpheu»  
In : Estrada Larga. — Porto : Porto  
Editora, [s.d.]. — 1.<sup>o</sup> v., p. 157-161

BN C.G. 10626 V.

314. COELHO, Jacinto do Prado  
Sobre o movimento do «Orpheu»  
*O Comércio do Porto*, 99 (219)  
11 Ago. 1953, p. 5

BN J. 2045 G.

315. COELHO, Teresa  
Mário de Sá-Carneiro — cem anos de  
solidão / fotog. de Paulo Nozolino  
*Público*, Lisboa, 1 (72) 15 Maio 1990,  
Leituras, p. 8-9

BN J. 4894 V.

316. CORREIA, Hélia

Espesso enigma : [no centenário de Mário de Sá-Carneiro]

*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 24 de Maio de 1990, p. 13

BNJ. 4129 V.

317. CRUZ, Duarte Ivo

Introdução ao teatro do «Orpheu»:  
1915-1965

*Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, 4 (173) 20 Jan. 1965, p. 1 e 2

BNJ. 2227 V.

318. CRUZ, Gastão

Imaginação e rigor : [no centenário de Mário de Sá-Carneiro]

*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 24 Maio 1990, p. 13

BNJ. 4189 V.

319. CRUZ, Liberto

A Loucura, de Sá-Carneiro

*Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, 6 (255) Out. 1966, p. 13

BNJ. 2227 V.

320. CUNHA, Augusto

No tempo do paúlismo e do «Orfeu»  
: página de memórias

*Atlântico*, Lisboa, (5) 1944, p. 33-40

BNJ. 5310 B.

321. DIAS, Dóris Graça

Lisboa/Paris – uma vida : [no centenário de Mário de Sá-Carneiro]

*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 24 Maio 1990, p. 13

BNJ. 4129 V.



322. DIAS, Marina Tavares

Mário de Sá-Carneiro no Círculo de  
Leitores: edições e «corrimões»

*Diário de Lisboa*, 70 (23260) 12 Jun. 1990, p. 22

BNJ. 4349 M.

323. DIAS, Marina Tavares

Sá-Carneiro em Paris

*Expresso*, Lisboa, (727) 4 Out. 1986,  
p. 46-R-47-R

BNJ. 1299 A.

324. DINIS, Dilma Castelo Branco

Um «golpe de asa»

*Boletim – Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, 5 (10) Jul.-  
-Dez. 1983, p. 37-40

Fotocópia do original

C/Particular



*Boletim – Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, 5 (10) Jul.-Dez. 1983, p. 32-36

Fotocópia do original

C/Particular

328. FERREIRA, Carlos Alberto  
As campas de Xavier de Carvalho e de Mário de Sá-Carneiro no cemitério de Pantin

*Diário de Lisboa*, 1 (186) 10 Nov. 1921, p. 3

BNJ. 4349 M.

329. FERREIRA, David Mourão  
Ícaro e Dédalo – Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa  
*Colóquio*, Lisboa, (30) Out. 1964, p. 54-57

BN P.P. 3161 A.

325. DUAS obras representativas da geração da «Orpheu»: [«Páginas íntimas e de auto-interpretação» de Fernando Pessoa e «Céu em fogo» de Mário de Sá-Carneiro]

*Diário de Lisboa*, 46 (15769) 10 Nov. 1966, *Vida Literária e Artística*, p. 4

BNJ. 4349 M.

326. DURÃO, Paulo  
A velhice da poesia modernista  
*Brotéria*, Lisboa, 22 (1) Jan. 1936, p. 40-47

BNJ. 2557 B.

327. DUTRA, Dagmar Maria Pereira Soares  
Entre dois lados: «Quase»

330. FERREIRA, David Mourão  
Ícaro e Dédalo – Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa  
In: *Hospital das letras*. — Lisboa: Guimarães Editores, imp. 1966. — p. 181-192

BN L. 58841 P.

2.<sup>a</sup> ed. — Lisboa: Imp. Nac. — Casa da Moeda, [D.L. 1983]

L. 31395 V.

331. FERREIRA, David Mourão  
Mário de Sá-Carneiro  
*Diário de Lisboa*, 47 (16255) 21 Mar. 1968, *Vida Literária e Artística*, p. 4-5

BNJ. 4349 M.

332. FERREIRA, David Mourão  
Mário de Sá-Carneiro morreu há ses-  
senta anos — O poeta: «O voo de  
Ícaro»  
*O Século*, Lisboa, 96 (33634) 24 Abr.  
1976, p. 7 e 11

BN J. 2561 G.

333. FERREIRA, David Mourão  
No cinquentenário de «Orpheu»  
*Diário de Notícias*, Lisboa, (35582)  
25 Mar. 1965, *Artes e Letras*, p. 15 e 16

BN J. 2501 G.

334. FOTOBIBLIOGRAFIA de Fer-  
nando Pessoa. — Lisboa : Imp. Nac.  
— Casa da Moeda : Biblioteca Nacio-  
nal, 1988

Com várias referências a Mário de Sá Carneiro  
BN L. 40669 V.

335. FRANÇA, José Augusto  
Nota de releitura de «A confissão de  
Lúcio» e de «Nome de guerra»  
In : *Estrada larga*. — Porto: Porto  
Editora, [1958?]. — 1.º v., p. 493-497

BN C.G. 10626 V.

336. GALHOZ, Maria Aliete  
Algumas notas biográficas sobre  
Mário de Sá-Carneiro  
*Cultura Portuguesa*, Lisboa, (2) Jan.-  
-Fev. 1982, p. 56-57

BN P.P. 15992 V.



des. Stuart

337. GALHOZ, Maria Aliete  
Mário de Sá-Carneiro  
*Diário de Notícias*, Lisboa, (35644)  
27 Maio 1965, *Artes e Letras*, p. 15 e  
16

BN J. 2501 G.

338. GALHOZ, Maria Aliete  
Mário de Sá-Carneiro e a expressão do  
teatro: o original em 1 acto, «Alma»,  
de que é co-autor  
*Cultura Portuguesa*, Lisboa, (2) Jan.-  
-Fev. 1982, p. 50-55

BN P.P. 15992 V.

339. GALHOZ, Maria Aliete  
O momento poético do Orpheu. —  
Lisboa : Ática, [D.L. 1959]. — 49 p.

BN L. 49936 P.



340. GALHOZ, Maria Aliete  
A poesia juvenil de Mário de Sá-Carneiro  
*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 24 Maio  
1990, p. 12

BN J. 4129 V.

341. GALHOZ, Maria Aliete  
Prefácio [a «Céu em fogo»]  
In : Céu em fogo / Mário de Sá-Carneiro. — 3.<sup>a</sup> ed. — Lisboa : Ática, imp.  
1980. — p. 7-33

BN L. 79308 P.



342. GALHOZ, Maria Aliete  
A riqueza sofredora de uma obra fascinante  
*Diário de Notícias*, Lisboa, 126

(44259) 27 Maio 1990, Caderno 2 —  
Domingo, p. 7

BN J. 2501 G.

343. GARCEZ, Maria Helena Nery  
A propósito de uma grande avenida :  
[«A confissão de Lúcio»]  
In : Novos ensaios de literatura portuguesa. — Araraquara : Inst. de Letras,  
Ciências Sociais e Educação – Centro  
de Estudos Portugueses «Jorge de  
Sena», 1986. — p. 163-187

Fotocópia do original

C/Particular

344. GARCEZ, Maria Helena Nery  
Fernando Pessoa leitor de Mário de  
Sá-Carneiro  
*Nova Renascença*, Porto, 8 (30/31)  
Abr.-Set. 1988, p. 272-278

BN P.P. 15763 V.

345. GARCEZ, Maria Helena Nery  
Zina Maria Bellodi, «Função e forma  
do tradicional em Mário de Sá-Carneiro» [...], 1975  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (37) Maio  
1977, p. 91-92

BN P.P. 13294 V.

346. GIL, A. de Castro  
Sá-Carneiro, Miguel Torga, José  
Régio, três atitudes perante a vida :  
ensaio com uma breve antologia poé-  
tica. — Coimbra : Livr. Gonçalves,  
1949. — 189, [2] p.

BN L. 39748 P.

347. GIL, A. de Castro  
Sá-Carneiro, o rasto duma alma que se  
queimou  
*Novidades*, Lisboa, 62 (16892) 2 Nov.  
1947, Letras e Artes, p. 1 e 3

BNJ. 4161 G.

348. GOMES, André  
Eu-outro o mesmo: [no centenário de  
Mário de Sá-Carneiro]  
*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 21 Maio  
1990, p. 11

BNJ. 4129 V.

349. GOMES, F. Casado  
O homem contra o poeta em Mário de  
Sá-Carneiro  
*Boletim do Gabinete Português de  
Leitura*, Porto Alegre, Dez. 1966,  
p. 32-59.

Fotocópia do original

C/Particular

350. O GRANDE poeta Fernando Pes-  
soa, [...]  
*A Comarca de Arganil*, Arganil, 65  
(5932) 30 Nov. 1965, p. 1 e 5

BNJ. 3051 G.

351. GUERREIRO, António  
«Morre jovem o que os deuses amam»  
: [no centenário do nascimento de  
Mário de Sá-Carneiro]  
*Expresso*, Lisboa, (916) 19 Maio 1990,  
p. 71-R-72-R

BNJ. 1299 A.

352. GUIMARÃES, Fernando  
Mário de Sá-Carneiro ou o «resvala-  
mento»  
*Público*, Lisboa, 1 (72) 15 Maio 1990,  
Leituras, p. 12

BNJ. 4894 V.

353. GUIASADO, Alfredo  
O público e a revista  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 97 (88)  
31 Mar. 1965, Supl. Das Artes das  
Letras, p. [8]

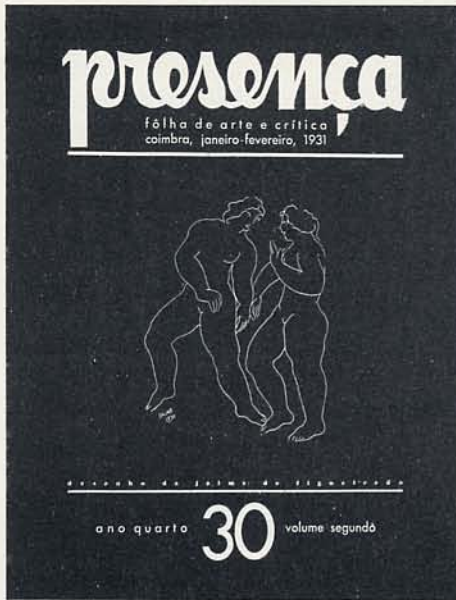
BNJ. 2044 G.



des. António Pedro

354. HOURCADE, Pierre  
À la mémoire de Mário de Sá-Car-  
neiro  
*Presença*, Coimbra, 4, 1 (27) Jun.-Jul.  
1930, p. 3

BN RES. 1900 A.



355. HOURCADE, Pierre  
Defesa e ilustração da poesia portuguesa viva / trad. J.G.S.  
*Presença*, Coimbra, 5, 2 (30) Jan.-Fev. 1931, p. 13, 14 e 15

BN RES. 1900 A.

356. HOURCADE, Pierre  
Mário de Sá-Carneiro, «Cartas a Fernando Pessoa» [...] *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, Lisboa, (22) 1959-1960, p. 326-331

BN C.G. 3988 V.

357. HOURCADE, Pierre  
Panorama du modernisme littéraire en Portugal  
*Bulletin des Études Portugaises*,

Lisbonne, 1 (1-2) Jan.-Mai 1931, p. 69-78

Com referências a Sá Carneiro

BN C.G. 3988 V.

Separata

L. 114657 V.

358. ILHARCO, João  
Mário de Sá-Carneiro na sua primeira [segunda] fase  
In : Libelo contra a poesia modernista . — Coimbra: J. Ilharco, 1955. — p. 213-227

BN L. 14327 V.

359. J.A.N.  
Mário de Sá-Carneiro morreu há 41 anos : nota breve sobre o poeta  
*Diário Ilustrado*, Lisboa, 1 (160) 14 Maio 1957, Diálogo, p. 21

BN J. 1714 V.

360. JESUS, Eduíno de  
Mário de Sá-Carneiro na transição da prosa à poesia  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 91 (151) 3 Jan. 1959, Das Artes, das Letras, p. 3

BN J. 2044 G.

361. JÚDICE, Nuno  
A impaciência da escrita : [no centenário de Mário de Sá-Carneiro]  
*Público*, Lisboa, 1 (72) 15 Maio 1990, Leituras, p. 11

BN J. 4894 V.

362. JÚDICE, Nuno  
Na eternidade do Café : [no centenário de Mário de Sá-Carneiro]

J.L., Lisboa, 10 (410) 15 a 24 Maio  
1990, p. 13

BNJ. 4129 V.

**363.** KUJAWSKI, Gilberto de M.  
Tempo e momento de Pessoa. Destino  
de Sá-Carneiro

In : Fernando Pessoa, o Outro. —  
[3.<sup>a</sup> ed.]. — Petrópolis : Editorial  
Voices, 1979. — p. 41-49

Fotocópia do original

C/Particular

**364.** LEAL, Raul

As tendências orfaicas e o saudosismo  
*Tempo Presente*, Lisboa, (5) Set. 1959,  
p. 17-24

BN P.P. 10374 V.

**365.** LEÃO, António Ponce de  
Impressão íntima / intr. e lettura di  
Fernanda Toriello

In : La ricerca infinita. — Bari : Adria-  
tica Editrice, 1987. — p. 165-176

C/Particular

**366.** LEITE, Maria Aparecida  
Sá-Carneiro: a asa que se elançou...  
mas não voou

*Boletim — Centro de Estudos Portu-  
gueses*, Belo Horizonte, 5 (10) Jul.-  
-Dez. 1983, p. 41-46

Fotocópia do original

C/Particular

**367.** LIMA, Duarte

Breve ensaio sobre o Modernismo

*Síntese*, Coimbra, 2 (14-15) Out.  
1941, p. 20-24

BNJ. 5305 B.

**368.** LIND, Georg Rudolf  
Acerca de uma tese alemã sobre a lírica  
de Sá-Carneiro

*Ocidente*, Lisboa, 64 (299) Mar. 1963,  
p. 169-170

BNJ. 5198 B

**369.** LISBOA, Eugénio  
João Pinto de Figueiredo, «A morte  
de Mário de Sá-Carneiro» [...], 1983  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (82) Nov.  
1984, p. 106-107

BN P.P. 13294 V.

**presença**  
fôlha de arte e crítica  
coimbra, janeiro-fevereiro, 1931



.....  
ano quarto **30** volume segundo

370. LISBOA, Eugénio  
Pamela Bacarisse, A alma amortalha-  
da, Mário de Sá-Carneiro's use of  
metaphor and image [...]  
*Colóquio. Letras*, (88) Nov. 1985,  
p. 159-160

BN P.P. 13294 V.

371. LOPES, Óscar  
Ler e depois : crítica e interpretação  
literária. — 1.<sup>a</sup> ed. — Porto : Inova,  
1969. — 382, [15] p.

Com várias referências a Sá Carneiro. V. índice  
onomástico remissivo

2.<sup>a</sup> ed. — 1969

3.<sup>a</sup> ed. — 1970

BN C.G. 7830 P.

C.G. 7846 P.

L. 64108 P.

372. LOPES, Óscar  
A dialéctica do espaço-tempo nas  
novelas de Sá-Carneiro  
*Seara Nova*, Lisboa, 45 (1464) Set.  
1967, p. 328-330

BN P.P. 3966 A.

373. LOPES, Óscar  
Mário de Sá-Carneiro  
In : Entre Fialho e Nemésio. — Lis-  
boa : Imp. Nac.-Casa da Moeda, imp.  
1987. — p. 527-551

BN L. 38579 V.

374. LOPES, Óscar  
Mário de Sá-Carneiro / [colab. de  
Luísa Dacosta]  
In : História ilustrada das grandes lite-  
raturas — VIII : Literatura portuguesa  
— 2.<sup>o</sup> volume. — Lisboa : Estúdios  
Cor, imp. 1973. — p. 667-684

BN L. 23594 V.

375. LOPES, Silvina Rodrigues  
Mário de Sá-Carneiro, por Maria  
Estela Guedes [...]  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (95) Jan.-  
-Fev. 1987, p. 122-123

BN P.P. 13294 V.

376. LOPES, Teresa Rita  
O monólogo/diálogo do «Esfinge  
gorda»  
In : Um século de poesia. — Lisboa :  
A Phala — Assírio & Alvim, 1988. —  
p. 33-35

BN L. 6430 A.



377. LOPES, Teresa Rita  
Pessoa, Sá-Carneiro e as três dimen-  
sões do Sensacionismo  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (4) Dez.  
1971, p. 18-26

BN P.P. 13294 V.

378. LOPES, Teresa Rita  
Pessoa e Sá-Carneiro — itinerário de  
um percurso estético iniciado em  
comum  
*Colóquio*, Lisboa, (48) Abr. 1968,  
p. 56-58

BN P.P. 3161 A.

379. LOURENÇO, Eduardo  
Orpheu ou a poesia como realidade  
*Tetracórnio*, Lisboa, Fev. 1955, p. 27

BN RES. 2753 V.

380. LOURENÇO, Eduardo  
«Presença» ou a contra-revolução do  
Modernismo  
In : *Estrada Larga*. — Porto : Porto  
Editora, [D.L. 1963]. — 3.º v., p. 238-  
-251

BN C.G. 7356 P.

381. M.A.  
Casa da Comédia — Mário de Sá-Car-  
neiro e José Régio  
*Diário de Notícias*, Lisboa, (37218)  
17 Out. 1969, p. 5

BN J. 2501 G.

382. M.T.D.F.  
Um estudo em inglês sobre Sá-Car-  
neiro  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (33) Set.  
1976, p. 106

BN P.P. 13294 V.

383. MAIA, João  
Mário de Sá-Carneiro  
*Brotéria*, Lisboa, 121 (2-3) Ago.-Set.  
1985, p. 205-208

BN J. 2557 B.

384. MAIA, João  
Mário de Sá-Carneiro, poeta expres-  
sionista  
In : *Poesias / Mário de Sá-Carneiro*.  
— Lisboa : Verbo, imp. 1983. —  
p. 9-14

BN L. 31707 V.



Rua da Conceição - Lisboa

385. MALPIQUE, Cruz  
 Psicologia barroca do poeta Mário de Sá-Carneiro e uma breve referência a Fernando Pessoa  
*Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, (10) Ago. 1963, p. 9-43

BN P.P. 17317 V.



386. MARGARIDO, Alfredo  
 A complexa relação de Mário de Sá-Carneiro com o cubismo  
*Colóquio. Artes*, Lisboa, S. 2, 31 (82) Set. 1989, p. 32-41

BN P.P. 3161 A.

387. MARGARIDO, Alfredo  
 Retrato de Mário de Sá-Carneiro:  
 [poema]  
*Persona*, Porto, (8) Mar. 1983, p. 38

BN P.P. 14994 V.

388. MÁRIO de Sá-Carneiro  
*O Mundo*, Lisboa, 13 (4347) 14 Out. 1912, p. 1

BN J. 3867 G.

389. [MÁRIO de Sá-Carneiro]  
 In : História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX / publicada sob a dir. de Albino Forjaz de Sampaio. — Porto : Fernando Machado, imp. 1942. — p. 339-340

BN L. 2898 A.

390. MÁRIO de Sá-Carneiro — A um poeta nada se recusa  
*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 21 Maio 1990, p. 9 e 10

BN J. 4129 V.

391. MÁRIO de Sá-Carneiro no Brasil  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (28) Nov. 1975, p. 100

BN P.P. 13294 V.

392. MARQUES, Manuel Correia  
 Mário de Sá-Carneiro — alguns inéditos do poeta  
*Diário Popular*, Lisboa, 16 (5514) 13 Fev. 1958, Quinta-feira à Tarde, p. 1 e 9

BN J. 4281 M.

393. MARQUES, Manuel Correia  
 Novos aspectos de Mário de Sá-Carneiro  
*Panorama*, Lisboa, S. 3 (16) Dez. 1959, p. [25-29]

BN J. 5308 B.

394. MARTINHO, Fernando J. B.  
Mário de Sá-Carneiro e José Régio  
*A Cidade*, Portalegre, nova série, (4-5)  
Jul.-Dez. 1989 — Jan.-Jun. 1990,  
p. 21-24

BN P.P. 16224 V.

395. MARTINS, Fernando Cabral  
Mário de Sá-Carneiro, António Ponce  
de Leão, «A alma» [...], 1987  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (107) Jan.-  
-Fev. 1989, p. 91

BN P.P. 13294 V.

396. MARTINS, Fernando Cabral  
A melancolia moderna : [no centenário  
de Mário de Sá-Carneiro]  
*Público*, Lisboa, 1 (72) 15 Maio 1990,  
Leituras, p. 10.

BN J. 4894 V.

397. MARTINS, Maria João  
Um pouco mais de sal : centenário de  
Mário de Sá-Carneiro comemorado  
com exposição no Instituto Franco-  
-Português  
*Diário de Lisboa*, 70 (23234) 7 Maio  
1990, p. 19

BN J. 4349 M.

398. MARTINS, Maria João  
Sem jeito para o negócio : mesa-  
-redonda sobre Mário de Sá-Carneiro,  
[...]  
*Diário de Lisboa*, 70 (23246) 23 Maio  
1990, p. 23

BN J. 4349 M.

399. MARTINS, Rogério  
Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fer-  
nando Pessoa [...]  
*Ocidente*, Lisboa, 58 (263) Mar. 1960,  
p. 138-140

BN J. 5198 B.



Quinta da Victória - Camarate

400. MASSA, Jean-Michel  
Quatre lettres inédites de Mário de Sá-  
-Carneiro à Philéas Lebesgue (1912-  
-1913)  
*Aufsätze zur Portugiesischen Kultur-  
-geschichte*, Münster, 14, 1976-1977,  
p. 137-145

BN R.E. 9976 V.

401. MATEUS, J.A. Osório  
Visitas de cerimónia a Sá-Carneiro  
jovem





In : Escrita de teatro. — Amadora :  
Bertrand, 1977. — p. 139-146

BN L. 71540 P.

402. MATOS, Lígia Maria da Câmara  
de Almeida

A poesia modernista em Portugal  
*Estudos*, Coimbra, 25, 6-7 (258-259)  
Jun.-Jul. 1947, p. 280-316

BN J. 5178 B.

403. MENDES, João

Cartas a Fernando Pessoa

In : Homens e problemas. — Lisboa :  
Verbo, 1983. — 1.º v., p. 245-252

BN C.G. 8413 P.

404. MENDES, João

Sá-Carneiro, Mário de, «Indícios de  
ouro», [...], 1937

*Brotéria*, Lisboa, 26 (1) Jan. 1938,  
p. 111-112

BN J. 2557 B.

405. MENDES, João

Sá-Carneiro, poeta da soledade

*Brotéria*, Lisboa, 32 (5) Maio 1941,  
p. 507-519

BN J. 2557 B.

406. MENDES, João

Sá-Carneiro, poeta da soledade

In : Monte Carmelo — Monte Parna-  
so. — Braga : Livr. Cruz, [1945?]. —  
p. 139-160

BN L. 36531 P.

407. MIGUEL, António Dias

Algumas notas a respeito da poesia de  
Mário de Sá-Carneiro

*Afíndades*, Lisboa, (17) Abr. 1946,  
p. 46-55

BN J. 5332 B.

408. MIGUEL, António Dias

A sinceridade na poesia de Mário de  
Sá-Carneiro

In : Estrada Larga. — Porto : Porto  
Editora, [1958?]. — 1.º v., p. 225-229

BN C.G. 10626 V.

409. MOISÉS, Massaud

Fernando Pessoa e a poesia do «Or-  
pheu»

In : Miscelânea de estudos em honra  
do Prof. Vitorino Nemésio. — Lisboa  
: Fac. Letras, 1971. — p. 277-295

Com referências a Sá Carneiro a pp. 283-286

BN L. 21604 V.

410. MOISÉS, Massaud  
Mário de Sá-Carneiro  
*Boletim do Gabinete Português de  
Leitura*, Porto Alegre, Dez. 1966,  
p. 25-31

Fotocópia do original

C/Particular

411. MONCADA, Maria Luísa Ca-  
bral de  
Dieter Woll — Wirklichkeit und Idea-  
lität in der Lyrik Mário de Sá-Carnei-  
ro. Bonn, 1960  
*Revista de História Literária de Por-  
tugal*, Coimbra, 1, 1, 1962, p. 309-313

BN P.P. 11734 V.  
B. CO. 1594 V.

Separata

412. MONTALVOR, Luís de  
Há vinte anos nestas colunas  
*República*, Lisboa, S. 3, 54 (12303)  
16 Abr. 1965, p. 9

BN J. 1552 G.

413. MONTEIRO, Adolfo Casais  
Mário de Sá-Carneiro  
*Presença*, Coimbra, 3, 1 (21) Jun.-  
-Ago. 1929, p. 2 e 3

BN RES. 1900 A.

414. MONTEIRO, Adolfo Casais  
Mário de Sá-Carneiro  
In : Considerações pessoais. — Coim-  
bra : Imp. da Universidade, 1933. —  
p. 109-150

BN L. 26212 P.  
L. 26213 P.  
S.A. 20441 P.



Trav. do Carmo — Lisboa

415. MONTEIRO, Adolfo Casais  
Le moderne et l'éternel dans la poésie  
portugaise contemporaine  
*Bulletin des Études Portugaises et de  
l'Institut Français au Portugal*, Lis-  
bonne, nouvelle série, 6 (1) Juillet  
1939, p. 1-16

BN C.G. 3988 V.  
L. 27152 V.

Separata

416. MONTEIRO, Adolfo Casais  
Orpheu — Orfeu  
*República*, Lisboa, 39 (6964) 28 Abr.  
1950, p. 3 e 10

BN J. 1552 G.

417. MONTENEGRO, Francisco  
A ficção portuguesa de vanguarda  
como estética e como cultura: Sá-Car-

neiro, Almada Negreiros, Manuel de  
Lima, Luís Pacheco  
*Diário de Lisboa*, 46 (15762) 3 Nov.  
1966, Vida Literária e Artística, p. 1 e 8  
BN J. 4349 M.

418. MORÃO, Fernando Carvalho  
«Orpheu»  
*Terra Nossa*, Estremoz, 2 (67) 11 Abr.  
1915, p. 2  
BN J. 3844 M.

419. MORÃO, Paula  
Mário de Sá-Carneiro: o lúcido e o  
lúdico  
*Palavras*, Lisboa, (7) Maio 1984,  
p. 17-20  
BN P.P. 16288 V.

420. MORÃO, Paula  
Mário de Sá-Carneiro: um ambiente  
ficcional  
*Expresso*, Lisboa, (654) 11 Maio 1985,  
Revista, p. 40-R  
BN J. 1299 A.

421. MORNA, Fátima Freitas  
Uma «Salomé» do tempo do Orpheu  
*Palavras*, Lisboa, (2/3) 1981, p. 66  
BN P.P. 16288 V.

422. MOURA, Helena Cidade  
Um semi-inédito de Mário de Sá-Car-  
neiro  
*Colóquio*, Lisboa, (36) Dez. 1965,  
p. 35-37  
BN P.P. 3161 A.



423. NASCIMENTO, Cabral do  
Do Simbolismo ao «Orpheu»  
*Aléo*, Lisboa, 5 (48) 30 Jan. 1947,  
p. 4-5

BNJ. 4364 M.

424. NEGREIROS, Almada  
Um aniversário — «Orpheu»: quais as  
características dessa revista literária  
que tão profundamente influiu no  
pensamento português  
*Diário de Lisboa*, 14 (4418) 8 Mar.  
1935, Suplemento Literário, p. 1 e 7

BNJ 4349 M.

425. NEGREIROS, Almada  
Mário de Sá-Carneiro visto por  
Almada Negreiros : [desenho]

In : Além / Mário de Sá-Carneiro. —  
Porto : Arte e Cultura, 1961. — p. 94

BN L. 17951 V.

426. NEGREIROS, Almada  
No cinquentenário de Orpheu  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 87 (88)  
31 Mar. 1965, Supl. Das Artes, Das  
Letras, p. [8]

BNJ. 4349 M.

427. NEGREIROS, Almada  
Orpheu: 1915-1965. — Lisboa : Áti-  
ca, 1965. — 30 p.

BN F. 5083



428. NEMÉSIO, Vitorino  
A geração do «Orpheo»  
*Diário Popular*, Lisboa, 8 (278)  
26 Abr. 1950, p. 5

BN J. 4281 M.

429. NEMÉSIO, Vitorino  
«Indícios de ouro», por Mário de Sá-  
-Carneiro [...], 1937  
*Revista de Portugal*, Coimbra, (2) Jan.  
1938, p. 298-301

BN J. 5199 B.



430. NEMÉSIO, Vitorino  
Ocaso e dispersão de Mário de Sá-  
-Carneiro  
In : *Conhecimento da poesia*. — Sal-  
vador : Livr. Progresso Editora, 1958.  
— p. 210-216

BN L. 66637 P.

Outra ed.: Lisboa: Verbo, imp. 1970

L. 64278 P.

431. NEVES, Céu  
Sá-Carneiro e Pessoa: diálogo impos-  
sível no Teatro Aberto  
*J.L.*, Lisboa, 5 (142) 26 Mar. a 1 Abr.  
1985, A Escolher, p. 1

BN J. 4129 V.

432. NEVES, João Alves das  
O movimento futurista em Portugal  
. — Porto : Livr. Divulgação, imp.  
1966. — 180, [3] p.

BN B.A. 4974 P.

433. NEVES, Moreira das  
Intimidade espiritual da poesia mo-  
dernista portuguesa  
In : *Inquietação e presença*. — [S.l.] :  
Ed. Juventude, imp. 1942. — p. 197-  
-228

Com referências a Sá Carneiro

BN R. 30282 P.

434. NORONHA, Mário de  
Sôltas considerações sobre a literatura  
contemporânea  
*Seara Nova*, Lisboa, 14 (449) 29 Ago.  
1935, p. 260-263

Com referências a Sá Carneiro

BN P.P. 3966 A.

435. OBRAS de Sá-Carneiro  
*Revista de Portugal*, Coimbra, (1)  
Out. 1937, p. 157

BN J. 5199 B.

436. OLIVEIRA, José Osório de  
Panorama da literatura portuguesa. —  
Lisboa : Ática, 1947. — 159, [1] p.

Com referências a Sá Carneiro a pp. 152-155

BN L. 38395 P.

437. PARKER, John M.  
Dieter Woll, «Wirklichkeit und Idealität in der Lyrik Mário de Sá-Carneiro [...]»

*Bulletin of Spanish Studies*, Liverpool, 39, 1962, p. 111-112

BN R.E. 141 P.

438. PARKER, John M.  
Mário de Sá-Carneiro

In : Three twentieth-century Portuguese Poets. — Johannesburg : Witwatersrand University Press, 1960. — p. 20-32

BN L. 51403 P.

439. OS «PAÚLICOS» de luto — mata-se em Paris o poeta Sá-Carneiro  
*República*, Lisboa, 6 (1904) 29 Abr. 1916, p. 2

BN J. 1552 G.

440. PEDRO, António  
[Desenho de Sá-Carneiro]

In : Além / Mário de Sá-Carneiro. — Porto : Arte e Cultura, 1961. — p. 2

BN L. 17951 V.

441. PEDROSA, Inês

O mistério da morte de Mário de Sá-Carneiro

*Grande Reportagem*, Lisboa, S. 2, 1 (2) Mar.-Jun. 1990, p. 164-170

C/Particular

442. PEIXOTO, Jorge

Mário de Sá-Carneiro: escolar de leis em Coimbra

*O Comércio do Porto*, 113 (126)  
9 Maio 1967, p. 14

BN J. 2045 G.

443. PEREZ, Rogério

Mário de Sá-Carneiro, o poeta na rua e na intimidade

*Diário de Lisboa*, 18 (5710) 13 Out. 1938, Suplemento Literário, p. 3

BN J. 4349 M.



des. João Abel Manta

444. PESSOA, Fernando

Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues / intr. de Joel Serrão. — Lisboa : Editorial Confluência, [194-]. — 92, [3] p.

Com referências a Sá Carneiro, p. 24, 25, 27, 28, 76, 77, nomeadamente

BN L. 37100<sup>2</sup> P.

445. PESSOA, Fernando  
Cartas de Fernando Pessoa a João  
Gaspar Simões. — Lisboa : Europa-  
-América, imp. 1957. — 168, [4] p.

Com várias referências a Sá Carneiro, nomeada-  
mente nas p. 18, 35-39, 40-41, 43-53

BN. L. 47015 P.

446. PESSOA, Fernando  
Um inédito de Fernando Pessoa [so-  
bre o aparecimento da revista «Or-  
pheu»] / [intr.] François Cortex [sic]  
*Colóquio*, Lisboa, Abr. 1968, p. 59-61

Com inúmeras referências a Sá Carneiro

BN P.P. 3161 A.

447. PESSOA, Fernando  
Mário de Sá-Carneiro  
In : Páginas de doutrina estética / sel.,  
pref. e notas de Jorge de Sena. — Lis-  
boa : Inquérito, imp. 1946. — p. 115-  
-120

BN L. 38657 P.

448. PESSOA, Fernando  
Mário de Sá-Carneiro  
In : Apreciações literárias. — Porto :  
Editorial Cultura, [195-]. — p. 55-62

BN L. 40645 P.

449. PESSOA, Fernando  
Mário de Sá-Carneiro: 1890-1916  
*Athena*, Lisboa, 1 (2) Nov. 1924, p. 41

BN RES. 3319 V.



450. PESSOA, Fernando  
O «Orpheu» e a literatura portuguesa  
*Tricórnio*, Lisboa, 15 Nov. 1952, p. 3  
Texto em inglês e português

BN RES. 2753 V.

451. PESSOA, Fernando  
O «Orpheu» e a literatura portuguesa  
/ texto trad. por Tomaz Kim. — Lis-  
boa : Tricórnio, [D.L. 1953]. — 14 p.

BN L. 14029<sup>11</sup> V.

452. PESSOA, Fernando  
Tábua bibliográfica – Mário de Sá-  
-Carneiro  
*Presença*, Coimbra, (16) Nov. 1928,  
p. 8

BN RES. 1900 A.

453. PESSOA, Fernando  
«Vão ser publicados os poemas inéditos de Mário de Sá-Carneiro»: [entrevista]  
*Diário de Lisboa*, 4 (1069) 30 Set. 1924, p. 5

BNJ. 4349 M.

454. PETRUS, pseud.  
Mário de Sá-Carneiro  
In : *A grande sombra* / Mário de Sá-Carneiro. — Porto : Arte e Cultura, 1958. — p. 5-7

BN L. 15444 V.

455. PIMENTA, Alberto  
Mário, eu próprio...  
*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 21 Maio 1990, p. 11

BNJ. 4129 V.

456. PINHARANDA, João  
Indícios... : [no centenário de Mário de Sá-Carneiro]  
*Público*, Lisboa, 1 (72) 15 Maio 1990, Leituras, p. 14

BNJ. 4894 V.

457. PORTUGAL, Ana Paula  
«Loucura...» — a agressão do corpo  
*Diário de Lisboa*, 64 (21696) 28 Fev. 1985, Ler, Escrever, p. 1 e 3

BNJ. 4349 M.



1912

458. PORTUGAL. Biblioteca Nacional  
Doação João Pinto de Figueiredo : catálogo. — 1.<sup>a</sup> ed. — Lisboa : BN, 1990. — 59 p.

Fazem parte desta doação um importante conjunto de documentos de/sobre Mário de Sá-Carneiro

BN

459. POST, H. Houwens  
Cinetism in the imagery of Mário de Sá-Carneiro's modernista poetry  
*Ocidente*, Lisboa, 84 (419) Mar. 1973, p. 161-168

BNJ. 5198 B.

L. 21690 V.

Separata





460. POST, H. Houwens  
Mário de Sá-Carneiro (1890-1916),  
precursor do Surrealismo português  
*Ocidente*, Lisboa, 74 (358) Fev. 1968,  
p. 65-79

Separata

BNJ. 5198 B.  
L. 18989 V.

461. «PRINCÍPIO» — novelas do sr.  
Mário de Sá-Carneiro  
*O Século*, Lisboa, 32 (11035) 30 Ago.  
1912, p. 3

BNJ. 2561 G.

462. QUADROS, António  
Introdução à vida e à obra poética de  
Mário de Sá-Carneiro  
In : *Obra poética / Mário de Sá-Car-*  
*neiro*. — Mem Martins : Europa-  
-América, [D.L. 1985]. — p. 13-63

BN L. 79707 P.

463. QUADROS, António  
Mário de Sá-Carneiro, a sua poesia e o  
seu problema  
In : *Modernos de ontem e de hoje*. —  
Lisboa : Portugália, imp. 1947. —  
p. 265-278

BN L. 52617 P.

464. QUADROS, António  
Narciso Ícaro de Sá-Carneiro e Orfeu  
Fausto Nogueira Pessoa  
*Diário de Notícias*, Lisboa, 126  
(44259) 27 Maio 1990, Caderno 2 —  
Domingo, p. 6

BNJ. 2501 G.

465. QUEIRÓS, Carlos  
Perfis: José Tagarro e Rui Roque  
Gameiro  
*Revista de Portugal*, Coimbra, (5)  
Out. 1938, p. 87-89

BNJ. 5199 B.

466. QUEIRÓS, Vasco de Barros  
Paris 71: carta tardia que nunca será  
lida pelo genial poeta Mário de Sá-  
-Carneiro. — [S.l.: s.n., D.L. 1981]. —  
16 p.

BN L. 29520 V.

467. RAMOS, Feliciano  
Mário de Sá-Carneiro  
In : *História da literatura portuguesa*  
. — 5.<sup>a</sup> ed. — Braga : Livr. Cruz, 1961  
. — p. 844-846

BN L. 51783 P.

468. RAMOS, Feliciano  
Sá-Carneiro e a poesia nova : [cap. IX  
de «Eugénio de Castro e a Poesia  
Nova»]  
*Ocidente*, Lisboa, 20 (61) Maio 1943,  
p. 19-32

BNJ. 5198 B.

469. RAMOS, Luís A. de Oliveira  
Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa. 2 vol. — Edições Ática — Lisboa  
*Colóquio*, Lisboa, (9) Jun. 1960, p. 67-68

BN P.P. 3161 A.

470. REBELO, Luís Francisco  
O fascínio do teatro : [no centenário de Mário de Sá-Carneiro]  
*J.L.*, Lisboa, 10 (410) 15 a 21 Maio 1990, p. 10

BNJ. 4129 V.

471. REBELO, Luís Francisco  
Nota introdutória a «Alma» de Mário de Sá-Carneiro e Ponce de Leão  
*Cultura Portuguesa*, Lisboa, (2) Jan.-Fev. 1982, p. 42-49

BN P.P. 15992 V.

472. REBELO, Luís Francisco  
Nota introdutória [a «Alma» de Mário de Sá-Carneiro]  
In : *Alma / Mário de Sá-Carneiro, Ponce de Leão.* — Lisboa : Rolim, 1987. — p. 7-24

BN L. 39134 V.

473. REBELO, Luís Francisco  
Uma peça inédita de Mário de Sá-Carneiro e um dramaturgo ignorado, António Ponce de Leão  
*Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, 18, 1977, p. 169-179

BN C.G. 4676 V.



des. Mário Botas

474. RÉGIO, José, pseud.  
Ainda uma interpretação de Modernismo  
*Presença*, Coimbra, 3, 1 (23) Dez. 1929, p. 1 e 2

BN RES. 1900 A.

475. RÉGIO, José, pseud.  
Da geração Modernista  
*Presença*, Coimbra, 1, 1 (3) 8 Abr. 1927, p. 1 e 2

BN RES. 1900 A.

476. RÉGIO, José, pseud.  
O fantástico na obra de Mário de Sá-Carneiro  
In : *Ensaio de interpretação crítica.* — 1.<sup>a</sup> ed. — Lisboa : Portugália, 1964. — p. 197-244

L. 17255 V.

2.<sup>a</sup> ed. — Porto: Brasília, 1980

L. 74165 P.

477. RÉGIO, José, pseud.  
Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 78 (90) 3 Abr. 1946, *Das Artes, das Letras*, p. [3]

BNJ. 2044 G.

478. RÉGIO, José, pseud.  
Introdução ao estudo do fantástico na obra de Mário de Sá-Carneiro  
*O Comércio do Porto*, 108 (112)  
24 Abr. 1962, *Cultura e Arte*, p. 5

BN J. 2045 G.



479. RÉGIO, José, pseud.  
Literatura viva  
*Presença*, Coimbra, 1, 1 (1) 10 Mar.  
1927, p. 1 e 2

BN RES. 1900 A.

480. RÉGIO, José, pseud.  
Mário de Sá-Carneiro  
In : *As correntes e as individualidades na moderna poesia portuguesa / José Maria dos Reis Pereira*. — [S.l.: s.n.], 1925. — p. 57-59

481. RÉGIO, José, pseud.  
Mário de Sá-Carneiro  
In : *Pequena história da moderna poesia portuguesa*. — Lisboa : Editorial Inquérito, imp. 1941. — p. 81-85

BN L. 78080 P.

Outra ed.: Porto: Brasília, imp. 1974

L. 73346 P.

482. RÉGIO, José, pseud.  
Mário ou Eu próprio — o outro: episódio tragicómico em um acto  
In : *Três peças em um acto*. — 1.ª ed. — Lisboa : Portugália, imp. 1957. — p. 89-114

Peça dedicada a Sá Carneiro

BN L. 47533 P.

Outras ed.:

2.ª ed. — Lisboa: Portugália, 1969 L. 62579 P.

L. 20374 V.

3.ª ed. — Porto: Brasília, 1980 L. 74470 P.

483. RÉGIO, José, pseud.  
Um primeiro plano em «A confissão de Lúcio»  
*O Comércio do Porto*, 109 (201)  
24 Jul. 1962, *Cultura e Arte*, p. 5

BN J. 2045 G.

484. RÉGIO, José, pseud.  
A questão de Mário de Sá-Carneiro  
In: *Estrada Larga*. — Porto: Porto Editora, [1958?]. — 1.º v., p. 230-234

BN C.G. 10626 V.

485. RÉGIO, José, pseud.  
A questão de Mário de Sá-Carneiro  
*O Comércio do Porto*, 99 (219)  
11 Ago. 1953, p. 6

BN J. 2045 G.



494. ROSSI, Giuseppe Carlo  
Mário de Sá-Carneiro, oggi. — [S.l.:  
H.R., 1963]. — p. 251-254

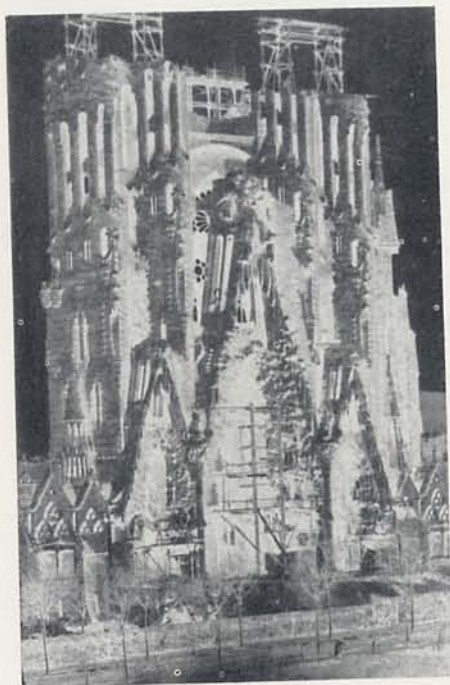
BN L. 20522 V.

495. SÁ-CARNEIRO analisado à lupa  
*Diário de Lisboa*, 48 (16557) 23 Jan.  
1969, Suplemento Literário, p. 2

BN J. 4349 M.

496. SÁFADY, Naief  
Sá-Carneiro, Mário de — Cartas a  
Fernando Pessoa [...] *Revista de Letras*, Assis, 1, 1960,  
p. 249-252

BN R.E. 4385 V.



497. SALEMA, Álvaro  
Mário de Sá-Carneiro, por Maria  
Aliete Galhoz  
*Diário de Lisboa*, 43 (14751) 9 Jan.  
1964, *Vida Literária e Artística*, p. 24

BN J. 4349 M.

498. SAMPAIO, Nuno de  
A frustração na obra poética de Mário  
de Sá-Carneiro  
*Rumo*, Lisboa, 3 (36) Fev. 1960,  
p. 217-219

BN P.P. 10287 V.

499. SAMPAIO, Nuno de  
A frustração na obra poética de Mário  
de Sá-Carneiro  
In : *O espírito da obra*. — Lisboa :  
Ática, imp. 1961. — p. 105-128

BN L. 51988 P.

500. SARAIVA, António José, e outro  
Sá-Carneiro / [...] e Óscar Lopes  
In : *História da literatura portuguesa*  
. — 12.<sup>a</sup> ed., corrigida e aumentada. —  
Porto : Porto Editora, imp. 1982. —  
p. 1045-1046

BN L. 30330 V.

501. SARAIVA, Arnaldo  
O extinto e inextinguível Orpheu  
In : *Um século de poesia*. — Lisboa :  
A Phala — Assírio & Alvim, 1988. —  
p. 41-46

BN L. 6430 A.

502. SARAIVA, Arnaldo  
Onde param as cartas de Mário de Sá-  
-Carneiro a Fernando Pessoa?  
*O Jornal*, Lisboa, 2 (88) 31 Dez. 1976,  
p. 26

BNJ. 3472 V.

503. SARAIVA, Arnaldo  
Os órfãos do «Orpheu» e o romance  
heteronímico  
*Persona*, Porto, (9) Out. 1983, p. 9-14

Com várias referências a Sá Carneiro  
BN P.P. 14994 V.

504. SARAIVA, Arnaldo  
Sobre a última carta de Sá-Carneiro  
para Pessoa  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (43) Maio  
1978, p. 75-77

BN P.P. 13294 V.

505. SARDO, Francisco  
Mário de Sá-Carneiro poeta da in-  
completude  
*Vértice*, Coimbra, 27 (285) Jan. 1967,  
p. 343-360

BNJ. 5354 B.

506. SASPORTES, José  
Invocando Mário de Sá-Carneiro  
*Diário de Lisboa*, 38 (12832) 28 Ago.  
1958, *Vida Literária*, p. 20

BNJ. 4349 M.

507. SENA, Jorge de  
Cartas de Sá-Carneiro a Fernando  
Pessoa

In : Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heteróni-  
ma. — Lisboa : Edições 70, 1982. —  
1.º v., p. 145-155

BN L. 31174 V.

508. SENA, Jorge de  
Cartas de Sá-Carneiro a Fernando  
Pessoa

In : O poeta é um fingidor. — Lisboa  
: Ática, imp. 1961. — p. 61-77

BN L. 51994 P.

509. SENA, Jorge de  
«Orpheu»

In : Da poesia portuguesa. — Lisboa :  
Ática, imp. 1959. — p. 145-163

BN L. 49250 P.



v. n.º 44

510. SENA, Jorge de  
Tentativa de um panorama coordenado da literatura portuguesa de 1901 a 1950

*Tetracórnio*, Lisboa, Fev. 1955, p. 3

BN RES. 2753 V.

511. SERRÃO, Joel  
Esquema de um ensaio sobre a poesia do «Orfeu» e da «Presença»  
*Afinidades*, Lisboa, 5 (19/20) Out.-Nov. 1946, p. 46-55

BN J. 5332 B.



512. SERRÃO, Joel  
Perfil de Mário de Sá-Carneiro  
*Gazeta Musical e de Todas as Artes*, Lisboa, 1959, p. 400-402

BN P.P. 145 V.

513. SERRÃO, Joel  
Perfil de Mário de Sá-Carneiro  
In : *Temas de cultura portuguesa*. — Lisboa : Ática, imp. 1960. — p. 127-144

BN P. 6551 P.

514. SILVA, Adelino Tavares da  
Mário (Orpheu) de Sá-Carneiro : na memória dum personagem da sua «Amizade» — Rogério Perez  
*Diário de Lisboa*, 50 (17333) 25 Mar. 1971, Suplemento Literário, p. 1-2

BN J. 4349 M.

515. SILVA, Rodrigues da  
Mário de Sá-Carneiro no Círculo de Leitores  
*Diário de Lisboa*, 70 (23246) 23 Maio 1990, p. 22

BN J. 4349 M.

516. SIMÕES, João Gaspar  
A propósito da «Dispersão», de Mário de Sá-Carneiro  
In : *Cadernos de Poesia* — 1. — Lisboa : [s.n.], 1940. — p. 11-15

BN L. 32741 V.

517. SIMÕES, João Gaspar  
António Nobre precursor da poesia moderna. — Lisboa : Inquérito, imp. 1939. — 78, [2] p.

Com referência a Sá Carneiro na p. 57

BN L. 34043<sup>5</sup> P.

3.<sup>a</sup> ed., corrigida. — [D.L. 1984] L. 78951 P.

518. SIMÕES, João Gaspar  
Cartas a Fernando Pessoa, por Mário de Sá-Carneiro — 2 volumes  
*Diário de Notícias*, Lisboa, 95 (33703)  
25 Dez. 1959, *Artes e Letras*, p. 21

BNJ. 2501 G.

519. SIMÕES, João Gaspar  
Um caso típico de subjectivismo poético : [Simbolismo, Mário de Sá-Carneiro]  
In : *Liberdade do espírito*. — Porto :  
Portugália, [1947]. — p. 27-56

BN L. 38416 P.

520. SIMÕES, João Gaspar  
«Céu em fogo» de Mário de Sá-Carneiro — uma obra datada  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 106 (63)  
6 Mar. 1974, *Das Artes, das Letras*,  
p. 10

BNJ. 2044 G.

521. SIMÕES, João Gaspar  
Céu em fogo, novelas, por Mário de Sá-Carneiro  
*Diário de Notícias*, Lisboa, (36227)  
12 Jan. 1967, *Artes e Letras*, p. 17 e 18

BNJ. 2501 G.

522. SIMÕES, João Gaspar  
A confissão de Mário de Sá-Carneiro  
*Mundo Literário*, Lisboa, (9) 6 Jul.  
1946, p. 3-4 e 16

BN F. 2582

523. SIMÕES, João Gaspar  
«A confissão de Lúcio» — novela  
introspectiva?  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 106 (43)  
Fev. 1974, *Das Artes, das Letras*, p. 8

BNJ. 2044 G.

524. SIMÕES, João Gaspar  
«A Confissão» de Mário de Sá-Carneiro  
In : *Liberdade do espírito*. — Porto :  
Portugália, [1947]. — p. 215-227

BN L. 38416 P.



des. Mário Botas

525. SIMÕES, João Gaspar  
Estudo crítico [sobre Mário de Sá-Carneiro]  
In : *Poesias / Mário de Sá-Carneiro*.



— Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1979. — p. 5-41

BN L. 27268 V.

**526.** SIMÕES, João Gaspar  
Evocação de Mário de Sá-Carneiro em Paris [...]

*Diário Popular*, Lisboa, 5 (1512) 12 Dez. 1946, Artes e Letras, p. 4 e 12

BNJ. 4281 M.

**527.** SIMÕES, João Gaspar  
A geração do «Orpheu» — Mário de Sá-Carneiro

In : História da poesia portuguesa do século XX. — Lisboa : Emp. Nac. Publicidade, [1956-1959]. — p. 508-513

BN L. 15731 V.



**528.** SIMÕES, João Gaspar  
«Indícios de ouro» por Mário de Sá-Carneiro

*Diário de Lisboa*, 17 (5428) 30 Dez. 1937, Suplemento Literário, p. 4

BNJ. 4349 M.

**529.** SIMÕES, João Gaspar  
Maria Aliete Galhoz «Mário de Sá-Carneiro»

In : Crítica v. — Lisboa : Imp. Nac.-Casa da Moeda, imp. 1983. — p. 385-390

BN C.G. 385 P.

**530.** SIMÕES, João Gaspar  
Maria da Graça Carpinteiro, «A novela poética de Mário de Sá-Carneiro»

In : Crítica v. — Lisboa : Imp. Nac.-Casa da Moeda, imp. 1983. — p. 281-286

BN C.G. 385 P.

**531.** SIMÕES, João Gaspar  
Mário de Sá-Carneiro

In : História do movimento da «Presença». — Coimbra : Atlântida, [D.L. 1958]. — 295 p.

BN L. 47422 P.

**532.** SIMÕES, João Gaspar  
Mário de Sá-Carneiro e a crítica oficial  
In : Literatura, literatura, literatura...  
— Lisboa : Portugália, imp. 1964. — p. 42-45

BN L. 56186 P.

533. SIMÕES, João Gaspar  
Mário de Sá-Carneiro morreu há ses-  
senta anos — O Novelistas  
*O Século*, Lisboa, 96 (33634) 24 Abr.  
1964, p. 7 e 11

BNJ. 2561 G.

534. SIMÕES, João Gaspar  
Mário de Sá-Carneiro, o Orpheu e o  
Surrealismo  
In : Literatura, literatura, literatura...  
. — Lisboa: Portugália, imp. 1964. —  
p. 234-237

BN L. 56186 P.

535. SIMÕES, João Gaspar  
Mário de Sá-Carneiro — o poeta e a  
obra  
In : História da poesia portuguesa do  
século XX. — Lisboa : Emp. Nac.  
Publicidade, 1959. — p. 508-512

BN L. 15731 V.

536. SIMÕES, João Gaspar  
Mário de Sá-Carneiro ou a ilusão da  
personalidade  
In : O mistério da poesia. — Coimbra  
: Imp. da Universidade, 1931. —  
p. 123-168

BN L. 23943 P.  
L. 23944 P.  
L. 29533 P.

537. SIMÕES, João Gaspar  
O mistério da correspondência de  
Mário de Sá-Carneiro e Fernando  
Pessoa  
*Diário Popular*, Lisboa, 7 (2314)  
11 Mar. 1949, p. 1 e 3

BNJ. 4281 M.



1916

538. SIMÕES, João Gaspar  
Modernismo  
*Presença*, Coimbra, 2, 1 (14-15) 23 Jul.  
1928, p. 2 e 3

BN RES. 1900 A.

539. SIMÕES, João Gaspar  
Natureza em função da literatura. —  
Lisboa: Sá da Costa, imp. 1948. —  
157, [2] p.

Com referências a Sá Carneiro nas p. 44-46  
BN L. 38670 P.

540. SIMÕES, João Gaspar  
«A novela poética de Mário de Sá-  
-Carneiro», por Maria da Graça Car-  
pinteiro  
*Diário de Notícias*, Lisboa, (34140)  
16 Mar. 1961, Artes e Letras, p. 13 e 17

BNJ. 2501 G.

541. SIMÕES, João Gaspar  
Novos temas : ensaios de literatura e  
estética. — Lisboa: Inquérito, 1938  
. — 406, [9] p.

Com referências a Sá Carneiro entre as p. 74-85  
e 95-98

BN L. 32020 P.

542. SIMÕES, João Gaspar  
O Orpheu ou cinquenta anos de  
Modernismo  
*O Primeiro de Janeiro*, Porto, 97 (88)  
31 Mar. 1965, Das Artes, das Letras,  
p. [8]

BN J. 2044 G.

543. SIMÕES, João Gaspar  
Pequeno ensaio sobre o «Modernis-  
mo»

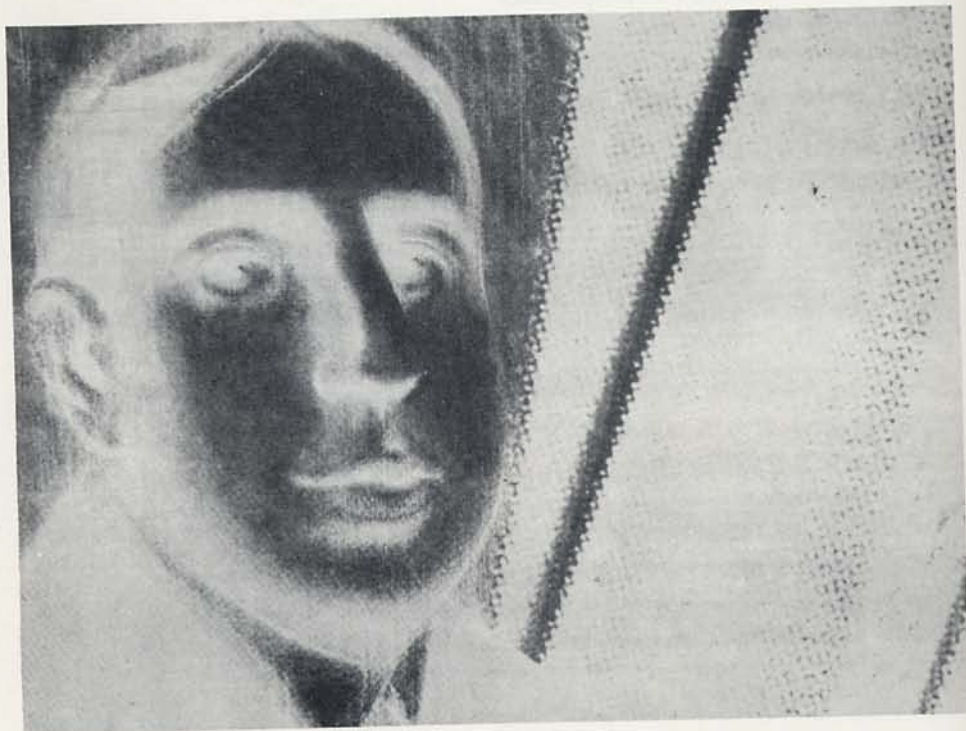
In : *Temas*. — Coimbra : Presença,  
1929. — p. 193-207

Com referências a Sá Carneiro na p. 195-198  
BN L. 22491 P.

544. SIMÕES, João Gaspar  
O primeiro modernismo: a geração do  
«Orpheu»

In : *Itinerário histórico da poesia por-  
tuguesa : de 1189 a 1964*. — Lisboa :  
Arcádia, imp. 1964. — p. 311-327

BN L. 55551 P.



545. SIMÕES, João Gaspar  
Tendências e individualidades da  
moderna poesia portuguesa  
*Seara Nova*, Lisboa, 9 (210) 19 Jun.  
1930, p. 279-280; 9 (211) 26 Jun. 1930,  
p. 291-294; 9 (212) 3 Jul. 1930, p. 315-  
-317

Com referências a Sá Carneiro

BN P.P. 3966 A.

546. SIMÕES, João Gaspar  
Vida e obra de Fernando Pessoa. —  
Lisboa: Bertrand, [1950]. — 2 v.

Com inúmeras referências a Sá Carneiro, como  
se indica no «Índice dos nomes citados», 2.º v.,  
p. 379-385

BN H.G. 21549-50 V.

Outra ed.:

L. 5952-53 V.

2.ª ed. rev. e acompanhada de um novo prefácio  
. — Amadora: Bertrand, [D.L. 1971]

H.G. 27716 V.

3.ª ed. — imp. 1973

H.G. 29049 V.

547. SIMÕES, Manuel Breda  
A propósito da «Dispersão» em Mário  
de Sá-Carneiro

*Diário de Notícias*, Lisboa, (32808) 27  
Jun. 1957, *Artes e Letras*, p. 7

BN J. 2501 G.



des. João Abel Manta

548. SOUSA, José Nunes de  
Mário de Sá-Carneiro  
*O Heraldo*, Faro, 5 (370) 25 Fev. 1917,  
p. 2

BN J. 3361 G.

549. SOUSA, Maria Leonor Ma-  
chado de  
O elemento negro na novelística de  
Mário de Sá-Carneiro  
*Bulletin des Études Portugaises et  
Bresiliennes*, Lisboa, nouvelle serie,  
39-40, 1978-1979, p. 393-430

BN C.G. 3988 V.  
BN L. 29792 V.

550. SOUSA, Maria Leonor Ma-  
chado de  
Uma leitura das poesias de Mário de  
Sá-Carneiro  
*Aufsätze zur Portugiesischen Kultur-  
geschichte*, Münster, 14, 1976-1977,  
p. 131-136

BN R.E. 9976 V.

551. SOUSA, Maria Leonor Ma-  
chado de  
Prolongamentos do interesse literário  
pelo horror no século XX  
In : O «horror» na literatura portu-  
guesa. — Lisboa : Inst. Cultura Portu-  
guesa, 1979. — p. 79-86

Com referência a Sá Carneiro

BN L. 72895 P.

552. SOUSA, Ricarte Dácio de  
Mário de Sá-Carneiro  
*Público*, Lisboa, 1 (72) 15 Maio 1990,  
Leituras, p. 4

BN J. 4894 V.

553. TORIELLO, Fernanda  
L'alba della dispersione in «João  
Jacinto» di Mário de Sá-Carneiro  
In : *La ricerca infinita*. — Bari : Adria-  
tica Editrice, 1987. — p. 11-27

C/Particular

Quando se morrer batam em latas  
Poupança aos berrros e aos pinotes,  
Façam estalar nos chivões  
Chameem palhaços e acrobatas.  
Que o meu caixão vá logo em burro  
Afogado e andaluzo:  
A um morto nada se recusa,  
E eu quero por força ir de burro...

554. TORIELLO, Fernanda  
Per una edizione critica dell'epistolario di Mário de Sá-Carneiro: cronologia

In : La ricerca infinita. — Bari : Adriatica Editrice, 1987. — p. 47-105

C/Particular

555. VÃO ser publicados os poemas inéditos de Mário de Sá-Carneiro  
*Diário de Lisboa*, 4 (1069) 30 Set. 1924, p. 5

BNJ. 4349 M.

556. VIEIRA, António Bracinha  
O jogo em Mário de Sá-Carneiro  
*Colóquio. Letras*, Lisboa, (66) Mar. 1982, p. 41-47

BN P.P. 13294 V.

557. WOLL, Dieter  
Aquilino Ribeiro, a pintura futurista italiana e a literatura de «Orpheu»  
*Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, Münster, 16, 1980, p. 83-99

Com referências a Sá Carneiro a p. 88-95

BN R.E. 9976 V.

558. WOLL, Dieter  
Decifrando «A confissão de Lúcio»  
In : *Miscelânea de estudos em honra do Prof. Vitorino Nemésio*. — Lisboa : Fac. Letras, 1971. — p. 425-438

BN L. 21604 V.

Separata

L. 21366 V.

559. WOLL, Dieter  
A lírica de Mário de Sá-Carneiro vista por um alemão  
*Colóquio. Lisboa*, (5-6) Nov. 1959, p. 91-93

BN P.P. 3161 A.

## FIM

Quando eu morrer batam em latas,  
Rompam aos saltos e aos pinotes,  
Façam estalar no ar chicotes,  
Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sôbre um burro  
Ajaezado à andaluza...  
A um morto nada se recusa,  
E eu quero por fôrça ir de burro!

Paris, 1916.

# ÍNDICES

LISBOA — 1912  
EDITOR — ARNALDO BORDALO  
RUA DA VITORIA — 42

1912  
LIVRARIA FERREIRA — FERREIRA L. DA  
EDITORES  
Rua Aurea, 132 a 138  
LISBOA

ACABADO DE IMPRIMIR

PARA O AUTOR

NOS PRELOS DA TIPOGRAFIA DO COMÉRCIO

EM 1 DE NOVEMBRO DE 1913

ACABADO DE IMPRIMIR

PARA O AUTOR

NOS PRELOS DA TIPOGRAFIA DO COMÉRCIO

AOS 26 DE NOVEMBRO DE 1913

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE VOLUME

DO

“CÉU EM FOGO”

AOS 28 DE ABRIL DE 1915, NOS PRELOS DA  
TIPOGRAFIA DO COMÉRCIO,  
10, RUA DA OLIVEIRA, AO CARMO,  
LISBOA.

A FOTOGRAVURA DA CAPA FOI EXECUTADA NOS ATELIERS DE  
A ILUSTRADORA  
17, LARGO DO CARMO — LISBOA.

DESTA EDIÇÃO ORIGINAL DOS  
*INDÍCIOS DE OIRO*

DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO,

QUE ACABOU DE SE IMPRIMIR NAS OFICINAS DA IMPRENSA  
PORTUGUESA, À RUA FORMOSA N.º 108, NO PÓRTO, AOS 8  
DE DEZEMBRO DE 1917 IMPRIMIRAM-SE OITOCENTOS-E-CIN-  
QUENTA EXEMPLARES, A SABER:  
SETECENTOS-E-CINQUENTA EM PAPEL VERGÉ, DOS QUAIS  
SETECENTOS NUMERADOS DE 1 A 700 E OS RESTANTES  
DE 700 S. I. A 750 S. I., ESTES FORA DO MERCADO, DESTI-  
NADOS AO SERVIÇO DE IMPRENSA. E CEM EXEMPLARES EM  
PAPEL ESPECIAL, DOS QUAIS CINCO NUMERADOS DE A A E,  
FORA DO MERCADO, E NOVENTA-E-CINCO DE I A XCV.



## ÍNDICE ONOMÁSTICO\*

- A**
- A. S.  
266
- ABREU, Manuel Viegas, 1936-  
267
- ADERALDO, Noemi Elisa  
268
- AGUIAR, Milton de  
196, 230
- ALMEIDA, Fialho de, 1857-1911  
373
- AMARO, Luís  
243
- ANDRADE, Eugénio de, 1923-  
163, 212
- ANDRADE, Ione de  
270
- ANDRADE, João Pedro de, 1902-1947  
271
- ANSELMO, Manuel, 1911-  
272-273
- ANTUNES, M. A.  
274
- ARÉAS, Vilmar  
275
- AYALA, Walmir  
276
- B**
- BACARISSE, Pamela  
246, 277, 370
- BARREIRA, Cecília  
278
- BARREIROS, António José  
279
- BARRENTO, João, 1940-  
280
- BELLODI, Zina Maria  
345
- BERARDINELLI, Cleonice, 1916-  
281-286
- BETTENCOURT, Edmundo de  
228, 290
- BETTENCOURT, Rebelo de, 1894-1969  
288
- BOTAS, Mário, 1952-1983  
247
- BRAGA, Vitoriano  
60
- BREYNER, Sofia de Melo, 1919-  
179
- BUSTORFF, A.  
289

\* O nome de Mário de Sá-Carneiro aparece, ao longo da Bibliografia, sem hífen quando se trata de autoria atribuída pela BN, de acordo com os princípios estabelecidos para o ficheiro de autoridade, e com hífen sempre que o próprio, ou terceiros, o utilizaram. Os números em redondo referem-se a autorias principais e/ou secundárias. Os números em itálico indicam citação ou destinatário de carta.

**C**

- CABREIRA JÚNIOR, Tomás  
82, 269
- CAMÕES, Luís de, 1524?-1580  
179
- CARDOSO, Paulo, 1953-  
248, 291
- CARNEIRO, Carlos Augusto de Sá, 1871-1952  
76, 292
- CARNEIRO, José Paulino de Sá, 1849-?  
18, 31-33, 37, 49-51, 77, 240
- CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916  
1-75, 76-78, 79-245, 256, 269  
v. tb. SIRCOANERA, Mário de, pseud.
- CARPINTEIRO, Maria da Graça  
249, 293-294, 530, 540
- CARVALHO, Manuel Vilhena de  
295
- CARVALHO, Rui Galvão de, 1903-  
296-297
- CARVALHO, Xavier de, 1862-1919  
298-299
- CASTEX, François  
109, 237, 245, 250-251, 300-302, 446
- CASTRO, Pombo de  
303
- CESARINY, Mário, 1923-  
304-305
- CIDADE, Hernâni, 1887-1975  
306-310
- CISNEIROS, Violante de, pseud.  
v. RODRIGUES, Armando Côrtes, 1891-1971
- COELHO, Eduardo Prado, 1944-  
311
- COELHO, Jacinto do Prado, 1920-1984  
312-314, 489
- COELHO, Teresa  
315
- COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS  
LUSO-BRASILEIROS, III  
293
- CORREIA, Hélia  
316
- CORREIA, Natália, 1923-  
125, 172
- CRESPO, Angel  
175
- CRUZ, Duarte Ivo, 1941-  
317

- CRUZ, Gastão, 1941-  
318
- CRUZ, Liberto, 1935-  
319
- CUNHA, Augusto, 1894-1947  
185, 320

**D**

- DACOSTA, Luísa, 1927-  
374
- DAVID, Ilda  
107
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia  
255
- DIAS, Dóris Graça  
321
- DIAS, Marina Tavares  
142, 252, 322-323
- DINIS, Dilma Castelo Branco  
324
- DUARTE, Ricardo Teixeira  
240
- DURÃO, Paulo, 1893-1977  
326
- DUTRA, Dagmar Maria Pereira Soares  
327

**F**

- FERREIRA, Carlos Alberto, 1884-1948  
328
- FERREIRA, David Mourão, 1927-  
329-333
- FERREIRA, João Maria  
232
- FERREIRA, Serafim  
146
- FERRO, António  
185, 240-241
- FIGUEIREDO, João Pinto de, 1917-1984  
253, 368
- FRANÇA, José Augusto, 1922-  
335
- FREITAS, Lima de, 1927-  
112

**G**

- GAGO, Natália Alves  
254
- GALHOZ, Maria Aliete, 1929-  
86, 255, 336-342, 529

GAMEIRO, Rui Roque  
465

GARCEZ, Maria Helena Nery  
343-345

GIL, A. de Castro  
346-347

GOMES, André  
348

GOMES, F. Casado  
349

GRIFFIN, Jonathan  
180

GRILO, Joaquim Fernandes Tomaz Monteiro,  
1915-1967  
v. KIM, Tomaz, pseud.

GUEDES, Maria Estela  
256, 375

GUERREIRO, António  
351

GUIMARÃES, Fernando, 1928-  
352

GUISADO, Alfredo, 1891-1975  
84, 243, 353

## H

HOURCADE, Pierre, 1908-1983  
354-357

## I

ILHARCO, João  
358

## J

J. A. N.  
359

JESUS, Eduíno de, 1928-  
360

JÚDICE, Nuno, 1949-  
98, 107, 361-362

## K

KIM, Tomaz, pseud.  
451

KUJAWSKI, Gilberto de M.  
363

## L

LANCASTRE, Maria José de  
106

LEAL, Raul, 1886-1964  
364

LEÃO, António Ponce de, 1881-1918  
81, 129, 365, 395, 471-473

LEBESGUE, Philéas  
400

LEITE, Maria Aparecida  
366

LIMA, Duarte  
367

LIMA, Manuel de, 1918-1976  
417

LIND, Georg Rudolf, 1927-1990  
368

LISBOA, Eugénio, 1930-  
369-370

LOPES, Óscar, 1917-  
371-374, 500

LOPES, Silvina Rodrigues  
375

LOPES, Teresa Rita  
376-378

LOURENÇO, Eduardo, 1923-  
379-380

## M

M. A.  
381

M. T. D. F.  
382

MACEDO, Helder, 1935-  
180

MACEDO, Suzette  
180

MAIA, João, 1923- , S.J.  
112, 383-384

MALPIQUE, Cruz, 1902-  
385

MARGARIDO, Alfredo, 1928-  
386-387

MARQUES, Manuel Correia  
392-393

MARTINHO, Fernando J. B.  
394

MARTINHO, Virgílio, 1928-  
176

MARTINS, Albano  
192

MARTINS, Fernando Cabral  
395-396

MARTINS, Manuela Fazenda  
103

MARTINS, Maria João  
397-398

MARTINS, Rogério  
399

MASSA, Jean-Michel  
400

MATEUS, J. A. Osório, 1940-  
401

MATOS, Lúcia Maria da Câmara de Almeida  
401

MEIRA, António  
104

MEIRELES, Isabel  
173

MELRO, F.  
242

MENDES, João, 1910-1972, S.J.  
403-406

MENDES, Maria Paula Canas  
258

MIGUEL, António Dias  
407-408

MOISÉS, Massaud  
409-410

MONCADA, Maria Luísa Cabral de  
411

MONTALVOR, Luís de, 1891-1947  
84, 89, 229

MONTEIRO, Adolfo Casais, 1902-1972  
413-416

MONTENEGRO, Francisco  
417

MORAIS, Manuel  
259

MORAIS, Maria da Ascensão Ferreira Custó-  
dio de  
260

MORÃO, Fernando Carvalho  
418

MORÃO, Paula  
419-420

MORNA, Fátima Freitas  
421

MOURA, Helena Cidade  
422

## N

NARINO, B.  
242

NASCIMENTO, Cabral do, 1897-1977  
423

NASCIMENTO, Gilberto Rola Pereira do  
245

NASCIMENTO, Maria Teresa Duarte de Jesus  
G. do  
261

NEGREIROS, Almada, 1893-1970  
79, 288, 417, 424-427

NEMÉSIO, Vitorino, 1901-1978  
373, 409, 428-430, 558

NEVES, Céu  
431

NEVES, João Alves das, 1927-  
133, 170, 178, 432

NEVES, Moreira das, 1906-  
433

NEVES, Orlando  
146

NOBRE, António, 1867-1900  
517

NORONHA, Mário de  
434

NOZOLINO, Paulo  
315

## O

OLIVEIRA, José Osório de, 1900-1964  
436

## P

PACHECO, José, 1885-1934  
71, 84, 85, 182, 226, 235

PACHECO, Luís, 1926-  
417

PARKER, John M.  
437-438

PEDRO, António, 1909-1966  
440

PEDROSA, Inês  
441

PEIXOTO, Jorge, 1920-1977  
442

PEREIRA, José Maria dos Reis, 1901-1969  
v. RÉGIO, José, pseud.

PEREZ, Rogério  
443, 514

PESSOA, Fernando, 1888-1935  
1-4, 6-16, 18-20, 22-30, 34-36, 38-48,  
52-59, 61-70, 72-75, 78, 161, 179, 226, 234,  
242, 244, 247, 258, 312, 329-330, 334, 344,  
350, 356, 363, 377-378, 385, 399, 409, 431,  
444-453, 469, 477, 502, 504, 507-508, 518,  
537, 546

PETRUS, pseud.  
79, 99, 454

PIEADADE, Ana Nascimento, 1954-  
262, 486

PIMENTA, Alberto, 1937-  
455

PINHARANDA, João  
456

PORTUGAL. Biblioteca Nacional  
458

PORTUGAL, Ana Paula  
457

PORTUGAL, Boavida  
209

POST, H. Houwens, 1904-  
459-460

## Q

QUADROS, António, 1927-  
87, 91, 108, 241, 462-464

QUEIRÓS, Carlos, 1907-1949  
465

QUEIRÓS, Vasco de Barros  
466

## R

RAMOS, Cândida  
84

RAMOS, Feliciano, 1904-  
467-468

RAMOS, Luís A. de Oliveira  
469

REBELO, Luís Francisco, 1924-  
81, 470-473

RÉGIO, José, pseud.  
177, 346, 394, 474-485

REIS, Carlos, 1950-  
486

RIBEIRO, Aquilino, 1885-1963  
557

ROCHA, Adolfo Correia da, 1907-  
v. TORGA, Miguel, pseud.

ROCHA, Andrée Crabbé, 1917-  
226-227, 487

ROCHA, Clara Crabbé, 1955-  
263

RODRIGUES, Armando Côrtes, 1891-1971  
231, 238, 444

RODRIGUES, José  
163, 212

RODRIGUES, Urbano Tavares, 1923-  
83, 489-492

ROSA, António Ramos, 1924-  
493

ROSAS, Ernâni  
283-284

ROSSI, Giuseppe Carlo, 1908-  
494

## S

SÁFADY, Naief  
496

SALEMA, Álvaro, 1914-  
497

SAMPAIO, Albino Forjaz de, 1884-1949  
239, 389

SAMPAIO, Ernesto  
176

SAMPAIO, Nuno de, 1925-  
498-499

SARAIVA, António José, 1917-  
500

SARAIVA, Arnaldo, 1939-  
95, 501-504

SARDO, Francisco  
505

SASPORTES, José  
506

SCHILLER, Friedrich, 1759-1805  
21

SENA, Jorge de, 1919-1978  
119, 447, 507-510

SERRÃO, Joel, 1919-  
238, 444, 511-513

SILVA, Adelino Tavares da  
514

SILVA, Rodrigues da  
515

SIMÕES, João Gaspar, 1903-1987  
110-111, 124, 134, 189, 201, 355, 445,  
516-546

SIMÕES, Manuel Breda, 1922-  
547  
SIRCOANERA, Mário de, pseud.  
139, 183, 197, 205, 213-214  
v. tb. CARNEIRO, Mário de Sá, 1890-1916  
SOUSA, José Nunes de  
548  
SOUSA, Maria Leonor Machado de, 1932-  
549-551  
SOUSA, Ricarte Dácio de, 1937-  
552

## T

TAGARRO, José  
465  
TORGA, Miguel, pseud.  
346  
TORIELLO, Fernanda  
118, 165, 240, 365, 553-554  
TORRES, Alexandre Pinheiro  
174

## V

VEIGA, Pedro  
v. PETRUS, pseud.  
VERDE, Cesário, 1855-1886  
179  
VIEIRA, António Bracinha  
556

## W

WALLENSTEIN, Carlos  
203  
WOLL, Dieter  
264, 411, 437, 557-559

## Z

ZAGORIANSKY, Petrus Ivanovitch  
119, 127-128

## ÍNDICE DE TÍTULOS\*

- 5 horas  
120, 146
- 7  
121
- 16  
122
- Os 30 anos do «Orpheu» [...] 265
- 800 anos de poesia portuguesa 146
- A**
- À la mémoire de Mário de Sá-Carneiro 354
- A propósito da «Dispersão» de [...] 516
- A propósito da «Dispersão» em [...] 547
- A propósito de um artigo – A campa de Mário de Sá-Carneiro 292
- A propósito de uma grande avenida 343
- A um suicida 123
- Abriço 124, 193-194
- Acerca de uma tese alemã sobre a lírica de [...] 368
- Actas [do] III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros 293
- Ainda uma interpretação de Modernismo 474
- L'alba della dispersione in «João Jacinto» di Mário de Sá-Carneiro 553
- Álcool 125
- Além  
1, 57, 79-80, 126-128; 425, 440
- «Além» e «Bailado» de Petrus Ivanovitch Zagoriansky 125-126
- Além – tédio 2
- Algumas notas a respeito da poesia de [...] 407
- Algumas notas biográficas sobre [...] 336
- Alma  
81, 129, 338, 395, 471-472
- A alma amortalhada 246, 370
- Amizade  
82, 250-251, 269, 514
- «Amizade» de Tomás Cabreira Júnior e Mário de Sá-Carneiro 269

\* O nome de Mário de Sá-Carneiro aparece, ao longo da Bibliografia, sem hífen quando se trata de autoria atribuída pela BN, de acordo com os princípios estabelecidos para o ficheiro de autoridade, e com hífen sempre que o próprio, ou terceiros, o utilizaram. Os números em redondo referem-se a títulos principais e/ou secundários. Os números em itálico indicam citação ou assunto.

Amor vencido  
130

Um aniversário – «Orpheu»  
424

Anthologie de la poésie portugaise du XX<sup>e</sup>  
siècle  
173

Anto  
131

Antologia da poesia portuguesa  
174

Antologia da poesia portuguesa erótica e satí-  
rica  
172

Antologia de la poesía portuguesa contempo-  
ránea  
175

Antologia do conto fantástico português  
153

Antologia do humor português  
176

Antologia moderna  
273

António Nobre precursor da poesia moderna  
517

Ao sr. Mário de Sá-Carneiro  
488

Ápice  
132

Apoteose  
3, 133, 159

Apreciações literárias  
448

Aqueloutro  
134, 224

Aquilino Ribeiro, a pintura futurista italiana e  
a literatura de «Orpheu»  
557

Aspectos estilísticos da poesia de [...]  
260

## B

Bailado  
4, 57-58, 128

Bárbaro  
135

A batalha do Marne  
5, 136

Bebedeira  
6, 59

Beijos  
137-138, 162

Bilhete postal  
41

Bilhete postal ilustrado  
31-40, 42-50

Breve ensaio sobre o Modernismo  
367

## C

Cadernos de poesia  
516

O caixão  
138

Caminhos e ansiedades da poesia portuguesa  
contemporânea  
272

Campainhada  
7

As campos de Xavier de Carvalho e de Mário  
de Sá-Carneiro [...]  
328

Canção: «As grandes Horas! – vivê-las»  
[1.<sup>o</sup> v.]  
140

Canção de declínio  
141, 216, 225

Cancioneiro – I Salão dos Independentes  
225

Caranguejola  
142, 224

Carta  
51-75

Carta a Fernando Pessoa  
226

Carta a José Pacheco  
227

Carta de Mário de Sá-Carneiro [a Edmundo  
de Bettencourt]  
228

Carta inédita de [...] a Luís de Montalvor  
229

Uma carta inédita de [...] Milton de Aguiar  
230

Uma carta inédita de [...] a Côrtes-Rodrigues  
231

Uma carta inédita de Sá-Carneiro [ao director  
da revista «Pátria Portuguesa»]  
232



- Uma carta inédita de [...] em que se prova [...] 233
- Carta para Fernando Pessoa 234
- Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues 444
- Cartas a Fernando Pessoa  
1, 15, 27, 52-59, 61-64, 67-70, 72-75, 78, 83, 226, 234, 356, 403, 490, 496, 518
- Cartas a José «Pacheko» 235
- Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões 445
- Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa 399, 469
- Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco 84
- Cartas de Mário de Sá-Carneiro [a uma actriz do «pequeno teatro de Montmartre»] 236
- Cartas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa 507-508
- Cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro 237
- Cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro a Armando Côrtes-Rodrigues 238
- Casa da Comédia – Mário de Sá-Carneiro e José Régio 381
- O caso do «Orpheu» 143
- Um caso típico de subjectivismo poético 519
- Certa voz na noite, ruivamente... 144
- Céu em fogo  
1, 4, 18, 85-87, 325, 341, 520-521
- «Céu em fogo» de Mário de Sá-Carneiro, uma obra datada 520
- Céu em fogo, novelas, por [...] 521
- Cinco horas 120, 146
- Cinetism in the imagery of Mário de Sá-Carneiro's modernista poetry 459
- O cinquentenário da morte de Mário de Sá-Carneiro assinalado no Brasil 276
- Como eu não possuo 8, 147
- A complexa relação de Mário de Sá-Carneiro com o cubismo 386
- O conceito de poesia como expressão de cultura 308
- A confissão de Lúcio 88-94, 148, 266, 267, 270, 281-282, 335, 343, 483, 522-524, 558
- «A confissão de Lúcio» – novela introspectiva? 522
- «A confissão» de Mário de Sá-Carneiro 523-524
- Conhecimento da poesia 430
- Considerações pessoais 414
- Un conte inédit de Mário de Sá-Carneiro – biographie ou autoportrait? 300
- Contribuição para o estudo do «Motivo» do tédio nas obras poéticas de Fernando Pessoa (ortónimo) e de Mário de Sá-Carneiro 258
- As correntes e as individualidades na moderna poesia portuguesa 480
- Correspondência enviada a Albino Forjaz de Sampaio [...] 239
- Correspondência inédita de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa 26, 34-36, 38-48, 65-66, 95
- Corrispondenza per António Ferro, José Paulino de Sá Carneiro, Ricardo Teixeira Duarte 240
- Crise lamentável 9, 149
- Crítica – V 529-530

## D

- Da poesia portuguesa  
509
- Decifrando «A confissão de Lúcio»  
558
- Defesa e ilustração da poesia portuguesa viva  
355
- Desquite  
150
- A dialéctica do espaço-tempo nas novelas de Sá-Carneiro  
372
- Dicionário de literatura  
489
- Dieter Woll – Wirklichkeit und Idealität in der Lyrik Mário de Sá Carneiro [...] 411, 437
- Discurso sobre a reabilitação do real quotidiano  
304
- Dispersão  
2, 6, 8, 10, 13, 19, 23-24, 25, 27, 30, 96-97, 151-152, 211, 296, 516, 547
- Distante melodia  
11, 62
- Diversidade e unidade em Fernando Pessoa  
312
- Do Simbolismo ao «Orpheu»  
423
- Doação João Pinto de Figueiredo: catálogo  
31, 33, 50, 76, 458
- Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro [a António Ferro]  
241
- Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa  
242
- Duas cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro para Alfredo Guisado  
243
- Duas obras representativas da geração da «Orpheu»  
325

## E

- El-Rei  
146, 224
- O elemento negro na novelística de [...] 549

- Encruzilhadas de Deus  
310
- Ensaios de interpretação crítica  
476
- O enterro de Mário de Sá-Carneiro  
298
- Entre desejo e repulsa ou o outro lado do espelho  
278
- Entre dois lados  
327
- Entre Fialho e Nemésio  
373
- A epistolografia em Portugal  
226-227, 487
- Ernâni Rosas e Sá-Carneiro  
283-284
- Eros de passagem  
163
- Escala  
12
- Escavação  
13
- Escritos de teatro  
401
- Espesso enigma  
316
- O espírito da obra  
499
- Esquema de um ensaio sobre a poesia do «Orpheu» e da «Presença»  
511
- O essencial sobre Mário de Sá-Carneiro  
263
- Estátua falsa  
14
- Estrada larga  
335, 380, 408, 484
- A estranha morte do Prof. Antena  
98, 153
- O estrume  
192
- Estudo crítico [sobre Mário de Sá-Carneiro]  
525
- Um estudo em inglês sobre Sá-Carneiro  
382
- Estudos de literatura portuguesa  
282, 284-285
- O eterno obstáculo  
154

Eu-outro o mesmo  
348  
Eugénio de Castro e a poesia nova  
468  
Evocação de Mário de Sá-Carneiro em Paris  
526  
O extinto e inextinguível Orpheu  
501

## F

O Fantasma  
224  
O fantástico na obra de Mário de Sá-Carneiro  
476  
O fascínio do teatro  
470  
Femenina  
15, 155  
Fernando Pessoa e a poesia do «Orpheu»  
409  
Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heterónima  
508  
Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro  
477  
Fernando Pessoa leitor de Mário de Sá-Carneiro  
344  
Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro  
247  
Fernando Pessoa, o Outro  
363  
A ficção portuguesa de vanguarda como estética e como cultura  
417  
Fim  
16, 156-157, 224  
O fixador de instantes  
158  
Le fixateur d'instant  
17  
Fotobibliografia de Fernando Pessoa  
334  
Fragmento de «Apoteose»  
159  
A frustração na obra poética de [...]  
498-499  
O fulgor da poesia  
493  
Função e forma do tradicional em [...]  
345

## G

A gente do «Orpheu» na minha memória  
306  
A geração do «Orpheu»  
428  
A geração do «Orpheu» – Mário de Sá-Carneiro  
527  
A geração do «Orpheu» – uma perspectiva do Modernismo  
311  
Um «golpe de asa»  
324  
O grande poeta Fernando Pessoa [...]  
350  
A grande sombra  
99, 160, 454  
«As grandes Horas! – vivê-las» [1.º v.]  
140

## H

Há vinte anos nestas colunas  
412  
Der Hanschuh  
21  
História da literatura portuguesa  
279, 467, 500  
História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX  
389  
História da poesia portuguesa do século XX  
124, 134, 189, 201, 527, 535  
História do movimento da «Presença»  
531  
História ilustrada das grandes literaturas  
374  
«Hoje, dia de todos os demónios [...]»  
304  
O homem contra o poeta em [...]  
349  
O homem dos sonhos  
18, 161  
Homens e problemas  
403  
O «horror» na literatura portuguesa  
551  
Hospital das letras  
330

## I

- Ícaro e Dédalo [...] 329-330  
Imaginação e rigor 318  
A impaciência da escrita 361  
Impressão íntima 365  
O incesto 100-101  
Indícios... 456  
Indícios de ouro 3, 7, 9, 11-12, 16, 20, 22, 29, 102, 135, 187, 248, 404, 429, 456, 528  
«Indícios de ouro», por Mário de Sá-Carneiro 429, 528  
Um inédito de Fernando Pessoa 446  
Um inédito de Mário de Sá-Carneiro: Beijos 162  
A inigualável 163  
Inquietação e presença 433  
Inter-sonho 19  
Intimidade espiritual da poesia modernista portuguesa 433  
Introdução à moderna poesia portuguesa 307  
Introdução à vida e à obra poética de [...] 462  
Introdução ao estudo do fantástico na obra de [...] 478  
Introdução ao teatro do «Orpheu» 317  
Invocando Mário de Sá-Carneiro 506  
Itinerário histórico da poesia portuguesa 544

## J

- João Jacinto 164-165, 553

- João Pinto de Figueiredo, «A morte de Mário de Sá-Carneiro» [...] 369  
O jogo em Mário de Sá-Carneiro 556  
José d'Almada Negreiros 288

## L

- Ladislau Ventura 166  
Uma leitura das poesias de [...] 550  
Ler e depois 371  
Libelo contra a poesia modernista 358  
Liberdade do espírito 519, 524  
A lírica de Mário de Sá-Carneiro vista por um alemão 559  
Líricas portuguesas 177  
Lisboa/Paris – uma vida 321  
Literatura, literatura, literatura... 532, 534  
Literatura portuguesa moderna e contemporânea 486  
Literatura viva 479  
O Lord 20, 146, 167-168  
Loucura... 103-104  
«Loucura...» – a agressão do corpo 457  
A Loucura, de Sá-Carneiro 319  
A luva 21

## M

- Manucure 169-170  
Maria Aliete Galhoz, «Mário de Sá-Carneiro» 529

- Maria Augusta  
171
- Maria da Graça Carpinteiro, «A novela poética de Mário de Sá-Carneiro»  
530
- Mário de Sá-Carneiro  
255, 259, 261, 275, 279, 285, 303, 331, 337, 373-374, 383, 388-389, 410, 413-414, 438, 442, 447-449, 454, 467, 480-481, 487, 489, 529, 531, 548, 552
- Mário de Sá-Carneiro: [selecção de poemas]  
172-180, 256
- Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) precursor do Surrealismo português  
460
- Mário de Sá-Carneiro, a autognose pela poesia  
287
- Mário de Sá-Carneiro, a imagem da arte  
277
- Mário de Sá-Carneiro, a sua poesia e o seu problema  
463
- Mário de Sá-Carneiro – a um poeta nada se recusa  
390
- Mário de Sá-Carneiro – alguns inéditos do poeta  
392
- Mário de Sá-Carneiro, António Ponce de Leão, «A alma» [...]  
395
- Mário de Sá-Carneiro, «Cartas a Fernando Pessoa» [...]  
356
- Mário de Sá-Carneiro – cem anos de solidão  
315
- Mário de Sá-Carneiro e a crítica oficial  
532
- Mário de Sá-Carneiro e a expressão do teatro  
338
- Mário de Sá-Carneiro e a génese de «Amizade»  
250
- Mário de Sá-Carneiro e José Régio  
394
- Mário de Sá-Carneiro – Ele Próprio o Outro  
257
- Mário de Sá-Carneiro em «Azulejos»  
105
- Mário de Sá-Carneiro em Coimbra  
267
- Mário de Sá-Carneiro et la genèse d'Amizade  
251
- Mário de Sá-Carneiro – Fotobiografia  
142, 252
- Mário de Sá-Carneiro morreu há 41 anos  
359
- Mário de Sá-Carneiro morreu há sessenta anos  
305, 332, 533
- Mário de Sá-Carneiro na sua primeira [segunda] fase  
358
- Mário de Sá-Carneiro na transição da prosa à poesia  
360
- Mário de Sá-Carneiro no Brasil  
391
- Mário de Sá-Carneiro no Círculo de Leitores  
322, 515
- Mário de Sá-Carneiro – o lúcido e o lúdico  
419
- Mário de Sá-Carneiro, o Orpheu e o Surrealismo  
534
- Mário de Sá-Carneiro – o poeta e a obra  
535
- Mário de Sá-Carneiro, o poeta na rua e na intimidade  
443
- Mário de Sá-Carneiro, oggi  
494
- Mário de Sá-Carneiro ou a ilusão da personalidade  
536
- Mário de Sá-Carneiro ou o «resvalamento»  
352
- Mário de Sá-Carneiro, «Poemas juvenis» [...]  
280
- Mário de Sá-Carneiro poeta da incompletude  
505
- Mário de Sá-Carneiro, poeta expressionista  
384
- Mário de Sá-Carneiro, por Maria Aliete Galhoz  
497
- Mário de Sá-Carneiro, por Maria Estela Guedes [...]  
375
- Mário de Sá-Carneiro – um ambiente ficcional  
420

- Mário de Sá-Carneiro visto por Almada Negreiros  
425
- Mário, eu próprio...  
455
- Mário (Orpheu) de Sá-Carneiro  
514
- Mário ou Eu próprio – o outro  
482
- A melancolia moderna  
396
- A mendiga  
181
- Meu amigo de alma  
106
- Miscelânea de estudos em honra do Prof. Vitorino Nemésio  
409, 558
- Missal de trovas  
185
- Mistério  
182
- O mistério da correspondência de Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa  
537
- O mistério da morte de Mário de Sá-Carneiro  
441
- O mistério da poesia  
536
- Le moderne et l'éternel dans la poésie portugaise contemporaine  
415
- Modernismo  
538
- O Modernismo em Portugal  
290
- O Modernismo – Em Portugal: o «Orpheu» e «Centauro»  
308
- Modernos de ontem e de hoje  
463
- O momento poético do Orpheu  
339
- Monólogo à força  
183
- O monólogo/diálogo do «Esfinge gorda»  
376
- Monte Carmelo – Monte Parnaso  
406
- Morre jovem o que os deuses amam  
351
- A morte de Mário de Sá-Carneiro  
253, 368
- A morte do poeta Sá-Carneiro  
299
- O movimento Futurista em Portugal  
133, 170, 432
- O mundo das imagens  
288
- N**
- Na eternidade do Café  
362
- Não  
184
- Narciso Ícaro de Sá-Carneiro e Orfeu Fausto Nogueira Pessoa  
464
- Nascimento e morte de Sá-Carneiro  
295
- Natureza em função da literatura  
539
- No cinquentenário de «Orpheu»  
333, 426
- No tempo do paulismo e do «Orfeu»  
320
- Nome de guerra  
335
- Nos caminhos da literatura  
268
- Nota de releitura de «A confissão de Lúcio» de «Nome de guerra»  
335
- Nota introdutória a «Alma» [...] 471-472
- Notas à margem da «Dispersão» de [...] 296
- A novela poética de Mário de Sá-Carneiro 249, 530, 540
- «A novela poética de Mário de Sá-Carneiro por Maria da Graça Carpinheiro»  
540
- Novos aspectos de Mário de Sá-Carneiro  
393
- Novos ensaios de literatura portuguesa  
343
- Novos temas  
541

**O**

- O mais belo livro  
209
- O mais belo livro dos últimos 30 anos  
210
- Oaristos  
310
- Obra completa – Poesia  
107
- Obra poética  
108, 462
- Obra poética de Mário de Sá-Carneiro  
256
- Obras de Sá-Carneiro  
435
- Ocaso e dispersão de Mário de Sá-Carneiro  
430
- Onde param as cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa?  
502
- [Opinião sobre «Missal de trovas» de Augusto Cunha e António Ferro]  
185
- Os órfãos do «Orpheu» e o romance heteronímico  
503
- O «Orpheu» e a literatura portuguesa  
450-451
- O «Orpheu» e a sua gente  
309
- Orpheu – Orfeu  
416
- Orpheu ou a poesia como realidade  
379
- O Orpheu ou cinquenta anos de Modernismo  
542

**P**

- O Pagem  
22
- Página dum suicida  
186
- Páginas de doutrina estética  
447
- Páginas íntimas e de auto-interpretação  
325
- Pamela Bacarisse, A alma amortalhada [...]  
370
- Panorama da literatura portuguesa  
436

- Panorame du Modernisme littéraire en Portugal  
357
- Para os «Indícios de oiro»  
3, 11, 187
- Paris 71  
466
- Paris e a guerra  
188
- Partida  
27, 189-190
- Os «Paúlicos» de luto [...]  
439
- Uma peça inédita de Mário de Sá-Carneiro [...]  
473
- Pequena história da moderna poesia portuguesa  
481
- Pequeno ensaio sobre o «Modernismo»  
543
- Pequeno ensaio sobre o movimento modernista português  
273
- Per una edizione critica dell'epistolario di [...]  
554
- Perfil de Mário de Sá-Carneiro  
512-513
- Perfis  
465
- Pessoa e Sá-Carneiro [...]  
378
- Pessoa, Sá-Carneiro e as três dimensões do Sensacionismo  
377
- Pied-de-Nez  
191
- Um poema de juventude – «O estrume»  
192
- Poemas de Paris  
193-194
- Poemas juvenis  
109
- Poemas sem suporte  
195
- Poesia  
107
- A poesia da moderníssima geração  
271
- A poesia de Mário de Sá-Carneiro  
486

- Uma poesia inédita de Mário de Sá-Carneiro a Milton de Aguiar  
196
- A poesia juvenil de Mário de Sá-Carneiro  
340
- A poesia modernista – de «Orpheu» a «Altitude»  
274
- A poesia modernista em Portugal  
402
- Poesias  
2-3, 6-14, 16, 19-20, 22-30, 110-112, 384, 525
- Poesias completas  
113-115
- O poeta é um fingidor  
507
- O poeta – «O voo de Ícaro»  
332
- O poeta Sá-Carneiro no quadragésimo aniversário da sua morte  
286
- Os poetas de «Orpheu»  
297
- Poetas portugueses  
202
- Poetas portugueses dos séculos XIX e XX  
203
- Poetas portugueses modernos  
178
- «Porque razão desdenhais» [1.º v.]  
197
- Um pouco mais de sal  
397
- [Prefácio a] Cartas a Fernando Pessoa  
490
- Prefácio [a «Céu em fogo»]  
341
- Le premier poème de Sá-Carneiro?  
301
- «Presença» ou a contra-revolução do Modernismo  
380
- O primeiro modernismo – a geração do «Orpheu»  
544
- Um primeiro plano em «A confissão de Lúcio»  
483
- Princípio  
116-117, 198-199, 217, 461
- «Princípio» – novelas [...] 461
- A profecia  
193
- Prolongamentos do interesse literário pelo horror no século XX  
551
- A prosa poética do Simbolismo do fim do século XIX à geração do Orpheu  
293
- Psicologia barroca do poeta [...] 385
- O público e a revista  
353
- Q**
- Quadras para a desconhecida  
200
- «Quando eu morrer batam em latas»  
305
- Quase  
201-203, 327
- Quasi  
23, 219
- Quatre lettres inédites de Mário de Sá-Carneiro à Philéas Lebesgue (1912-1913)  
400
- Quatre poètes portugais  
179
- A queda  
24, 204
- «Quem me dera, meu amor» [1.º v.]  
205
- A questão de Mário de Sá-Carneiro  
484-485
- A questão estética em Mário de Sá-Carneiro  
262
- R**
- Realidade e idealidade na lírica de Sá-Carneiro  
264
- Realismo fantástico e simbolismo dos trajés na «Confissão de Lúcio»  
270
- Recordar é viver  
206
- O Recreio  
207
- O Resgate  
208



[Resposta ao inquérito] «O mais belo livro»,  
[de Boavida Portugal]

209

Uma resposta de Mário de Sá-Carneiro [ao  
inquérito «O mais belo livro dos últimos  
30 anos»]

210

Retrato de Mário de Sá-Carneiro

387

A revista trimestral de literatura – «Orpheu»

289

La ricerca infinita

118, 165, 240, 365, 553-554

A riqueza sofredora de uma obra fascinante

342

Rodopio

25, 211

## S

Sá-Carneiro

500

Sá-Carneiro – a asa que se elançou... mas não  
voou

366

Sá-Carneiro analisado à lupa

495

Sá-Carneiro despede-se de Fernando Pessoa

244

Sá-Carneiro e a poesia nova

468

Sá-Carneiro e Pessoa – diálogo impossível no  
Teatro Aberto

431

Sá-Carneiro em Paris

323

Sá-Carneiro lettres à l'inconnue

302

Sá-Carneiro, Mário de – Cartas a Fernando  
Pessoa [...]

496

Sá-Carneiro, Mário de, «Indícios de oiro» [...]

404

Sá-Carneiro, Miguel Torga, José Régio [...]

346

Sá-Carneiro, o rasto duma alma que se queimou

347

Sá-Carneiro, poeta da soledade

405-406

Sá-Carneiro prosador

294

Salomé

212, 421

Uma «Salomé» do tempo do Orpheu

421

Sarça erótica

160

«Se p'ra me qu'eres é forçoso» [1.º v.]

213

[Seleção de poemas]

167-175

Sem jeito para o negócio

398

Um semi-inédito de Mário de Sá-Carneiro

422

«Senhora dos olhos lindos» [1.º v.]

214

Serradura

26, 215

Sexta canção de declínio

216

O sexto sentido

217

O simbolismo do fogo em [...]

268

Simplesmente...

27, 218

A sinceridade na poesia de [...]

408

Sobre a última carta de Sá-Carneiro para Pessoa

504

Sobre o movimento do «Orpheu»

313-314

Soltas considerações sobre a literatura contem-  
porânea

434

Statua fittizia

219

Sugestão

28, 66

O Surrealismo na poesia portuguesa

125

## T

Tábua bibliográfica – Mário de Sá-Carneiro

452

Taciturno

29, 65, 220

O teatro-arte

221

- O tema da morte  
491
- O tema da morte na moderna poesia portuguesa  
492
- Temas  
543
- Temas de cultura portuguesa  
513
- Tempo e momento de Pessoa. Destino de [...]  
363
- Tendências do lirismo contemporâneo  
310
- Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa  
545
- As tendências orfaicas e o saudosismo  
364
- Tentativa de um panorama coordenado da literatura portuguesa de 1901 a 1950  
510
- Three twentieth-century Portuguese Poets  
438
- Torniquete  
222
- Tragédia  
223
- Três cartas inéditas de Mário de Sá-Carneiro [a Gilberto Rola Pereira do Nascimento]  
245
- Três peças em um acto  
482
- U**
- Último soneto  
224
- Os últimos poemas de Mário de Sá-Carneiro  
224
- Um século de poesia  
376, 501
- Uma das «Sete canções do declínio»  
225
- Os universos opostos  
291
- V**
- Vão ser publicados os poemas inéditos de [...]  
453-555
- Variações sobre um corpo  
212
- A velhice da poesia modernista  
326
- Vida e obra de Fernando Pessoa  
546
- Visitas de cerimónia a Sá-Carneiro jovem  
401
- O vocabulário das poesias de [...]  
254
- Vontade de dormir  
30
- W**
- Wirklichkeit und Idealität in der Lyrik [...] 411, 437
- Z**
- Zagoriansky  
119
- Zina Maria Bellodi, «Função e forma do tradicional em Mário de Sá-Carneiro»  
345

## ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS \*

### A

- Acto, *Lisboa*  
123, 200
- Afinidades, *Lisboa*  
407, 511
- A Águia, *Porto*  
18, 158, 182
- Aléo, *Lisboa*  
423
- Alma Nova, *Lisboa*  
184, 289
- Almanaque do Século, *Lisboa*  
168
- Almanaque dos Palcos e Salas, *Lisboa*  
137
- Altitude, *Coimbra*  
274
- Arquivo de Bibliografia Portuguesa, *Coimbra*  
239
- Athena, *Lisboa*  
224, 449
- Atlântico, *Lisboa*  
320
- Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte,  
*Münster*  
400, 550, 557
- Azulejos, *Lisboa*  
130, 139, 166, 171, 181, 183, 186, 197,  
205-206, 213-214, 223

### B

- Biblos, *Coimbra*  
267
- Boletim – Centro de Estudos Portugueses,  
*Belo Horizonte*  
324, 327, 366
- Boletim da Biblioteca Pública Municipal de  
Matosinhos, *Matosinhos*  
385
- Boletim de Filologia, *Lisboa*  
310
- Boletim do Gabinete Português de Leitura,  
*Porto Alegre*  
349, 410
- Brotéria, *Lisboa*  
274, 287, 326, 383, 404-405
- Bulletin des Études Portugaises, *Lisbonne*  
138, 270, 301, 356-357, 415, 549
- Bulletin of Spanish Studies, *Liverpool*  
437

### C

- A Capital, *Lisboa*  
143
- Centauro, *Lisboa*  
308
- O Chinó, *Lisboa*  
145

\* Os números em redondo referem-se a entradas secundárias. Os números em itálico indicam citação.

- A Cidade, *Portalegre*  
394
- Cidade Nova, *Coimbra*  
242
- Colóquio, *Lisboa*  
218, 281, 283, 329, 378, 422, 446, 469, 559
- Colóquio. Artes, *Lisboa*  
235, 386
- Colóquio. Letras, *Lisboa*  
237, 277, 280, 345, 369-370, 375, 377, 382,  
391, 395, 504, 556
- A Comarca de Arganil, *Arganil*  
350
- O Comércio do Porto, *Porto*  
314, 442, 478, 483, 485
- Contemporânea, *Lisboa*  
20, 120, 140, 167, 194, 233
- Cultura Portuguesa, *Lisboa*  
129, 336, 338, 471
- D**
- Diário da Manhã, *Lisboa*  
303
- Diário de Lisboa, *Lisboa*  
142, 269, 276, 292, 322, 325, 328, 331,  
397-398, 417, 424, 443, 453, 457, 495,  
497, 506, 514-515, 528
- Diário de Notícias, *Lisboa*  
243, 278, 294, 298-299, 333, 337, 342, 381,  
464, 518, 521, 540, 547
- Diário Ilustrado, *Lisboa*  
15, 155, 199, 234, 359
- Diário Popular, *Lisboa*  
196, 230, 241, 392, 428, 526, 537
- E**
- Estudos, *Coimbra*  
402
- Estudos Italianos em Portugal, *Lisboa*  
219
- Expresso, *Lisboa*  
323, 351, 420
- G**
- A Galera, *Coimbra*  
131, 135, 208
- Gazeta Musical e de Todas as Artes, *Lisboa*  
162, 512
- Graal, *Lisboa*  
492
- Grande Reportagem, *Lisboa*  
441
- H**
- O Heraldo, *Faro*  
127, 151, 548
- I**
- Ilustração Portuguesa, *Lisboa*  
5, 25, 136, 198, 211, 217
- J**
- J. L., *Lisboa*  
156, 275, 295, 316, 318, 321, 340, 348, 362,  
390, 431, 455, 470, 493
- O Jornal, *Lisboa*  
502
- Jornal de Letras e Artes, *Lisboa*  
159, 229, 317, 319
- L**
- Lácio, *Lisboa*  
147, 152, 190, 204
- M**
- Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras, *Lisboa*  
473
- Modern Poetry in Translation, *London*  
175
- O Mundo, *Lisboa*  
266, 388
- Mundo Literário, *Lisboa*  
523
- N**
- Nova Renascença, *Porto*  
192-193, 236, 302, 344
- Novidades, *Lisboa*  
347
- O**
- Ocidente, *Lisboa*  
296-297, 368, 399, 459-460, 468
- Orpheu, *Lisboa*  
3, 11, 28-29, 143, 187, 195, 274, 289, 293,  
297, 306, 308-309, 311, 313-314, 317, 320,

- 325, 333, 339, 379, 409, 416, 418, 421,  
423-424, 426-428, 446, 450-451, 488, 501,  
503, 509, 511, 527, 534, 542, 544, 557
- Orpheu 3, *Porto*  
193
- P**
- Palavras, *Lisboa*  
419, 421
- Panorama, *Lisboa*  
393
- Pátria Portuguesa, *Lisboa*  
232
- Persona, *Porto*  
210, 387, 503
- Pirâmide, *Lisboa*  
126
- Portugal Artístico, *Lisboa*  
144
- Portugal Futurista, *Lisboa*  
191, 207, 222
- Presença, *Coimbra*  
132, 141, 149-150, 228, 354-355, 380, 413,  
452, 475, 479, 511, 531, 538
- O Primeiro de Janeiro, *Porto*  
148, 286, 306, 353, 360, 426, 477, 520, 522,  
542
- Público, *Lisboa*  
291, 315, 352, 361, 396, 456, 552
- R**
- Rebate, *Lisboa*  
221
- A Renascença, *Lisboa*  
126
- República, *Lisboa*  
209, 220, 265, 309, 311, 412, 416, 439
- A Restauração, *Lisboa*  
188
- Revista da Universidade de Coimbra, *Coim-  
bra*  
164, 300
- Revista de História Literária de Portugal,  
*Coimbra*  
411
- Revista de Letras, *Assis (Brasil)*  
496
- Revista de Portugal, *Coimbra*  
216, 429, 435, 465
- Rumo, *Lisboa*  
498
- S**
- Seara Nova, *Lisboa*  
238, 307, 372, 434, 545
- O Século, *Lisboa*  
154, 157, 244, 305, 332, 461, 533
- O Século Cómico, *Lisboa*  
169
- Sibila, *Castelo Branco*  
232
- Síntese, *Coimbra*  
367
- SW - Sudoeste, *Lisboa*  
215
- T**
- Tempo Presente, *Lisboa*  
231, 364
- Terra Nossa, *Estremoz*  
121-122, 418
- Tetracórnio, *Lisboa*  
379, 510
- Tricórnio, *Lisboa*  
450
- V**
- Vértice, *Coimbra*  
345-505

## ÍNDICE GERAL

|                                                                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO . . . . .                                                                                    | 9  |
| ESTUDOS                                                                                                   |    |
| Itinerário humano de Mário de Sá-Carneiro<br>por <i>Maria Aliete Galhoz</i> . . . . .                     | 13 |
| Algumas marcas simbolistas na poesia de Sá-Carneiro<br>por <i>Paula Morão</i> . . . . .                   | 23 |
| Sá-Carneiro, Aquilino Ribeiro e o futurismo<br>por <i>Dieter Woll</i> . . . . .                           | 31 |
| Os olhos futuristas<br>por <i>Fernando Cabral Martins</i> . . . . .                                       | 47 |
| Mário de Sá-Carneiro ou a reposição permanente dos enigmas<br>por <i>Ana Nascimento Piedade</i> . . . . . | 53 |
| CRONOLOGIA                                                                                                |    |
| Cronologia da vida e obra de Mário de Sá-Carneiro<br>por <i>Marina Tavares Dias</i> . . . . .             | 63 |
| BIBLIOGRAFIA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO                                                                      |    |
| Nota explicativa . . . . .                                                                                | 71 |
| I. Manuscritos . . . . .                                                                                  | 73 |
| A. Manuscritos de Mário de Sá-Carneiro                                                                    |    |
| 1. Poesia e prosa . . . . .                                                                               | 75 |

|                                                                                         |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 2. Cartas . . . . .                                                                     | 80  |
| B. Cartas a Mário de Sá-Carneiro . . . . .                                              | 88  |
| II. Impressos . . . . .                                                                 | 89  |
| A. Bibliografia activa                                                                  |     |
| 1. Monografias. Poesia e prosa . . . . .                                                | 91  |
| 2. Textos dispersos em monografias<br>e publicações periódicas                          |     |
| 2.1 Poesia e prosa . . . . .                                                            | 97  |
| 2.2 Cartas . . . . .                                                                    | 109 |
| B. Bibliografia passiva                                                                 |     |
| 1. Monografias . . . . .                                                                | 113 |
| 2. Estudos e referências dispersos em monografias<br>e publicações periódicas . . . . . | 116 |

## ÍNDICES

|                                            |     |
|--------------------------------------------|-----|
| Índice onomástico . . . . .                | 159 |
| Índice de títulos . . . . .                | 165 |
| Índice de publicações periódicas . . . . . | 177 |

Esta edição, de que se fizeram 1000 exemplares, foi impressa pelo  
ENCLAVE DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL DA BN  
composta e montada por  
JOSÉ MANUEL SERRANO – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
selecção de cores e impressão pela  
SOC. IND. GRÁFICA TELLES DA SILVA, LDA.

1.ª Edição – Julho 1990

© Biblioteca Nacional – 1990

Depósito Legal: 39789/90

ISBN 972-565-082-2



Mario de Sa - Carneiro

---

*Um pouco mais de sol — eu era brasa,  
Um pouco mais de azul — eu era além.  
Para atingir, faltou-me um golpe d'asa...  
Se ao menos eu permanecesse alguém...*

.....

Há sempre um *além* na obra de Mário de Sá-Carneiro. Como se a sua arte ansiasse possuir toda a cor, luz e movimento sonhados. Daí a intensa dramatização que procurou dar à poesia, «zebrada» de roxo e ouro, suspensa em dispersão e mistério... Daí, também, a procura incessante da «grande sombra que se sente e se não vê», a *alma* ou «arquitectura interior» das palavras, cuja plasticidade desafia as fronteiras da escrita.

Qual espelho que em negra luz reflecte esse «vislumbre» é esta evocação que ilustra as autografias do poeta.

- I. ALMADA NEGREIROS  
*Mário de Sá-Carneiro*  
Gravura, matriz de acrílico trabalhada a buril 7/80, 76,1×56,6 cm. Col. CAM/FCG
- II. CRUZEIRO SEIXAS  
*Ravinas da cidade futura*  
Tinta da china sobre papel, 25×33 cm
- III. GRACINDA DE SOUSA  
*Encalhei dentro de mim, I, 1990*  
Tinta da china sobre papel, 29,7×21 cm
- IV. GRACINDA DE SOUSA  
*Encalhei dentro de mim, II, 1990*  
Tinta da china sobre papel, 29,7×21 cm
- V. JOÃO ABEL MANTA  
*Mário de Sá-Carneiro*  
Colagem sobre papel, 27,7×37,5 cm
- VI. JOÃO ABEL MANTA  
*Mário de Sá-Carneiro*  
Colagem sobre papel, 37×26,5 cm
- VII. JOAQUIM CARVALHO  
*Dispersão I, 1990*  
Técnica mista sobre papel, 65×50 cm
- VIII. JOAQUIM CARVALHO  
*Dispersão II, 1990*  
Técnica mista sobre papel, 65×50 cm
- IX. JOSÉ NARCISO  
*Aos poetas de agora, 1989*  
Pastel com cola sobre madeira, 100×70 cm
- X. LUÍS FÉLIX MARQUES  
*Esfinge gorda, 1990*  
Óleo sobre tela, 60×81 cm
- XI. LUÍS FÉLIX MARQUES  
*Morreram-me meninos nos sentidos, 1990*  
Óleo sobre tela, 60×81 cm

- XII. MARIA DA PAZ NÓBREGA  
*Canções de declínio*, 1990  
Aquarela sobre papel, 25×16 cm
- XIII. MARIA DA PAZ NÓBREGA  
*Dispersão*, 1990  
Aquarela sobre papel, 25×16 cm
- XIV. MARIA DA PAZ NÓBREGA  
*A queda*, 1990  
Aquarela sobre papel, 25×16 cm
- XV. MÁRIO BOTAS  
*Como eu não possuo*, 1980  
Tinta da china e aquarela sobre papel, 38×27,7 cm
- XVI. MÁRIO BOTAS  
*El-Rei*, 1975  
Tinta da china e aquarela sobre papel, 22×16,2 cm
- XVII. MÁRIO BOTAS  
*Sá-Carneiro*, 1983  
Tinta da china e aquarela sobre papel, 25,7×17,5 cm
- XVIII. MIGUEL MIRA  
*Mário de Sá-Carneiro*, 1990  
Tinta da china sobre papel, 21×59,4 cm
- XIX. PAULO CARDOSO  
*Apoteose: Mastros quebrados, singro num mar de Ouro*, 1990  
Técnica mista sobre tela, 146×291 cm
- XX. PAULO CARDOSO  
*...Começam-me a lembrar anéis de jade | de certas mãos que um dia  
possuí — e ei-los, de sortilégio, já enroscando o ar...*, 1990  
Técnica mista sobre tela, 100×81 cm
- XXI. PAULO CARDOSO  
*Há Oiro marchetado em mim, a pedras raras, | Oiro sinistro  
em sons de bronzes medievais —*, 1990  
Técnica mista sobre tela, 100×73 cm